

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**  
**DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**DOUTORADO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO**

**ROBERTO BONDARIK**

**COPA DO MUNDO FIFA DE 2014 NO BRASIL: UM DRIBLE MAROTO,  
DESEQUILIBRADO E DESCONCERTANTE NAS PROMESSAS DE  
LEGADO DE UM MEGAEVENTO ESPORTIVO**

**TESE**

**PONTA GROSSA**

**2018**

**ROBERTO BONDARIK**

**COPA DO MUNDO FIFA DE 2014 NO BRASIL: UM DRIBLE MAROTO,  
DESEQUILIBRADO E DESCONCERTANTE NAS PROMESSAS DE  
LEGADO DE UM MEGAEVENTO ESPORTIVO**

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Engenharia de Produção, do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Alberto Pilatti.

Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Isaura Alberton de Lima.

**PONTA GROSSA**

**2018**

Ficha catalográfica elaborada pelo Departamento de Biblioteca  
da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Ponta Grossa  
n.52/18

B711 Bondarik, Roberto

Copa do Mundo FIFA de 2014 no Brasil: um drible maroto, desequilibrado e  
desconcertante nas promessas de legado de um megaevento esportivo. / Roberto  
Bondarik. 2018.

97 f.; il. 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Alberto Pilatti.

Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Isaura Alberton de Lima

Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em  
Engenharia de Produção, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa,  
2018.

1. Copas do mundo (Futebol). 2. Estádios. 3. Eventos esportivos. 4. Turismo -  
Desenvolvimento. 5. Transporte urbano. I. Pilatti, Luiz Alberto. II. Lima, Isaura Alberton  
de. III. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. IV. Título.

CDD 670.42



**Universidade Tecnológica Federal do Paraná**  
**Campus Ponta Grossa**  
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM**  
**ENGENHARIA DE PRODUÇÃO**



**FOLHA DE APROVAÇÃO**

Título da Tese Nº 20 /2018

**COPA DO MUNDO FIFA DE 2014 NO BRASIL: UM DRIBLE MAROTO,  
DESEQUILIBRADO E DESCONCERTANTE NAS PROMESSAS DE LEGADO DE UM  
MEGAEVENTO ESPORTIVO**

por

**Roberto Bondarik**

Esta tese foi apresentada às **08 horas e 30 minutos** de **24 de setembro de 2018**, como requisito parcial para a obtenção do título de **DOUTOR EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO**, com área de concentração em Gestão Industrial, **Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção (PPGE)**. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo citados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

---

**Prof. Dr. Miguel Archanjo de Freitas Júnior**  
(UEPG)

---

**Prof. Dr. Leandro Martinez Vargas**  
(UEPG)

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Claudia Tania Picinin**  
(UTFPR)

---

**Prof. Dr. Luís Mauricio Martins Resende**  
(UTFPR)

---

**Prof. Dr. Luiz Alberto Pilatti**  
(UTFPR)  
Orientador

---

**Prof. Dr. Antonio Carlos de Francisco**  
(UTFPR)  
Coordenador do PPGE

A FOLHA DE APROVAÇÃO ASSINADA ENCONTRA-SE NO DEPARTAMENTO DE REGISTROS ACADÊMICOS DA UTFPR -CÂMPUS PONTA GROSSA

À minha esposa Cidinha e aos meus filhos  
Bruno e Giulia Vitória.

## AGRADECIMENTOS

À minha esposa ***Maria Aparecida Gatti Peres Bondarik***, e aos meus filhos ***Bruno Bondarik Neto*** e ***Giulia Vitória Peres Bondarik*** por terem me proporcionado o tempo e o incentivo necessários a esta tarefa, abrindo mão de outras situações também preciosas em nossas vidas.

Ao meu orientador, ***Professor Luiz Alberto Pilatti***, por ter acreditado e investido seu tempo em mim, me adotado, pelo trabalho de me ensinar a pesquisar, a escrever e por me fazer vencer as limitações do tempo e da distância.

A minha coorientadora, ***Professora Isaura Alberton de Lima***, pelo apoio e pela segurança que me garantiram trilhar esse caminho e superar os percalços,

Aos meus ***colegas de curso***, pelo grande apoio e compartilhamento, pelo companheirismo e pelo sentimento de harmonia.

À ***Universidade Tecnológica Federal do Paraná***, Campus Ponta Grossa por ter construído a realidade deste curso.

Ao ***Campus Cornélio Procópio da Universidade Tecnológica Federal do Paraná***, pelo apoio necessário, proporcionando a possibilidade para que eu pudesse, integralmente, me dedicar ao curso, ao programa e a pesquisa.

***Aos companheiros de jornada ...***

## ***Bola de Meia, Bola de Gude***

***(Milton Nascimento)***

*Há um menino  
Há um moleque  
Morando sempre no meu coração  
Toda vez que o adulto balança  
Ele vem pra me dar a mão*

*Há um passado no meu presente  
Um sol bem quente lá no meu quintal  
Toda vez que a bruxa me assombra  
O menino me dá a mão*

*E me fala de coisas bonitas  
Que eu acredito  
Que não deixarão de existir  
Amizade, palavra, respeito  
Caráter, bondade alegria e amor  
Pois não posso  
Não devo  
Não quero  
Viver como toda essa gente  
Insiste em viver  
E não posso aceitar sossegado  
Qualquer sacanagem ser coisa normal*

*Bola de meia, bola de gude  
O solidário não quer solidão  
Toda vez que a tristeza me alcança  
O menino me dá a mão  
Há um menino  
Há um moleque  
Morando sempre no meu coração  
Toda vez que o adulto fraqueja  
Ele vem pra me dar a mão*

## RESUMO

BONDARIK, Roberto. **Copa do Mundo FIFA de 2014 no Brasil**: um dribble maroto, desequilibrado e desconcertante nas promessas de legado de um megaevento esportivo. 2018. 97 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa, 2018.

Este trabalho teve por objetivo identificar o legado da Copa do Mundo FIFA de 2014 no Brasil, nas categorias de Desenvolvimento Turístico, Mobilidade Urbana e Estádios. A pesquisa, de natureza documental, classifica-se como exploratória e qualitativa, sendo que a análise dos resultados se deu por meio da estatística descritiva. A realização desse megaevento somente é possível com o envolvimento do Governo de um Estado, dado as condições especiais exigidas. O engajamento governamental foi justificado pela promessa de investir na realização do mundial de futebol, oferecer obras e ações que, após a competição, continuariam a prestar-se ao uso da população, melhorando a qualidade em diversas categorias de obras e serviços. Foram analisadas as categorias de Desenvolvimento Turístico, Mobilidade Urbana e Estádios, retiradas de um conjunto de doze, reunidas em um plano de investimentos denominado “Matriz de Responsabilidades da Copa”. Os resultados auferidos levaram à conclusão de que não houve a entrega de um legado tal qual prometido nos planos iniciais. A contribuição deste trabalho reside na análise da relação entre organizações esportivas, Governos e as condições que ambos precisam construir para a realização de megaeventos esportivos.

**Palavras-chave:** Copa do Mundo FIFA; Megaevento Esportivo; Legado; Desenvolvimento turístico; Mobilidade urbana; Estádios;



## ABSTRACT

BONDARIK, Roberto. 2014 **FIFA World Cup in Brazil**: an upsetting, unbalanced, and rascally dribble in the legacy promises of a mega event sport. 2018. 97 p. Thesis (Doctorate Degree in Production Engineering) - Federal University of Technology - Paraná, Ponta Grossa, 2018.

This study had as the aim to identify the 2014 FIFA World Cup legacy in Brazil in the categories of Tourist Development, Urban Mobility, and Stadiums. The research of a documental nature classifies as exploratory and qualitative, being the analysis of the results made by descriptive statistics. The accomplishment of this mega event is only possible with the involvement of the Government of a State because of the special conditions required. The governmental engagement was justified by the promise to invest in the accomplishment of the World Soccer, offer work and actions which after the competition would continue being use of the population, improving the quality in several categories of work and services. It was analysed the categories of Tourist Development, Urban Mobility, and Stadiums taken from a set of twelve, gathered in a plan of investments called "Cup Responsibilities Matrix. " The reached results got to the conclusion that there wasn't the delivery of a legacy as it had been promised at the first plans. The contribution of this study is in the analysis of the relation among the sport organizations, Governments, and the conditions that both need to build for the accomplishment of sport mega events.

**Keywords:** FIFA World Cup; Sport Mega Event; Legacy; Tourist Development; Urban Mobility; Stadiums.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Síndrome de Megaeventos de Martin Muller.....	69
Quadro 2 - Exigências do Padrão FIFA para estádios e arenas multiuso .....	73

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Copas do Mundo FIFA, cidades-sede, estádios utilizados e estádios construídos, público total, média por partida e por estádios.....	57
Tabela 2 - Cidades-sede, estádios, capacidade, partidas disputadas e média de público.....	58
Tabela 3 - Valores financeiros arrecadados pela FIFA entre 2011 e 2014, inclusos aqueles referentes à FIFA World Cup 2014 .....	59
Tabela 4 - Chegadas de Turistas ao Brasil em cada mês / Anos de 2013-2014 em números de pessoas .....	60
Tabela 5 - - Quantidade de turistas internacionais presentes às Copas do Mundo FIFA de 2006, 2010 e 2014.....	60
Tabela 6 - Movimentação de Turistas e Visitantes Nacionais pelo Brasil durante a Copa do Mundo FIFA de 2014 (Dados de 15 de julho de 2014) .....	61
Tabela 7 - Gastos previstos para a realização da Copa do Mundo FIFA de 2014 no Brasil em USD (Matriz de Responsabilidades).....	62
Tabela 8 - Financiamento por instituição no total das categorias da Matriz de Responsabilidades .....	64
Tabela 9 -Valores previstos, contratados e executados, com a proporção ente aqueles previstos e os executados, para a realização da Copa do Mundo Fifa de 2014 no Brasil .....	65
Tabela 10 - Empreendimentos e Ações na categoria Desenvolvimento Turístico.....	67
Tabela 11 - Obras e ações na categoria de desenvolvimento turístico previstas e realizadas na cidade de Natal. ....	67
Tabela 12 - Ações e empreendimentos na categoria Mobilidade Urbana .....	70
Tabela 13 - Estádios, executores, valores previstos, financiados e executados, financiadores e execução física de cada projeto.....	75
Tabela 14 - Situação financeira e funcional dos Estádios / Arenas da FIFA World Cup 2014 utilizados para o torneio de futebol dos Jogos Olímpicos 2016 no Rio de Janeiro entre os anos de 2014 e junho de 2016. ....	76
Tabela 15 - Situação financeira e funcional dos Estádios / Arenas da Copa do Mundo de 2014 que não foram utilizados para o torneio de futebol dos Jogos Olímpicos 2016, entre os anos de 2014 e junho de 2016. ....	77

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AT&T	- American Telephone and Telegraf
BANRISUL	- Banco do Estado do Rio Grande do Sul S/A
BB	- Banco do Brasil S/A
BBC	- British Broadcasting and Telegraf
BNDES	- Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
BNE	- Banco do Nordeste S/A
CBD	- Confederação Brasileira de Desportos
CBF	- Confederação Brasileira de Futebol
CEF	- Caixa Econômica Federal
COI	- Comitê Olímpico Internacional
CONMEBOL	- Confederação Sul-Americana de Futebol
EUA	- Estados Unidos da América
FIFA	- Federation Internacional de Futebol Association
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFAB	- International Football Association Board (International Board)
INTELSAT	- International Telecommunications Satellite Organization
ISL	- International Sport Leisure
NASA	- National Aeronautics and Space Administration
OMT	- Organização Mundial do Turismo
PIB	- Produto Interno Bruto
UNWTO	- World Tourism Organization
USD	- Dólares norte-americanos (moeda - unidade de valor)

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO .....	12
1.2 PROBLEMA DE PESQUISA E HIPÓTESE .....	14
1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA .....	15
1.3.1 Objetivo Geral .....	15
1.3.2 Objetivos Específicos .....	15
1.4 JUSTIFICATIVA .....	15
1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO .....	17
<b>2 MARCO REFERENCIAL</b> .....	<b>18</b>
2.1 O FUTEBOL: MUNDIALIZAÇÃO E ESPETACULARIZAÇÃO .....	18
2.2 A COPA DO MUNDO FIFA COMO UM MEGAEVENTO ESPORTIVO .....	21
2.2.1 A Copa do Mundo FIFA, apelo e consumo midiático.....	25
2.3 A COPA DO MUNDO FIFA E O BRASIL.....	27
2.3.1 A Copa do Mundo FIFA e a candidatura do Brasil para 2014 .....	28
2.3.2 As adequações do Brasil para sediar a Copa do Mundo FIFA .....	32
2.3.3 Cidades-sedes da Copa do Mundo FIFA de 2014.....	35
2.3.4 A Copa do Mundo FIFA de 2014 no Brasil, em disputa .....	38
2.3.5 Resultados econômicos da Copa do Mundo FIFA de 2014.....	40
2.3.6 A transmigração do Estádio / Arena para os festivais populares.....	42
2.3.7 A Fifa Fan Fest da Copa Do Mundo FIFA de 2014 .....	45
2.4 O LEGADO DA COPA DO MUNDO FIFA DE 2014: DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO, MOBILIDADE URBANA E ESTÁDIOS.....	47
<b>3 METODOLOGIA E MÉTODOS</b> .....	<b>53</b>
3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA.....	53
3.2 NATUREZA DOS DADOS E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE .....	53
<b>4 RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÃO</b> .....	<b>56</b>
4.1 O CRESCIMENTO E A CONSOLIDAÇÃO DO FUTEBOL E DA COPA DO MUNDO FIFA.....	56
4.2 COPA DO MUNDO FIFA DE 2014 NO BRASIL, RESULTADOS FINANCEIROS E MOVIMENTAÇÃO TURÍSTICA .....	58
4.3 AS CATEGORIAS DE INVESTIMENTOS PARA A COPA DO MUNDO FIFA DE 2014 .....	61
4.4 OS RECURSOS FINANCEIROS E O FINANCIAMENTO GOVERNAMENTAL ..	63
4.5 DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO.....	66
4.6 MOBILIDADE URBANA.....	70
4.7 ESTÁDIOS .....	72
<b>5 CONCLUSÕES</b> .....	<b>81</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>85</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Durante o século XX ocorreu a transformação da prática desportiva que, de uma atividade de lazer e distinção social, passou a ser também um espetáculo cultural, apropriado e explorado economicamente pela indústria do entretenimento. Nos espetáculos esportivos as massas populares encontraram e compartilharam valores que lhes possibilitaram adquirir uma identidade de grupo, usufruir de momentos de entretenimento e distração que ocuparam seu tempo livre, conforme é descrito por Pierre Bourdieu (1993).

A espetacularização do esporte, com sua conseqüente transformação em atividade econômica, lhe possibilitou constituir-se como um campo com características específicas. O desenvolvimento tecnológico, com o advento das transmissões televisivas via-satélite, somadas à outras plataformas de comunicação período posterior à Segunda Guerra Mundial (1939-1945), possibilitou a midiaticização e a mercantilização do esporte como espetáculo em nível mundial (GIOVANNI, 2005; EICK, 2011).

O futebol é um exemplo de uma prática esportiva que se tornou potencialmente rentável do ponto de vista econômico, tendo se firmado internacionalmente sob o controle da *Fédération Internationale de Football Association* ou por sua abreviatura, FIFA (EICK, 2011). O futebol é disputado sob duas formas distintas: clubes ou associações, de onde advém o nome pelo qual a modalidade é chamada na língua inglesa “*football association*” e; por equipes e seleções representativas das federações nacionais (FRANCO JUNIOR, 2007, 2017; ZIMBALIST, 2015). A fórmula de disputa entre clubes permite competições anuais, torneios regionais, nacionais, continentais e mesmo mundiais permitindo que jogadores estrangeiros atuem nas equipes. A fórmula de seleções nacionais, com equipes que representando um país ou federação são compostas por atletas nativos ou nacionalizados. Em nível mundial a principal competição desenvolvida pela FIFA, é a *FIFA World Cup* (Copa do Mundo FIFA), ou Copa do Mundo, a forma abreviada que será adotada na condução deste trabalho e que possui o seu nome registrado como marca comercial pertencente à entidade. Essa competição internacional é disputada em suas diversas fases, estendendo-se das eliminatórias regionalizadas com acesso de todas as seleções das

federações filiadas FIFA, até a disputa que ainda em 2014 e 2018 envolvem 32 seleções, em um país previamente escolhido (SMIT, 2006; EICK, 2011; BROWN, 2015). A Copa do Mundo tornou-se um evento esportivo muito popular do mundo, interligando culturas e promovendo o intercâmbio de pessoas entre diversas regiões do mundo, mostrando países, economias e sociedades em seus aspectos potenciais, algo semelhante às Exposições Universais do século XIX (SANTOS, 2013; CHADE, 2014).

A Copa do Mundo proporciona uma grande atratividade que, para ser obtida, demanda grandes investimentos para a sua realização, marketing em escala internacional e uma extensa difusão através dos meios de comunicação (EICK, 2011). O objetivo de uma Copa do Mundo é atrair expectadores e consumidores, pois ela, somada a todo um conjunto de atividades, negócios e interesses associados, se apresenta como um produto esportivo e cultural (BOURDIEU, 1993; GIOVANNI, 2005; EICK, 2011).

O Brasil foi escolhido como sede da “**XX Copa do Mundo -2014**”, após um processo de seleção, em 30 de outubro de 2007. Processo que tratado de forma análoga a um jogo de futebol, possuiu diversos lances preocupantes e a aplicação de muitos dribles nos obstáculos que surgiram. O anúncio ocorreu em cerimônia realizada na sede da FIFA na Suíça, com a presença de autoridades governamentais brasileiras de diversos níveis: Presidente da República, Governadores de Estado e Prefeitos das diversas e então ainda pretensas, cidades-sede (CHADE, 2014; FRANCO JUNIOR, 2017). Selou-se um compromisso do Governo brasileiro com a FIFA para a realização do megaevento, acordo este que foi formalizado com a assinatura, em 2010, da “**Matriz de Responsabilidades da Copa**”. Este documento listou as diversas categorias de investimentos necessários, as obras e o seu detalhamento, os responsáveis governamentais por sua execução e a origem dos recursos financeiros que foram ou seriam utilizados (BIANCO, 2014; NETTO, 2017). Foram elencadas ações que não se restringiam apenas àquelas estritamente necessárias à realização da competição, mas também obras de transmissão de energia, mobilidade urbana, aeroportos, portos, etc (AMANN et all, 2016; MÜLLER, 2015-a, 2015-b, 2016; NETTO, 2017; ZIMBALIST, 2015).

O processo de candidatura do País, no qual procurou-se apontar as justificativas da participação governamental, por ações e financiamentos, deu-se por meio do compromisso de outorga de um legado, material e simbólico, materializado em um

conjunto de benefícios permanentes ou mesmo temporários à população e ao País. O legado, portanto, deveria ser, àquele momento, entregue pelo Governo à população através da realização da Copa do Mundo, sendo a competição o catalizador dessas ações. É a respeito deste legado, prometido durante o processo de preparação do megaevento e a sua efetivação material, que este trabalho trata (EICK, 2011; COAKLEY, SOUZA, 2015).

## 1.2 PROBLEMA DE PESQUISA E HIPÓTESE

A revisão de literatura relacionada à realização Copa do Mundo no Brasil, em sua edição de 2014, constatou a existência de poucos trabalhos de análise a respeito do legado prometido pelos organizadores deste megaevento esportivo, FIFA e Governo do Brasil, comparando-o com o legado efetivamente entregue. Considerou-se nesta busca três categorias de investimentos listados na “Matriz de Responsabilidades da Copa”: Desenvolvimento Turístico, Mobilidade Urbana e Estádios.

A natureza documental desta pesquisa, conduzida por meio dos relatórios oficiais, produzidos pelo Governo do Brasil, que apresentaram os resultados numéricos e foram publicados no *website* “Portal de Transparência da Copa”, permitiu a percepção dos resultados efetivos dos investimentos nas categorias supracitadas. A FIFA por sua vez, publicou em seu website oficial, os diversos relatórios sobre os resultados desta competição. Resultados que puderam ser confrontados ou comparados com arquivos hemerográficos, em especial ao do jornal “O Estado de São Paulo” que permitiram o acesso às notícias do período acompanhado pela pesquisa. Foram consideradas a visão particular da realidade e os objetivos que este veículo de comunicação, em especial, apresentou sobre o megaevento. Assim foi possível acompanhar o processo de candidatura do País e aquele que conduziu aos compromissos firmados entre os diversos entes envolvidos. Também a preparação, execução e realização da Copa do Mundo no Brasil. Assim considerado, indaga-se a respeito do problema que conduzirá este trabalho: **Qual foi o legado prometido e o efetivamente entregue pela Copa do Mundo FIFA de 2014 nas categorias de “Desenvolvimento Turístico”, “Mobilidade Urbana” e “Estádios” ao Brasil e aos brasileiros?**



A hipótese apresentada é a de que, apesar dos compromissos entre os diversos entes envolvidos com o megaevento, que foram assumidos e divulgados, não houve um legado completo ou satisfatório entregue pela Copa do Mundo FIFA de 2014 no Brasil.

### 1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA

#### 1.3.1 Objetivo Geral

Identificar o legado da Copa do Mundo FIFA de 2014 no Brasil nas categorias de Desenvolvimento Turístico, Mobilidade Urbana e Estádios.

#### 1.3.2 Objetivos Específicos

Depreendidos do objetivo geral, decorrem os seguintes objetivos específicos:

- Descrever o processo da candidatura do País para sediar o megaevento esportivo;
- Apresentar os compromissos assumidos pelos diversos entes para realizar o megaevento;
- Apontar o legado prometido pelo megaevento;
- Identificar o legado entregue em Desenvolvimento Turístico;
- Identificar o legado entregue em Mobilidade Urbana;
- Identificar o legado entregue em Estádios.

### 1.4 JUSTIFICATIVA

Conduzir um estudo a respeito de uma Copa do Mundo FIFA dentro da área de “Engenharia de Produção” justifica-se por ser esta competição um produto da “Indústria Cultural” ou mais comumente entendida como “indústria do Entretenimento” (DEBORD, 1997; BAUDRILLARD, 1998), um campo que conduz a exploração de bens simbólicos. Economicamente o campo esportivo tem se mostrado bastante promissor seja como espetáculo ou como prática de lazer, gerando um mercado muito atrativo (BOURDIEU, 1993; GIOVANNI, 2005). Viagens para participar ou contemplar

eventos, hospedagens, aquisição de material esportivo, exposição de marcas e produtos, entre outras tantas, se apresentam como possibilidades de exploração cada vez maior do segmento econômico relacionado ao esporte e sua prática (BOURDIEU, 1993).

O estudo aqui proposto, relacionado ao legado proporcionado pelos investimentos considerados necessários à realização da Copa do Mundo FIFA de 2014 no Brasil, foi conduzido pela necessidade de tornar perceptível, de forma acadêmica a confrontação entre o que foi projetado e executado para tal megaevento, por meio dos dados estatísticos oficiais publicados e pelas informações e notícias publicadas por periódicos a respeito ao longo desse processo. O uso de um periódico noticioso como o jornal “O Estado de São Paulo” justifica-se pelo fato de que o contexto histórico, a ser analisado, situa-se em um período bastante recente e cujo fenômeno segundo Hosbsbawn (1994), historiador britânico que se dedicou ao estudo do século XX, possui como uma de suas possibilidades de estudo, a conjugação de duas fontes: a imprensa diária e; as compilações estatísticas e publicações governamentais ou de organizações internacionais. Segundo este historiador quanto mais o pesquisador se aproxima do tempo presente, torna-se maior a sua escala de dependência de fontes como a mídia impressa diária. Há que se considerar a visão da realidade particular do veículo de informação e os contextos em que a notícia foi produzida, divulgada e consumida (AROSTEGUI, 2006)

O legado foi uma promessa ao País e a seus habitantes, justificando a participação governamental nos investimentos necessários à competição, afim de que estes aceitassem sediar-la e as suas exigências. O legado, portanto, é um conjunto de realizações entregues pelo Governo do País através da realização da Copa do Mundo (EICK, 2011). O ônus da realização da Copa do Mundo, ou seja, os investimentos necessários e os custos financeiros deles decorrentes, se compensaria com um bônus (legado) ou os benefícios decorrentes dos benefícios à população e ao país. Desta forma identificar qual foi o legado prometido pela Copa do Mundo e o que foi efetivamente entregue torna-se importante pois, através disso poder-se-á conhecer mais a realidade administrativa, governamental e esportiva do Brasil.

A escolha das três categorias de investimentos, de um conjunto de doze para a análise do seu legado, deu-se em virtude de serem as com maior possibilidade de impacto ou transformações a serem percebidas pelas populações envolvidas ou beneficiadas e pela importância para a própria realização do megaevento. Mobilidade

urbana relaciona-se com os meios, sistemas e ambientes de transporte e deslocamento dentro das cidades. Desenvolvimento turístico seria a infraestrutura física, serviços e adequação de recursos humanos para atender a este segmento econômico que cada vez mais aumenta no mundo em volume de negócios. Quanto aos estádios e arenas estes são os palcos onde se apresentou o espetáculo esportivo da Copa do Mundo.

O estudo sobre a Copa do Mundo FIFA, permite também que adquiram maiores conhecimentos sobre este esporte que possui abrangência mundial atestada (HOBSBAWM, 1994). Esporte que no Brasil é praticado amadoristicamente e profissionalmente, sendo alvo de devoção e admiração da grande maioria dos habitantes do País, tornando-o internacionalmente reconhecido por essa particularidade (GIOVANNI, 2005; FRANCO JUNIOR, 2007; CONCHAS, 2014). Este megaevento simplesmente sintetiza e centraliza todo o potencial econômico e cultural deste esporte (COAKLEY, SOUZA, 2015; GOROKHOV, 2015). A Copa do Mundo FIFA no Brasil teve em sua execução, conduzida pela realização do espetáculo, a intersecção de diversos campos distintos: cultural e esportivo, político e econômico.

## 1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO

Do primeiro capítulo consta a introdução ao tema pesquisado, sua contextualização, o problema de pesquisa, hipótese, objetivos e justificativa.

O segundo capítulo é constituído pelo marco referencial, no qual se fundamentam o problema e a hipótese.

O terceiro capítulo compõem-se da metodologia e dos métodos utilizados. Fazem parte deste a classificação da pesquisa, apresenta a natureza dos dados e os procedimentos de análise.

No quarto capítulo são apresentados os resultados e análises. São relacionadas as tabelas e os quadros sendo realizada a sua análise e discussão.

No quinto capítulo estão dispostas as conclusões desta pesquisa.

Em sua parte final, encontram-se as referências deste trabalho. Relacionam-se as obras e trabalhos que propiciaram a construção e o embasamento deste trabalho, permitindo a conclusão e seus resultados.

## 2 MARCO REFERENCIAL

### 2.1 O FUTEBOL: MUNDIALIZAÇÃO E ESPETACULARIZAÇÃO

O futebol surgiu na Inglaterra, impulsionado pela fundação do *Sheffield Football Club*, em 1857, primeira agremiação ou clube voltado para a sua prática específica, com a adoção de regulamentos para a modalidade (GÓIS JÚNIOR, 2013). Segundo Bourdieu (1983), o esporte ou prática desportiva, surge quando ocorre a adoção de regras, uniformes e do estabelecimento de corpo de dirigentes especializados, diferenciando-o dos jogos ancestrais, atividades rudimentares e práticas rituais. Os esportes foram uteis para o controle da violência das massas populares, ao mesmo tempo que incutiam em seus praticantes conceitos morais e de respeito as normas sociais e legais (GOIS JUNIOR, 2013). Instala-se a esportividade, uma condição que é entendida como sendo a prática do esporte pelo prazer que proporciona, seu compartilhamento e conagração social, condição que abre espaço para o espetáculo esportivo do século XX. O campo esportivo acompanhou o processo de racionalização comum à Segunda Revolução Industrial, a adoção de regras permitiu a previsibilidade, a probabilidade e o equilíbrio das disputas (BOURDIEU, 1983).

Em 1863, ocorreu a criação da *Football Association*, uma liga de clubes cujo nome confunde-se com o da própria modalidade. Foi esta entidade que ficou responsável pela organização do futebol na Inglaterra, auxiliou e fomentou o esporte que se espalhou pelas cidades industriais britânicas, passando a ser disputado ordenadamente, foi levado também a Escócia e a Irlanda (SANTOS, 2014). Em 1883 os britânicos criaram a *International Football Association Board* (IFAB) com o intuito de administrar, zelando pelo cumprimento das regras dessa prática esportiva (O ESTADO DE SÃO PAULO, 14 nov. 1939, p. 10).

A expansão econômica e cultural da Grã-Bretanha no século XIX difundiu o futebol globalmente (CLAUSSEN, 2015). Segundo Eric Hobsbawn (1994), historiador britânico que se dedicou ao estudo do século XX, o sucesso da difusão e assimilação deste esporte deve-se principalmente ao fato de ser ele dotado de regras simples, não lançar uso de maiores equipamentos em sua prática e poder ser desenvolvido em qualquer espaço medianamente plano e com as dimensões aproximadas daquelas exigidas pelas regras. Em 21 de maio de 1904, foi criada a *Fédération Internationale*

de *Football Association* (FIFA), entidade que se tornou internacionalmente reguladora das disputas entre seleções nacionais, suas federações e gradualmente dos clubes (SANTOS, 2014).

A expansão econômica e industrial britânica no século XIX difundiu o futebol globalmente, um esporte com regras simples, ausência de equipamentos em sua prática e desenvolvido em qualquer espaço (ELIAS, DUNNING, 1985; HOBBSAWM, 1994; BROWN, 2015). Outros elementos, segundo Claussen (2015), contribuíram decisivamente para tornar o futebol mundialmente apreciado:

- Espontaneidade;
- Planejamento
- Ascetismo;
- Entusiasmo;
- Força física;
- Habilidade técnica;
- Realismo e;
- Aspiração

A prática cordial desse esporte combinava com o momento histórico europeu imediatamente anterior a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), chamado de “Belle Époque”. Imaginava-se que neste período a civilização ocidental havia atingido um nível cultural, econômico e de consolidação de uma paz efetiva entre as nações, com o qual não existiria comparações com outros períodos, um estágio civilizatório extremamente elevado (HOBBSAWM, 1994; KERSHAW, 2015). A expansão do *football association* tornou-o componente do *habitus* de classes sociais diversas e nos mais variados países, incorporado como um bem simbólico ao capital cultural de populações inteiras, aproximando e fomentando o relacionamento internacional civilizado (BOURDIEU, 1977, 1979, 1997-a, 1997-b; HOBBSAWM, 1994; EICK, 2011).

O futebol tornou-se popular, sendo a sua apreciação tornando-se comum a todas as classes sociais, tanto como prática de lazer e socialização, ou como espetáculo em nível mundial, aliada à transformação do tempo de lazer em uma mercadoria que, assimilada e controlada pela indústria cultural (HOBBSAWM, 1994; GIOVANNI, 2005); BROWN, 2015; FRANCO JUNIOR, 2017). A consolidação do *football association* como um espetáculo de massas, voltado entretenimento do povo, conduziu à sua

exploração comercial como um produto típico da indústria cultural ou mesmo de entretenimento, profissionalizando a sua prática e administração (ELIAS, DUNNING, 1985; BOURDIEU, 1993; DEBORD, 1997; BAUDRILLARD, 1998). A rentabilidade e a satisfação produzida por esse esporte que simultaneamente agrada aos praticantes, administradores e consumidores contemplativos, fê-lo constituir-se em um campo que se tornou capaz de aglutinar em seu bojo, diversos outros como o econômico, o cultural e o esportivo (BOURDIEU, 1979, 1993; SMIT, 2006; EICK, 2011; COAKLEY, SOUZA, 2015).

O esporte, como já mencionado, é controlado em nível mundial pela FIFA com sede atual na Suíça (FRANCO JÚNIOR, 2007, 2017; EICK, 2011). A FIFA, como já é de amplo conhecimento, possui o seu momento maior, quando promove uma disputa de um torneio mundial entre seleções nacionais, com periodicidade quadrienal e alternância entre os países-sede e continentes, a *World Cup* ou seja a Copa do Mundo (GAMMON, ROBINSON, 2003; CONCHAS, 2014; BROWM, 2015; MÜLLER, SIMONS, WEINMANN, 2017).

A FIFA empenhou-se pelo seu torneio mundial, ainda em 1906 e novamente em 1914, um dissenso entre aqueles praticantes que defendiam o amadorismo e outros que já vislumbravam as possibilidades econômicas que seriam estimuladas pela sua exploração profissional e como negócio, somado a eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) impediram a sua realização (DUARTE, 2001). Em 1928, no Congresso de Amsterdã, aprovou-se o Campeonato Mundial (em francês - *Coupe du Monde*) para 1930 (O ESTADO DE SÃO PAULO, 27 maio 1938), sendo o Uruguai escolhido para sediar-lo (O ESTADO DE SÃO PAULO, 24 out. 1929). Os uruguaios venceram essa Copa. Em 1934, os italianos organizaram e venceram o Campeonato. Na França, em 1938, tornaram-se bicampeões.

Pode-se afirmar que o futebol profissionalizado é totalmente controlado pela FIFA, sendo explorado enquanto um espetáculo de massa, condição que o constituiu em um campo próprio dentro da desportividade. Tal afirmação fundamenta-se em Bourdieu (2000) que, quando explanando sobre a constituição de um campo hegemônico específico, nos apresenta as seguintes características deste que podem ser relacionadas ao futebol: possuir lógica, interesses e autonomia próprios e; possuir forma de sustentação política e subsistência econômica específicos.

## 2.2 A COPA DO MUNDO FIFA COMO UM MEGAEVENTO ESPORTIVO

A FIFA organiza a sua Copa do Mundo com uma frequência temporal quadrienal e em países diferentes a cada edição. A grandiosidade desta disputa torna-a especial porque ela é original, não faz parte da programação ou do calendário habitual de atividades esportivas, culturais e turísticas de uma cidade ou de um país (ISHY, 1998, DUARTE, 2001; EICK, 2011; BORGES, 2013).

Os “*megaeventos esportivos*” são grandes eventos com importância e alcance planetários, impactando profundamente a cidade ou o país que os hospedam (TAVARES, 2011; CONCHAS, 2014; COAKLEY, SOUZA, 2015). A Copa do Mundo FIFA é classificada, portanto, como um megaevento esportivo por conjugar quatro características essenciais identificadas por Müller (2015-b, 2016), assim listadas:

1. Atração de espectadores e visitantes superior a um milhão de pessoas;
2. Repercussão midiática com a transmissão da competição e repercussão de notícias;
3. Custos elevados para sua realização e;
4. Transformações urbanísticas.

Quando destacado, também o processo de organização do evento corrobora com a sua caracterização como “mega”. Apesar de sua curta duração, envolver apenas uma modalidade esportiva com três dúzias de equipes disputando-a, a Copa do Mundo FIFA ocupa um longo período de preparação e este é intermitente. Um processo complexo e que envolve milhões de pessoas como administradores, atletas e expectadores (TAVARES, 2011; ISHY 1998). A disputa da Copa do Mundo é o ápice desse processo que já havia, até este momento de sua realização, envolvido todo o planeta, com disputas classificatórias, conforme critério geopolítico, entre as seleções nacionais filiadas às seis confederações que compõem a FIFA. Disputa-la ou sedia-la possui significado simbólico e socioeconômico para os países e suas populações, dando a esta competição um forte caráter nacionalista e político (DAMO, 2012).

Destaca-se ainda, e também, o evidente apelo popular ou de massas e alto significado e representação internacional (ROCHE, 1992, 2006, ISHY, 1998;

GOROKHOV, 2015; ALMEIDA, 2016). O apelo econômico, midiático e simbólico da realização de uma Copa do Mundo FIFA, potencializou a sua dinâmica organizacional dando-lhe uma complexidade organizacional que foi aperfeiçoada ao longo de quase um século de disputa, uma evolução na história que pode ser constatada por diversos autores (SMIT, 2006; EICK, 2011; CONCHAS, 2014; BROWM, 2015; COAKLEY, SOUZA, 2015 ZIMBALIST, 2015).

A Copa do Mundo, conjugada a outros megaeventos esportivos, passou a ocupar o espaço que outrora havia pertencido às Exposições Universais, megaeventos iniciados em 1851, em Londres e que marcaram profundamente a segunda metade do século XIX. Estas exposições internacionais, periódicas e itinerantes, constituíam-se em um espaço que procurava mostrar a capacidade tecnológica, econômica e cultural dos países participantes diante do mundo (CHADE, 2014; SANTOS, 2013; CONCHAS, 2014; COAKLEY, SOUZA, 2015; GOROKHOV, 2015). A propaganda da sociedade industrial que se constituía naquele momento, a publicidade de produtos, empresas, corporações e das nações eram os objetivos da organização desses primeiros megaeventos internacionais (PESAVENTO, 2015). As Exposições Internacionais perderam sua força aglutinadora durante o século XX (SILVEIRA & MELO, 2014). As razões para o distanciamento entre estes megaeventos como representativos das populações nacionais, pode ser elencado em três classes que justificam o crescimento daqueles ligados ao esporte e, ao deslocamento das exposições e feiras internacionais, que ainda no tempo presente continuam a ser organizadas, para posições não tão mais relevantes:

Em primeiro lugar, o avanço das tecnologias de comunicação tornou possível o surgimento do fenômeno da audiência em escala planetária ampliando as possibilidades de impacto e exploração dos eventos esportivos além de quaisquer outros.

Em segundo lugar, a transmissão internacional destes eventos estimulou a construção de uma articulação entre direitos exclusivos de transmissão, direitos de patrocínio e possibilidades amplas de 'merchandising' estabelecendo uma espécie de aliança entre COI [Comitê Olímpico Internacional] e FIFA, o setor de comunicação e diferentes setores do mundo dos negócios na exploração das possibilidades negociais da vasta audiência global que a Copa do Mundo [FIFA] e os Jogos [Olímpicos] oferece.

Em terceiro lugar, os megaeventos esportivos passaram a serem vistos como oportunidade de promoção para cidades e países em termos de legados econômicos, urbanísticos, sociais, culturais, ambientais e esportivos entre outros, o que explica o envolvimento de governos nas candidaturas e organização de megaeventos esportivos (TAVARES, 2011, p.17-18).



A Copa do Mundo como uma competição esportiva, o privilégio de poder sediá-la, explorando seus eventuais benefícios, materiais e simbólicos, tornou-se objeto de acirrada disputa entre os países interessados (ROCHE, 1992; ALMEIDA, 2016). Um processo de seleção internacional que envolve a comprovação das capacidades econômicas, culturais e políticas de cada pretendente, expondo seus diversos campos, capacidades e potencialidades em sua persecução (CONCHAS, 2014; COAKLEY, SOUZA, 2015; GOROKHOV, 2015). Processo do qual a FIFA também procura tirar vantagens para si mesma, criar e aproveitar oportunidades para um melhor desempenho da competição (CHADE, 2014).

Países e cidades enxergam, ou alegam enxergar, vantagens em sediar megaeventos esportivos, constituindo isso o legado intangível ou simbólico desta grande competição:

Assim essa disposição adviria da crença em que esses megaeventos teriam a capacidade de “carimba-los” como espaços globais, pertencentes ao mapa dos locais economicamente relevantes do Globo (...) haveria nesses eventos uma oportunidade de “marca mundial de qualidade” para os países ou a cidade e suas marcas seriam promovidas de forma ostensiva durante o evento, beneficiando seu parque industrial e turístico (MELO, 2014, p.188-189).

A visibilidade internacional proporcionada pelos megaeventos esportivos os tornou uma oportunidade singular para a projeção das cidades e dos países hospedeiros e das marcas corporativas privadas envolvidas (ISHY, 1998; TAVARES, 2011). A principal motivação política da Alemanha em 2006 era mostrar-se como um país de fato reunificado, após a absorção da Alemanha Oriental, quanto a África do Sul, em 2010, com o desejo expressado de mostrar-se como uma nação racialmente unida e administrativamente organizada (MARINHO, CAMPAGNANI, COSENTINO, 2014). Acontece-se que a busca por benefícios ou dividendos políticos nacionais ou diplomáticos internacionais, motiva os países a se candidatarem a sediar um megaevento destas proporções. A Copa do Mundo FIFA conjuga interesses públicos e privados, políticos e econômicos, uma intersecção dos mais diversos campos: econômico, político e cultural (BOURDIEU, 1977, 1993, 1997 e 2000). Desta forma o envolvimento governamental, o compromisso direto e institucional do Estado e dos seus representantes é considerado essencial pois as exigências que são apresentadas pela FIFA para a realização da Copa do Mundo e que demandam

garantias e condições que apenas um estado constituído e um governo, que detendo o domínio sobre o campo político, comprometido com o megaevento, são capazes de oferecer (BOURDIEU, 1993 e 2000; ZIMBALIST, 2010; DONHA, et All, 2014). Ações próprias e exclusivas do Estado e dos seus agentes atuando dentro do campo político: segurança de delegações e turistas, acesso à imprensa, funcionamento de meios de transporte eficazes, proteção legal aos contratos, marcas, parceiros comerciais da FIFA e aos patrocinadores da World Cup (EICK, 2011; GRIX, 2013; ZIMBALIST, 2015; BAADE, MATHESON, 2016). Assim a Copa do Mundo pode ser usada como uma “ideia-força” capaz de mobilizar os interesses de diversos campos e dos seus agentes (MÜLLER, 2015-a; BOURDIEU, 2000).

O apelo turístico da Copa do Mundo FIFA e sua atratividade de expectadores é indiscutível, conforme já elencado por Müller (2015-b, 2016). Apesar dos meios de comunicação de massa e transmissão de informações, continua sendo consideravelmente grande o número de pessoas que se deslocam a partir de outros países ou dentro de seu próprio país para assistir as disputas desse torneio.

Posteriormente à realização do evento, os impactos se concentram no legado que a exposição à mídia internacional deixou para as cidades sede, bem como fica a expectativa de sediar novos eventos ou megaeventos (BONFIM, KOZEL, 2012, p.24)

O turismo envolve quatro componentes que, considerados sob suas perspectivas, permitem a sua compreensão como fenômeno econômico. Ferreira (2007), as listou:

- O turista que busca diversas experiências e satisfações psicológicas, espirituais e físicas;
- Os prestadores de serviços que encaram o turismo como uma forma de obtendo lucros financeiros;
- O Governo que considera o turismo como um fator de riqueza para a região sob sua jurisdição;
- A comunidade do destino turístico que vê a atividade como geradora de empregos e promotora de intercâmbio cultural.

Estas quatro perspectivas permitem a identificação também das atividades e dos serviços que se relacionam com este setor: transportes, alojamento, serviços de alimentação, lojas, espetáculos, instalações e serviços receptivos (FERREIRA, 2007). Todas estas atividades compreendem o que pode se considerar por Turismo:

Organização Mundial de Turismo - OMT (*World Tourism Organization - UNWTO*) define turismo como o conjunto de atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e estadas em lugares distintos do seu entorno habitual, por um período de tempo inferior a um ano, com fins de lazer, negócios e outros motivos não relacionados com o exercício de uma atividade remunerada no lugar visitado. O turismo, como atividade econômica, é definido a partir da perspectiva da demanda, ou seja, como resultado do consumo dos visitantes. Diferenças de perfil e motivação dos turistas e de condições natural e econômica do lugar visitado implicam em conjuntos diferentes de produtos consumidos (IBGE, 2010, p.09-10).

Aufere-se desta forma que, sendo o turismo uma atividade econômica, um negócio comercialmente explorado, os seus organizadores buscam, portanto, o sucesso financeiro com suas atividades. Discute-se também a qual setor o turismo estaria vinculado, serviços ou indústria.

No mercado global, insere-se a atividade turística em um ambiente bastante competitivo. Em diversos países no mundo, o turismo é considerado uma atividade econômica da indústria, ou seja, do setor secundário. Já no Brasil, o turismo está relacionado com serviços, pertencendo assim ao setor terciário. Apesar disso, observa-se que muitos estudos relacionados com a indústria podem perfeitamente ser aplicados ao turismo (LOHMANN, 2012, p.4).

Sendo o turista, portanto, aquele que mais retorno econômico possibilita ao setor, ele é o objetivo principal de estratégias negociais do setor e atrai-lo é o irá produzir riqueza ou renda. A realização de uma Copa do Mundo FIFA, ou outros megaeventos esportivos, insere-se nesse conjunto de estratégias.

### 2.2.1 A Copa do Mundo FIFA, apelo e consumo midiático

A primeira partida de uma Copa do Mundo que foi integralmente transmitida pela televisão, foi disputada em 1954, na Suíça. A partida entre Iugoslávia e França foi realizada em 16 de junho, a vitória por 1 x 0 coube à primeira seleção, porém nem todos os jogos tiveram a sua exibição pela televisão (FRANCO JUNIOR, 2007). A primeira transmissão televisionada internacional, atingindo diversos países da Europa

Ocidental, e ao vivo dos jogos de uma Copa do Mundo FIFA, com a totalidade dos jogos disputados, ocorreu em 1966 na Inglaterra onde já haviam transmissões televisionadas de partidas de futebol (ALVITO, 2006). A *Football Association* havia autorizado a *British Broadcasting Corporation* (BBC) ainda no início da década de 1950 (O ESTADO DE SÃO PAULO, 22 nov. 1950). Mas eram ainda transmissões locais, por meio de transmissores e retransmissores terrestres. O estabelecimento de uma rede mundial de satélites de telecomunicação para uso civil, colocados em órbita da Terra a partir do lançamento do “*Telstar*” em 1962 (O ESTADO DE SÃO PAULO, 11 jul. 1962), transformou as transmissões televisionadas do futebol, criando uma audiência mundial para a Copa do Mundo FIFA (PRONI, 1998):

É motivo de grande satisfação para a NASA ter conseguido pôr em órbita, esta madrugada, o satélite de comunicações “*Telstar*”, construído por empresa particular. O “*Telstar*” não é apenas o primeiro satélite destinado exclusivamente às comunicações, mas também o primeiro construído pela indústria privada. A “*American Telephopne and Telegraf*” gastou um milhão de dólares com o desenvolvimento do satélite e pagou À NASA outros 2,7 milhões para que obtivesse e lançasse o foguete que pôs o satélite em órbita. O “*Telstar*” foi construído para transmitir programas de televisão, de rádio e mensagens telefônicas entre todas as partes do mundo das quais é visível (MINIFIE, 1962, p. 01).

Os grupos de comunicação privados dominaram as transmissões dos jogos das Copas do Mundo FIFA a partir da disputa de 1970, no México quando houve, pela primeira vez, a transmissão simultânea dos jogos ao vivo para diversos países da Europa, América do Sul e América do Norte (ALVITO, 2006, PRONI, 1998). A transmissão para o Brasil exigiu que fosse colocado em órbita um novo satélite de comunicações, o “*Intelsat-3*”, que foi lançado em janeiro de 1970, “(...) *garantindo a transmissão direta dos jogos da Copa pela televisão para vários países [da América do Sul], inclusive o Brasil.*” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 21 jan. 1970, p. 20).

A transmissão via-satélite das imagens de televisão possibilitou que os megaeventos esportivos, e em especial à Copa do Mundo, o estabelecimento de um público assistente e consumidor com uma abrangência internacional sem precedentes na história da humanidade (ISHY, 1998), tornando-a culturalmente globalizada. A comunicação via-satélite aliada e somada ao marketing esportivo tornaram o futebol um produto comercial altamente rentável (SMIT, 2006; PRONI 2014). O estabelecimento da “Copa do Mundo FIFA” como um produto, lhe fez atrair as atenções do público mundial, que a consome também pelos meios de comunicação,

plataformas de informação ou ainda, presencialmente no evento, dando-lhe grande atratividade turística (BORGES, 2013).

### 2.3 A COPA DO MUNDO FIFA E O BRASIL

O Brasil candidatou-se ao que a FIFA denomina como sendo o “privilégio de sediar uma Copa do Mundo” algumas vezes ao longo da história desta competição. Levando-se em conta o ano da realização do evento podemos elencar as seguintes edições da competição: 1942, 1950, 1986, 1994, 2006, 2010 e 2014 (FRANCO JUNIOR, 2014). Destaque-se que a edição de 1942, apesar de prevista pela FIFA, não teve um país-sede escolhido e também não foi disputada em virtude da eclosão da Segunda Guerra Mundial (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS, 1952). Houve ainda uma sugestão de candidatura para a edição de 1978, caso a Argentina não conjugasse condições estruturais e tecnológicas para realiza-la (DUARTE, 2001; FRANCO JUNIOR, 2017).

O País sediou a Copa do Mundo de 1950, que contou com 33 seleções inscritas para a fase eliminatória. Houveram jogos no “Estádio do Pacaembu”, em São Paulo, nas capitais dos Estados de Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Pernambuco e no Distrito Federal, com maior estádio do Mundo àquela época, o “Maracanã”, na cidade do Rio de Janeiro. Em Belo Horizonte foi construído o “Estádio Independência” Em Curitiba as partidas ocorreram no Estádio “Durival de Brito” do Clube Atlético Ferroviário, construído em 1947. Em Porto Alegre as disputas foram no “Estádio dos Eucaliptos” e em Recife no “Estádio da Ilha do Retiro” (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS, 1952).

Apesar das tentativas anteriormente citadas, os organizadores brasileiros obtiveram sucesso apenas com a candidatura da *Confederação Brasileira de Futebol* (CBF), pleiteando sediar no Brasil a “**XX Copa do Mundo FIFA**” em 2014. Ideia acalentada desde a candidatura, frustrada, para sediar o megaevento em 2006, ocasião em que se firmou o compromisso da CBF, empenhado com a África do Sul para que ocorresse um mútuo apoio na disputa efetivada para edição de 2010. A pretensão brasileira foi aberta e francamente lastreada pelo Governo do País (DAMO,

2012; CHADE, 2014; CONCHAS, 2014; FRANCO JÚNIOR, 2017). As justificativas da participação governamental brasileira, seja como garantidor, financiador ou como agente condutor das ações necessárias à realização do megaevento, fundamentavam-se na apresentação de um legado para a população e para o próprio País (CHADE, 2014; MELO, 2014; COAKLEY, SOUZA, 2015).

A comercialização do megaevento esportivo de forma rentável para os seus controladores exige, que as expectativas dos seus mercados investidor e consumidor, sejam estimuladas. A satisfação perseguida ocorre pela conjugação de fatores como a expectativa de grandiosidade da competição, a qualidade dos locais e cidades da disputa e também o alto nível técnico e desempenho dos atletas e das seleções participantes, atraindo público e investidores (BAUDRILLARD, 1995; DEBORD, 1997; SMIT, 2006; SOLBERG, PREUSS, 2007; KUPER, SZYMANSKY, 2009; SILK, MANLEY, 2012; ZIMBALIST, 2015; MÜLLER, SIMONS, WEINMANN, 2017).

A atração de público e o alcance midiático dependem da organização e das condições de infraestrutura de hospedagem, segurança e transporte aos turistas e expectadores, dos sistemas de comunicação e transmissão de dados eficientes que proporcionem a cobertura e o alcance midiático noticioso e que proporcionem resultados de marketing compensadores (EICK, 2011; MELO, 2014; GOROKHOV, 2015; MÜLLER, 2015-b). Atendidas estas demandas, cabe ainda que se promova o engajamento da população ou a captura do seu interesse para a realização do megaevento (MÜLLER, 2016). O envolvimento e o apoio dos habitantes locais reforçam o compromisso do governo com a Copa do Mundo, cuja realização passa a ser considerada, além de espetáculo de entretenimento, um fenômeno com a capacidade de influenciar o desenvolvimento econômico do País (GENEVOIS, 2002; SMIT, 2006; GOROKHOV, 2015; MÜLLER, 2015-b e 2016).

### 2.3.1 A Copa do Mundo FIFA e a candidatura do Brasil para 2014

O projeto ou “*Caderno de Intenções*” para a realização da Copa do Mundo FIFA no Brasil, foi elaborado e ele demonstrava que haviam problemas pontuais para a realização do megaevento. Apontou-se nesse momento que a qualidade dos estádios brasileiros, se encontrava muito aquém das condições de atender satisfatoriamente as exigências de conforto e segurança exigidos pela FIFA para realizar suas

competições. O termo “padrão FIFA”, passou a ser aplicado aos estádios e à infraestrutura urbana do seu entorno e as condições viárias para o seu acesso. Este termo tornou-se comum aos brasileiros nos anos que se seguiriam como referência às exigências de qualidade elevada:

Segundo os regulamentos da FIFA, para que um estádio possa receber jogos de um Mundial já não basta ser considerado um “templo sagrado do futebol”. O conforto dos torcedores, das equipes, a segurança, o fácil acesso e até mesmo cuidados com o meio ambiente são essenciais para que um local possa receber uma partida do Mundial. Desde o final da década de 90, um vasto documento preparado pela FIFA detalha todas as exigências para que um estádio esteja dentro das normas internacionais e mostra que os modelos de construção dos anos 30, 40 e 50 devem ser simplesmente esquecidos. O estudo serviu de base para os organizadores da Copa da Alemanha, em 2006, e já foi encaminhado aos candidatos africanos para o Mundial de 2010. A UEFA (Federação Europeia de Futebol) também adotou as diretrizes da FIFA para seus torneios (CHADE, 2004, p.E-8).

As exigências da FIFA não se limitavam aos estádios apenas, englobavam segurança, transporte e comunicações. As transmissões pela televisão e a cobertura jornalística eram uma constante preocupação por serem também fonte de receita para a entidade e para a organização da disputa. De uma forma geral eram vinte e seis exigências para os estádios, que foram assim relacionadas por Barsetti (2006, p.E-3):

- Estádios com capacidade mínima de sessenta mil pessoas e com cobertura para os espectadores;
- Assentos numerados;
- Banheiros dentro e fora dos estádios, limpos, água fria e quente;
- Locais de venda de comida e bebida dentro e fora dos estádios;
- Sinalização dentro e fora dos estádios com pictografia de domínio internacional;
- Telefones públicos em quantidade dentro e fora dos estádios;
- Uma disposição de assentos para os espectadores da primeira fila que torne a invasão de campo impossível ou quase;
- Portão de entrada exclusivo para portadores de deficiência física, assim como rampas e banheiros adaptados;
- Área coberta para jornalistas credenciados com excelente visão do campo;
- Zona mista entre os vestiários dos atletas e a porta de saída, onde deverão conceder entrevistas;

- Tribuna de imprensa com mesas para a instalação de computadores portáteis e televisão para cada grupo de oito mesas;
- Três estúdios de TV para serem usados nos dias de jogos de alto nível;
- Sala de trabalho dos jornalistas com capacidade de abrigar pelo menos trezentas pessoas;
- Sala de conferência com cem assentos, um pódio para no mínimo dez equipes de TV e pelo menos três cabines de tradução simultânea;
- Vestiários dos atletas bem ventilados, com dez duchas e cinco lavabos, espelho, secadores de cabelo, ar condicionado e sistema de aquecimento;
- Vestiário do arbitro com ar condicionado e sistema de aquecimento;
- Sala para exame médico dos atletas e árbitros;
- Sala para delegado do jogo;
- Sala para controle de doping;
- Áreas de aquecimento para duas equipes, de no mínimo cem metros quadrados cada uma;
- Salas adicionais para gandulas, mascotes e músicos;
- Estacionamento exclusivo para portadores de deficiência física e bombeiros, além de Vips e autoridades, distantes dos estacionamentos públicos;
- Estacionamento para dez mil veículos para os torcedores, com acesso e saída de rápida fluidez;
- Sistema de vigilância com câmeras de televisão para cobrir todo o estádio;
- Deverá existir um espaço livre no estádio para pouso de helicóptero;
- Sala de primeiros socorros para o público em lugar de fácil acesso.

A precoce confirmação da candidatura do Brasil, que se afigurava como sendo a única, reduziu em parte o protagonismo que a FIFA reservava sempre para si mesma durante os processos de escolha de países-sede. Joseph Blatter, presidente da FIFA, sempre lembrava da necessidade da resposta à lista de exigências ou caderno de encargos da FIFA. Um encontro realizado em Brasília, entre os Presidentes da FIFA, Ricardo Teixeira, presidente da CBF e da República Federativa do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, em 2006 selou, em definitivo, o apoio do Governo Federal a execução da Copa do Mundo em 2014 no Brasil:



O Governo entraria no projeto com investimentos em infraestrutura, transporte público e segurança. Dez ou doze cidades seriam escolhidas como sedes do campeonato. “*Necessitamos de garantias governamentais*”, disse Blatter, que, no entanto, foi econômico nas costumeiras críticas em relação à falta de infraestrutura e condições para o Brasil hospedar 32 delegações e milhares de turistas. “*Esses temas são brasileiros*”, limitou-se a dizer. “*O presidente Lula prometeu todo apoio do Governo para a realização do Mundial*”. Único pré-candidato até agora para realizar o evento, o Brasil deverá inscrever a candidatura em dezembro deste ano. Em abril, os organizadores apresentarão à FIFA um dossiê respondendo às exigências da entidade. O anúncio da sede da Copa de 2014 está previsto para maio de 2008 (O ESTADO DE SÃO PAULO, 20 set. 2006, p.E-2).

Nesta notícia percebe-se que o jornal e o jornalista procuram apresentar aos seus leitores a forma como se estava-se permitindo que o Brasil tivesse acesso ao “privilegio de sediar uma Copa do Mundo FIFA”. As responsabilidades do Governo são colocadas de forma clara: oferecer as condições de infraestrutura para a disputa. As da FIFA: realizar a competição e cuidar do seu gerenciamento. Apesar de não muito clara àquela época, o jornal “O Estado de São Paulo” assumiria um tom de crítica à realização do megaevento, ou pelo menos à forma como sua preparação foi conduzida.

A FIFA deixava sempre claro que são os países que se candidatam a sediar seu megaevento e para receber este privilegio eles precisam se adequar as suas exigências organizacionais e necessidade legais e políticas. O papel da FIFA, como em todas as demais edições da Copa do Mundo, seria o de organização da disputa. Algo bastante explícito na fala de Joseph Blatter, presidente da FIFA por ocasião da escolha do Brasil como país sede da Copa do Mundo de 2014. Blatter afirma que sediar a Copa do Mundo FIFA é um benefício para o país, mesmo que algumas ingerências da organização pressionassem os governantes brasileiros:

Para obter o “benefício” da Copa, o Brasil não pode instalar CPIs [Comissões Parlamentares de Inquérito] Nenhum país é obrigado a sediar o evento, costuma dizer Blatter. Uma vez decidido a realizar a Copa, o candidato tem de se comprometer a seguir regras de entidade que não é pública e que tem sede na Suíça, uma das mecas do capitalismo (CHADE, 2007, p. E-04).

O já citado “Padrão FIFA” e os compromissos assumidos com a entidade foram inúmeras vezes utilizados pelos governantes para justificar as suas atitudes e procedimentos (CHADE, 2014). O benefício que se converteria em exigências, custos, discussões, protestos da população e polemicas diversas. A Copa do Mundo de 2014 foi realizada e a responsabilidade pela preparação da infraestrutura necessária foi do

Governo do Brasil, ao final das contas, os custos financeiros disso tudo ficaram com o País que se voluntariou a sediar o megaevento e aceitou as condições da FIFA para tanto (FRANCO JÚNIOR, 2017).

### 2.3.2 As adequações do Brasil para sediar a Copa do Mundo FIFA

A candidatura do Brasil a sede da Copa do Mundo de 2014 foi oficializada pela CBF em 13 de abril de 2007. Era uma candidatura única, em virtude de que a FIFA havia se comprometido a realiza-la na América do Sul e, desde 2004 a Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL), já havia concordado e se comprometido em sediar-la no Brasil (CHADE, 2007, 2014). A CBF e seu presidente passaram então a cobrar das cidades e Estados, que eram candidatos a sediar os jogos, afim de que ultimassem os seus preparativos, assumindo compromissos para que fosse concluída em definitivo a proposta brasileira. Foi realizado ainda em 2007, um seminário, promovido pela CBF, afim de esclarecer e apresentar as diversas exigências e condições para a disputa da Copa do Mundo

O presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Ricardo Teixeira, deu ontem ultimato às cidades brasileiras postulantes à sede da Copa do Mundo [FIFA] de 2014. Segundo ele, estará fora da disputa quem se atrasar na entrega do projeto necessário para concorrer à seleção. Os projetos precisam, obrigatoriamente, garantir o cumprimento de todos os pré-requisitos exigidos pela FIFA. “O dia limite é 31 de maio [de 2007]. Essa data é irrevogável, seja para os Estados do Rio de Janeiro, para São Paulo, seja para quem for”, declarou o dirigente, durante o seminário sobre o Mundial, realizado num hotel da zona sul (...) Participaram do seminário organizado pela CBF representantes de 18 Estados, o Distrito Federal e 18 cidades (LOUSADA, 2007, p. E-4).

A precocidade temporal da candidatura brasileira e a sua aprovação, não significou, porém, o início e a execução imediatos de obras, de maiores movimentações administrativas ou de planejamento de órgãos públicos, da CBF ou dos clubes de futebol brasileiros que se envolveriam com o Mundial (CHADE, 2014). As inspeções da FIFA ainda ocorreriam em setembro e a definição oficial no mês de outubro de 2007. Antevia-se para 2010 o início da maioria das obras imaginadas como necessárias ao megaevento e que constituiriam o seu legado. Foi em 2010 que se firmou a “Matriz de Responsabilidades da Copa do Mundo”, documento que definiu o que seria feito, como e por quem, além dos valores e custeio:

O Brasil só vai colocar a mão na massa em 2010 - parte da infraestrutura terá de estar pronta para a Copa das Confederações, em 2013. Para isso nem mesmo o caos aéreo vivido pelo País preocupa [Ricardo] Teixeira. O cartola reconhece que o meio de transporte mais usado na Copa de 2014 no País será o avião. E diz que o projeto [da Copa] até agora não contou com dinheiro do Governo. Segundo ele, projeções apontam que ao menos US\$ 3 bilhões entrarão no País na Copa. Só não diz quanto será gasto (CHADE, 2007, p. E-7).

Não havia também, por ocasião da elaboração do projeto inicial de realização do megaevento em 2007, uma previsão dos custos que, efetivamente, decorreriam da sua preparação e elaboração. Situação que chamou a atenção da imprensa internacional especializada e dos brasileiros, a ausência de uma previsão de gastos e de um orçamento mesmo que meramente esboçado, a respeito dos valores envolvidos com a realização desse Mundial. O conteúdo do projeto também não foi divulgado. Os gastos relativos a obras em estádios e aqueles relacionados à infraestrutura seria o assunto que ao longo da preparação da Copa do Mundo FIFA de 2014 iria gerar muita discussão e, como veremos e sabemos, manifestações massivas da população em repúdio aos mesmos:

Em 2003, quando os países africanos apresentaram suas candidaturas, todos trouxeram na ponta da língua o orçamento previsto. Só na Líbia, que acabou derrotada, seriam US\$ 9 bilhões em investimentos previstos pelo Governo. Teixeira alegou que não há ainda um valor definido para ser divulgado. "Alguns estádios estão por fazer, outros apenas precisarão passar por reformas. Vamos definir quando ganharmos o direito de sediar". Para ele, cabe a FIFA divulgar os detalhes do projeto, "se achar que deve". [Joseph] Blatter, porém, rejeitou a possibilidade de tornar público o dossiê até a escolha oficial da sede, no final de outubro (CHADE, 2007, p.E-02).

Sob a égide da polêmica a respeito do conteúdo de seu projeto e em especial da previsão dos gastos e do orçamento, o Brasil foi mostrado pela CBF à inspeção da FIFA. Em um jato privado, os inspetores percorreram dezoito cidades candidatas a sediar jogos da Copa do Mundo, um número muito superior àquele que a FIFA considerava ideal para o sucesso do megaevento como espetáculo e como negócio. Das dezoito cidades candidatas, restaram escolhidas doze, número ainda acima daquele que a entidade máxima do futebol considerava o melhor:

Para a FIFA, o número ideal é de oito a dez sedes. O órgão acredita que uma Copa mais concentrada pode ser mais eficiente. Blatter diz ainda que os inspetores avaliarão também questões sociais, políticas, econômicas e ambientais. "A Copa [do Mundo FIFA] não pode agravar a situação ambiental (CHADE, 2007, p.E-2).

A tônica econômica do processo de escolha dos países-sede para as Copas do Mundo pela FIFA, sempre foram bastante evidentes nas declarações de seu presidente à imprensa. A candidatura única do Brasil ao megaevento, favorecida pela rotatividade entre os continentes e aliada as negociações conduzidas pela CBF na América do Sul produziram uma frustração entre os dirigentes da FIFA. A existência de mais países candidatos daria a chance a entidade internacional de tentar obter o máximo de benefícios esportivos e financeiros durante o processo de escolha e depois durante a realização do Mundial (CHADE, 2007, p.E-7).

A decisão do fim do rodízio eram um alerta para que, no futuro, não se tentasse mais tirar da FIFA e de seu Comitê executivo o direito de escolher aquele que, conforme seus critérios, fosse o mais adequado a seus interesses. Àquele momento, para sediar a Copa do Mundo de 2018 já se apresentavam como pretensos candidatos a sediar o evento os seguintes países: China, Estados Unidos, Bélgica, Holanda, Rússia, Austrália e México (CHADE, 2014). O modelo a ser seguido seria o dos Jogos Olímpicos de Verão:

A entidade [FIFA], portanto passaria a adotar o mesmo sistema do Comitê Olímpico Internacional (COI), que abre a qualquer um de seus membros a possibilidade de organizar o evento [Jogos Olímpicos] a cada quatro anos (CHADE, 2007, p.E-4).

Apesar do descontentamento com a candidatura única do Brasil, já mencionada, e os acordos conduzidos na América do Sul, o relatório de inspeção da FIFA a respeito das condições brasileiras foi bastante positivo para as pretensões do País e da CBF. Apontava-se já nesse momento a necessidade de muitas obras de infraestrutura e a construção, reconstrução ou reforma de estádios:

O que chama a atenção, no item, é a exigência da entidade sobre novas obras no Maracanã. Recentemente, o Complexo Esportivo do Maracanã virou um canteiro de obras, ao custo de aproximadamente R\$ 350 milhões, para se adaptar aos Jogos Pan-Americanos. De acordo com o relatório, nenhum dos estádios brasileiros teria, hoje, condições de abrigar jogos de Copa do Mundo. Mas a entidade reforça sua posição de confiança de que o Brasil conseguirá atender a todas as recomendações com relação aos estádios. Há menções elogiosas também aos recursos do País na área médica, "com hospitais suficientes" nas cidades-candidatas para a demanda de torcedores e profissionais envolvidos diretamente com a competição. Cita um deles como ponto de referência: o Albert Einstein, em São Paulo, "devido a sua importância em âmbito latino-americano e mundial" (BARSETTI, 2007, p. E-4).

Com o relatório positivo construía-se o cenário final do processo que seria o anúncio, feito em 30 de outubro de 2007, da escolha do Brasil, como sede oficialmente escolhida para sediar a Copa do Mundo FIFA em 2014. Nesta ocasião os custos para a realização da Copa do Mundo de 2014, ao menos em suas estimativas, foram afinal apresentados à imprensa e aos públicos brasileiro e mundial.

No total, o Brasil terá meia hora para mostrar a candidatura. Segundo a CBF, as reformas e construções de estádios custarão US\$ 1,2 bilhão. Os hotéis exigirão investimentos de US\$ 500 milhões. Os responsáveis pela apresentação serão o presidente da CBF, Ricardo Teixeira, o ministro do Esporte, Orlando Silva, e o escritor Paulo Coelho, que insistirá que os brasileiros são "pessoas trabalhadoras" (CHADE & NOSSA, 2007, p.E-01).

No Brasil o processo apenas se iniciava. Foi longo e cheio de percalços.

### 2.3.3 Cidades-sedes da Copa do Mundo FIFA de 2014

A disputa que não houve entre países pelo privilégio de sediar a Copa do Mundo FIFA de 2014, foi transferida, em âmbito interno brasileiro, para os Estados e as Cidades. O projeto da Copa previu doze cidades-sedes a serem escolhidas pelos organizadores, haviam dezoito candidaturas prévias. Apesar da obviedade da escolha de algumas delas como Rio de Janeiro e São Paulo, iniciou-se um concorrido processo de disputa, envolvendo interesses econômicos e políticos, do qual a CBF e a FIFA deveriam procurar encontrar as melhores e mais convenientes opções (CHADE, 2014).

A Capital Federal, Brasília, foi uma das que se empenharam na disputa, sendo que já em fins de 2008, apresentava eventos afim de demonstrar a sua capacidade de organização, logística e atração de público e atenção midiática. Em 19 de dezembro de 2008, Brasília sediou um amistoso entre as seleções de futebol do Brasil e de Portugal para inaugurar o Estádio "Bezerrão", construído em 22 meses e dentro dos padrões da FIFA:

De olho na Copa de 2014, o Governo do Distrito Federal investiu pesado para receber amanhã [19 de novembro de 2008] o amistoso entre Brasil e Portugal. A ideia principal é fortificar a candidatura da capital do País para ser uma das sedes do Mundial. Brasília alimenta o sonho, distante, de abrigar a partida de abertura do torneio de futebol mais importante do planeta, e não mediu esforços para tentar atingir o objetivo. Reformou, ao custo de R\$ 55 milhões,

o estádio Bezerrão, local da partida, e pagou R\$ 10 milhões para trazer as duas fortes equipes. Cada seleção vai faturar R\$ 3 milhões, com transporte e hospedagem incluídos. Além disso, um avião foi fretado para os portugueses. De acordo com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), o dinheiro não pingou na conta da entidade, pois quem lhe paga de forma antecipada é a *Kentaro*, empresa suíça que organiza os amistosos do Brasil no exterior para um grupo de empresários sauditas, donos da rede de TV Riad ART - uma das maiores do Oriente Médio (LOUSADA, 2008, p.E-4).

A notícia destaca, além da preparação e da motivação apresentada pelos administradores da Capital Federal, a comercialização dos direitos e das receitas provenientes dos jogos da Seleção Brasileira de Futebol e das competições por ela organizadas. Também se apresenta a situação de que como em um leilão os Estados e as cidades candidatas apresentaram seus projetos, condições, pretensões e justificativas. Em 31 de maio de 2009, em um hotel das Bahamas, a FIFA anunciou as doze sedes brasileiras da Copa do Mundo de 2014. O processo de escolha e seleção das cidades conduziu naturalmente a uma lista que contemplou àquelas que possuíam mais condições econômicas, atratividade e representatividade para o evento. Já destacamos que a princípio a FIFA não desejava esse número de cidades, declarando que disputar os jogos em um conjunto menor de cidades seria melhor para o megaevento:

Estava tudo preparado para ser uma grande festa, mas o anúncio das 12 cidades que receberão jogos da Copa do Mundo de 2014, no Brasil, acabou se transformando numa reunião sem empolgação e formal, num luxuoso hotel das Bahamas. As eleitas foram confirmadas sem surpresa (...) de fato não teve mistério. Tanto que poucas autoridades regionais do Brasil viajaram até Nassau para a cerimônia. Segundo a CBF, os chefes de Estado foram informados que o encontro de ontem se tratava de apenas de uma coletiva de imprensa e talvez por isso não tenham viajado para ouvir Blatter anunciar as escolhas, por ordem alfabética, de Belo Horizonte, Brasília, Cuiabá, Curitiba, Fortaleza, Manaus, Natal, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo (LOUSADA, 2009, p.H-1).

O processo final gerou protestos daqueles que foram excluídos da escolha. O Secretário de Esporte, Turismo e Cultura de Santa Catarina, Gilmar Knaesel, não aceitava o fato de Florianópolis não poder sediar jogos da Copa do Mundo em 2014. Outra cidade insatisfeita foi Rio Branco, capital do Estado do Acre (LOUSADA, 2009). Também Belém no Pará, Campo Grande em Mato Grosso do Sul e Goiânia em Goiás, não foram contempladas com a escolha.

A escolha das cidades deixou as perspectivas de investimentos e retorno econômico a respeito da Copa do Mundo no Brasil mais clarificadas. O padrão de

comparações para as previsões, que a partir de então tornaram-se comuns, era a Copa do Mundo de 2006 realizada na Alemanha (CHADE, 2014). Comuns também eram as condições de infraestrutura de transportes, comunicações, energia e, logicamente, dos estádios nas diversas sedes escolhidas: aeroportos, estradas transporte coletivo, vias de acesso, melhorias ou ampliação da rede hoteleira e investimentos na construção ou reforma de estádios. O prazo de seis anos começou a ser contado:

Há muito a fazer, não apenas em construção e reforma de estádios, mas, principalmente, em infraestrutura. Transporte, comunicação, energia e hotelaria são alguns dos vários itens que precisarão de investimentos pesados de Municípios, Estados e do Governo Federal - além claro, da segurança. E a maior parte dos recursos virá dos cofres públicos. Praticamente todas as 12 cidades escolhidas precisarão de melhorias em seus aeroportos e estradas. O transporte público [posteriormente denominado “mobilidade urbana”] é um calcanhar de Aquiles comum. Há cidades com deficiências sérias na área de saneamento, como Salvador; outras apresentam um trânsito caótico, caso de São Paulo. Todas, porém, garantem que não haverá problema sem solução até 2014, custe o que custar (LEITE, 2009, p.H-3).

Os primeiros cálculos sobre os investimentos necessários também se faziam ver mais claramente, mesmo que ainda fossem incipientes eles eram bastante elevados. Eram previstos inicialmente R\$ 27 bilhões (LEITE, 2009, p.H-3). Um valor bem acima do que em edições anteriores da Copa do Mundo. Em 2006 na Alemanha foram consumidos cerca de 7,1 bilhões de Euros, valor que representava R\$ 19, 7 bilhões em valores de 2009 (LEITE, 2009; CHADE 2014). Os alemães gastaram esse valor em obras de infraestrutura e adequação de estádios.

Apesar dos protestos populares realizados em 2013 e dos questionamentos a respeito da conveniência de sediar uma Copa do Mundo FIFA no Brasil, a população do País, ao menos inicialmente apoiava, positivamente, a realização do megaevento (FRANCO JÚNIOR, 2017). Uma pesquisa realizada em 2009, e publicada pelo jornal “*O Estado de São Paulo*” constatou esse grau de satisfação dos brasileiros. Segundo ela 70,9 por cento dos entrevistados apoiavam o megaevento no Brasil, 27,1 por cento não apoiavam, enquanto dois por cento não souberam responder (LEITE, 2009). Há que se considerar, primeiro que o brasileiro gosta muito desse esporte e, segundo o futebol faz parte do cotidiano da maioria da população. Destaque-se ainda, as obras não haviam ainda sido efetivamente iniciadas e, portanto, ainda não haviam tomado espaço na mídia como aconteceria nos anos posteriores.

### 2.3.4 A Copa do Mundo FIFA de 2014 no Brasil, em disputa

A Copa do Mundo FIFA de 2014 no Brasil começou a ser disputada com a partida entre as seleções do País anfitrião e da Croácia em 12 de junho de 2014, na cidade de São Paulo. O estádio “Itaquerão” ou “Arena Corinthians” foi construído em Itaquera, Zona Leste da Capital paulista tendo em vista essa disputa. Até o jogo final a ser disputado no Estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, foram 64 partidas entre 32 seleções participantes:

Após sete anos e R\$ 26 bilhões gastos (R\$ 8,5 bilhões destinados às 12 arenas), segundo números oficiais - a conta será certamente mais salgada, mas até a Matriz de Responsabilidades, documento que deveria ser uma forma de controle, está desatualizada - pelo menos metade das obras prometidas não estão prontas. A Arena Corinthians, por exemplo, nunca foi testada em sua plenitude. Um risco para um estádio que hoje receberá pelo menos 12 chefes de Estado. E que, na sua construção, registrou 3 mortes de operários. A desconfiança leva, há cerca de um ano, a protestos, com diversos graus de intensidade. (CHADE, LEITE, 2014, p. E-1).

Mesmo com sua efetiva realização a Copa do Mundo de 2014, chegou até o seu início eivada de críticas sobre as condições do País em realiza-la. O Brasil e os brasileiros que apoiavam quase maciçamente o megaevento esportivo foram mudando de ideia ao longo do tempo conforme novas situações iam se apresentando e o contexto econômico e político nacional e internacional se transformaram:

A economia brasileira, em 2007, cresceu cerca de 6% enquanto uma grave crise econômica já atingia os países desenvolvidos. O Brasil chamava atenção do mundo com a descoberta do Poço Tupi, no âmbito do Pré-sal, que lhe abria os horizontes para se tornar potência econômica, e internamente já despertava brigas entre Estados e municípios pela partilha dessa nova fonte de receita. Eram tempos de consolidação de Eike Batista como megaempresário e da realização dos Jogos Pan-Americanos no Rio de Janeiro, e o grande êxito no acúmulo de medalhas contribuiu para engrossar o conjunto de notícias positivas. Assim, naquele momento, realizar a Copa em 2014 também era visto como estratégia na busca de maior protagonismo do País nos organismos internacionais, como o objetivo de conquistar uma vaga permanente no Conselho de Segurança da ONU. Convém lembrar que governadores de todos os partidos, de oposição e situação, batiam regularmente nas portas da Fifa e do Palácio do Planalto, na tentativa de garantir que seus Estados tivessem jogos da Copa - e, também, para faturar politicamente com o evento. Nos últimos dois anos, porém, o contexto socioeconômico trouxe alguns gols contra nesse projeto. A expectativa de crescimento do País para 2014 é quase nula. Eike Batista perdeu parte significativa de seu patrimônio e foi chamado a prestar contas à Justiça. A Petrobrás, vista como orgulho do País, vem perdendo valor de mercado e se vê cercada de suspeitas de irregularidades. O Brasil de 2014 não exhibe mais ao mundo o vigor que se vislumbrava em 2007. Suas pretensões no jogo de



poder global enfraqueceram. A preocupação é a manutenção do emprego e da renda e como revigorar a atividade econômica, num cenário de intensa desconfiança dos agentes econômicos. Com isso, a Copa perdeu seu charme e passou a ser questionada por parcela da sociedade que viu conquistas recentes ficarem sob ameaça. Não por acaso, políticos de oposição, antes favoráveis à Copa, passaram a dar declarações tímidas sobre o evento. E a fatura política da atual imagem negativa da Copa está sendo paga apenas pelo governo federal (TEIXEIRA, 2014, p. A-4).

A cerimônia de abertura em 2014 contou, a exemplo de 1950, com a participação da Presidente da República. Ocorreram, em 1950, alguns desacertos que deixaram evidente a falta de organização em sua condução: a Banda dos Fuzileiros Navais ainda executava a profonia de “*O Guarani*” quando a Seleção do Brasil entrou festivamente em campo; a partida foi iniciada mesmo com a banda ainda executando o Hino Nacional e com os alto falantes anunciando a chegada do Presidente da República. Destacou-se que foi “... *esquisito que os primeiros minutos da partida fossem disputados ao com do nosso Hino*” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 25 jun 1950, p.13). Mas ao contrário de Eurico Gaspar Dutra, o presidente em 1950, Dilma Rousseff em 2014, se absteve de fazer um discurso de saudação aos presentes temendo vaias e outras manifestações do público. Outros Chefes de Estado se fizeram presentes como Michelle Bachelet do Chile e o Secretário Geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon e outros presidentes da América do Sul e da África. Mesmo não discursando a Presidente da República foi hostilizada pela torcida em diversos momentos da cerimônia e da partida (O ESTADO DE SÃO PAULO, 13 jun. 2014, p.A-1).

Como em 1950 também houve música e apresentações musicais (CAMPOS, 2014, p.E-7). Porém as apresentações não empolgaram o público presente ao estádio e aqueles que acompanharam pela televisão e outras plataformas de informação.

Acostumada a acompanhar os desfiles de carnaval mais suntuosos do planeta diretamente de seu quintal e a se deslumbrar diante de grandes eventos internacionais pela TV, a plateia brasileira se decepcionou com o espetáculo que precedeu a partida entre Brasil e Croácia, ontem, no Itaquerão. Durante o show com Pitbull, Claudia Leite e Jennifer Lopez, o *delay* entre som e movimento labial denunciava um playback mal ensaiado. (...) Outra imagem incomoda era o flagrante de cadeiras vazias no Itaquerão, uma clareira que os cortes de câmera omitiram melhor durante a transmissão do jogo a seguir. (...) quanto ao espetáculo em si, sobrou tecnicidade e faltou a tal espontaneidade brasileira. Figurinos e manifestações culturais brasileiras, como o colorido do frevo de Pernambuco e as bombachas gaúchas, desfilaram certa frieza. Até o Olodum, que era o Olodum autêntico, parecia *fake* (PADIGLIONE, 2014, p.E-7).

Apesar dos contratemplos, a Seleção Brasileira venceu a partida contra a Croácia por 3 a 1 (O ESTADO DE SÃO PAULO, 13 jun. 2014, p. A-1). Para os brasileiros, após tantos anos de preparativos houve grande decepção com derrota da seleção que representava o País, diante da Alemanha por um placar considerado alto: sete a um, em 08 de julho. Mesmo assim não ocorreram incidentes sérios ou com grande relevância durante a realização do megaevento. Ao final coube a seleção da Alemanha sagrar-se campeã diante da disputa com a Argentina no Estádio do Maracanã em 13 de julho (FRANCO JÚNIOR, 2017).

### 2.3.5 Resultados econômicos da Copa do Mundo FIFA de 2014

Com a diminuição do número de espectadores nos estádios, em virtude de seus novos padrões de segurança e conforto, as fontes de renda financeira da FIFA passaram a ser também auferidas por meio da venda dos direitos de transmissão das imagens de suas competições pela televisão e outras plataformas de informação. As cotas de patrocínio e exploração de suas marcas também se constituíram fonte de receita financeira para a entidade (CHADE, 2014). Conjugados os direitos de transmissão das partidas, o marketing esportivo, a venda de ingressos e os subsídios e isenções dados pelo Governo do Brasil, Estados e Municípios, a Copa do Mundo de 2014 foi a mais rentável de sua história até aquele momento.

A Copa do Mundo de 2014 garantiu para a Fifa o maior resultado financeiro de sua história e milhões acima até mesmo do que a entidade previa. O **Estado** obteve com exclusividade o balanço comercial mantido em sigilo pela entidade que será revelado amanhã e aponta que o Mundial rendeu à Fifa perto de US\$ 5 bilhões (R\$ 16 bilhões). Diante do recorde, jamais a entidade acumulou uma fortuna como a que hoje dispõe. Entre 2010 e 2014, enquanto o mundo pena para sair de sua pior crise financeira em 70 anos, a Fifa segue um caminho radicalmente diferente graças aos contratos no Brasil. Apenas no ano de 2014, a renda foi de quase US\$ 2 bilhões, um recorde absoluto com contratos comerciais, vendas de ingressos e direitos de televisão. Nenhum outro evento jamais se comparou aos ingressos gerados pelo Brasil, e sem a cobrança de impostos. Para a Copa de 2010, na África do Sul, a renda chegou a US\$ 4,1 bilhões. No ano de renda máxima na história da entidade, em 2006, os ingressos chegaram a US\$ 249 milhões. Agora, os valores apontam para um salto de dez vezes (CHADE, 2015, p.A-20).

Ainda em 2014 as previsões de altos ganhos ou da elevação do volume de sua receita financeira por parte da FIFA já eram conhecidas. Em maio daquele ano Jamil

Chade (2014) apresentava os números até então conhecidos e previa-se que todos os recordes de arrecadação seriam batidos com aquela edição do megaevento esportivo:

A renda da Fifa ultrapassará a marca de US\$ 4 bilhões, mais de US\$ 800 milhões acima do que a entidade obteve na África do Sul em 2010. Mas a entidade insiste que nunca gastou tanto com um evento quanto a Copa no Brasil. No total, o investimento da Fifa teria chegado perto de US\$ 2 bilhões. Para ter o direito de transmitir a Copa, redes de televisão pagaram um valor recorde para a Fifa: cerca de US\$ 1,7 bilhão. A expectativa é de que a audiência seja recorde. Na final da Copa em 2010, 530 milhões de pessoas assistiram a Espanha levantar o troféu. Desta vez, os números devem bater essa marca. No Brasil, mais de 14 mil jornalistas foram credenciados para o evento, outro recorde. Os estádios também bateram recordes, com gastos feitos no Brasil de mais de R\$ 8,5 bilhões para as doze arenas, três vezes o que a CBF havia indicado para a Fifa em 2007. O valor é ainda o equivalente a tudo o que a Alemanha e a África do Sul gastaram em duas Copas do Mundo, juntas. Outro recorde é o número de pedidos de ingressos. No total, mais de 11 milhões de pessoas enviaram seus pedidos para os 3 milhões de ingressos disponíveis. Só para a final no Maracanã, a Fifa poderia ter preenchido cinco estádios com os pedidos que recebeu (CHADE, 2014, p. D-1).

Em termos de custos também haviam sido previstos valores elevados com o aumento anunciado nos valores das premiações a serem distribuídas entre as seleções participantes da competição. Os gastos da FIFA decorrem grande parte dessas premiações e da manutenção de seu quadro dirigente e administrativo:

A Fifa garante que as seleções também ganham com a Copa. O prêmio ao vencedor de US\$ 35 milhões é o maior já pago pela entidade. Mas ele é apenas um terço do que a Fifa gasta anualmente para pagar os salários de seus funcionários e cartolas em Zurique. Outros US\$ 323 milhões serão distribuídos para as outras 31 seleções. Diante dessa realidade financeira inédita, algumas seleções já anunciaram que os prêmios que darão aos 23 jogadores baterão recordes. A França, por exemplo, indicou que cada atleta sairá do Brasil com 330 mil euros se ganhar a Copa, 10% a mais do que foi prometido na África do Sul em 2010. Já a seleção dos EUA indicou a seus jogadores que, apenas por participar do torneio, cada um deles levará uma bolada de US\$ 75 mil. Antes mesmo da bola rolar, a Fifa distribuiu US\$ 48 milhões para ajudar as 32 federações nacionais a pagar pelos custos de preparação. Até os clubes ganharão com a Copa. A Fifa reservou US\$ 70 milhões para dar aos times que vão emprestar os jogadores para as seleções nacionais. O valor é duas vezes o que foi distribuído na África do Sul (CHADE, 2014, p. D-1)

A FIFA faturou um total de cinco bilhões de dólares com a Copa do Mundo de 2014, a que foi disputada em 2010 na África do Sul bateu a marca de USD 4,1 bilhões enquanto que na Alemanha, em 2006, registrou-se pouco mais de USD 249 milhões (CHADE, 2015). Os valores obtidos pela FIFA possibilitariam a construção ou a

reforma dos estádios utilizados na competição no Brasil cujos custos foram bancados 90 por cento em média pelo poder público e orçados em R\$ 8,4 bilhões (CHADE, 2015). E a exemplo do que ocorrera em 1950, os rendimentos com a Copa do Mundo disputada no Brasil possibilitaram à FIFA manter altas as suas reservas financeiras que a deixaram em situação confortável. Suas reservas atingiram o valor de US\$ 1,5 bilhão, valor que supera o Produto Interno Bruto de ao menos 20 países, esse valor em 2006 era de cerca de US\$ 600 milhões (CHADE, 2015).

Também a CBF movimentou valores financeiros consideráveis com a realização da Copa do Mundo FIFA no Brasil em 2014. No espaço de quatro anos a CBF teve seus ganhos duplicados, principalmente, em função da Copa do Mundo, indo de R\$ 263 milhões em 2010, para R\$ 519 milhões em 2014. As despesas operacionais passaram de R\$ 93 milhões para R\$ 367 milhões e o lucro líquido reduziu-se de R\$ 83 milhões para R\$ 51 milhões, no mesmo espaço de tempo (LEITE, 2015). Pelos números apresentados no campo esportivo e pelos seus resultados financeiros, somados às polemicas sociais e políticas que provocou, a Copa do Mundo de 2014 foi a “Copa das Copas”.

#### 2.3.6 A transmigração do Estádio / Arena para os festivais populares

A adoção do “Padrão FIFA”, já mencionado, para a ocupação dos estádios utilizados nas Copas do Mundo pelos espectadores, no qual levava-se em conta a considerável melhoria na qualidade das instalações com a adoção do uso de cadeiras numeradas inclusive, levou a uma drástica redução do número de torcedores presentes a uma partida. A Copa do Mundo de 2006, disputada na Alemanha, representou na prática a adoção desses novos padrões: conforto e segurança maximizados e ocupação pelos expectadores minimizada. Havendo uma redução do público pagante presente aos estádios, mesmo com o eventual aumento do preço dos ingressos, a FIFA procurou recuperar, e mesmo aumentar seus ganhos financeiros por meio das outras possibilidades que lhe estavam ao alcance: transmissão das imagens das partidas e marketing esportivo.

Mesmo a transmissão de imagens corria risco de prejuízos devido a falência de duas das maiores parceiras da FIFA no tocante à comercialização dos direitos de transmissão pela televisão e ao marketing esportivo: a *ISL (International Sports*

*Leisure*) e a *KirchMedia*. A própria estabilidade financeira da FIFA ficou abalada com esses episódios em 2001 e 2002.

Foi em abril [de 2002] que a *KirchMedia*, um dos maiores grupos de comunicação do mundo e que havia comprado parte dos direitos de transmissão da Copa [do Mundo FIFA] do Japão e da Coreia por US\$ 713 milhões, faliu. A quebra provocada por dívidas acumuladas em mais de US\$ 5,7 bilhões, foi atenuada por uma manobra que transferiu os direitos para uma nova empresa a *Kirchsport*. O desabamento da *Kirch* foi mais uma etapa da derrocada financeira das empresas esportivas, iniciada no ano passado [2001] com a quebra da *ISL*, principal parceira da FIFA nos últimos anos, obrigada a decretar falência. A queda das duas empresas revelou a fragilidade de um sistema de comercialização de direitos de transmissão dos Mundiais, que movimentou somas astronômicas (BRASIL, 2002, p.X-22).

Novas formas de venda e de consumo para o produto “Copa do Mundo” precisaram ser desenvolvidas, acompanhando o desenvolvimento tecnológico. A FIFA Fan Fest foi uma experiência financeira gestada a partir da competição de 2006 na Alemanha (BORGES, 2013). Para os admiradores do futebol a Copa do Mundo é considerada a principal ou mesmo a maior competição esportiva que existe, participar dela é o objetivo de muitos desses torcedores. Àqueles que a ela não tem acesso direto, resta a opção de assisti-la pela televisão ou, por outra plataforma de comunicação:

Para quem ama futebol não existe nada melhor do que ir a uma Copa do Mundo e assistir a todos os jogos, com o seu time terminando campeão. Mas nada pode ser pior para um torcedor apaixonado do que ir a uma Copa e não conseguir ver os jogos. Para assistir pela televisão, é mais barato e confortável ficar em casa, ou no bar com os amigos, tomando sua cervejinha no ar-condicionado. Ver um jogo no estádio é muito diferente, é uma sensação insuperável para quem ama o futebol, que nem a melhor TV em 3D consegue dar (MOTTA, 2011, p. A-10).

Assistir aos jogos pela televisão tornou-se a opção da imensa maioria do planeta, inclusive para aqueles presentes ao país da Copa do Mundo. Procurando congregando marketing esportivo, transmissão das imagens dos jogos, geração de entretenimento para turistas e moradores locais dos centros onde se disputavam os jogos e até mesmo em outros países e continentes, idealizou-se na Copa do Mundo de 2006, na Alemanha, a “FIFA Fan Fest”. Procura-se multiplicar a capacidade de consumo do produto Copa do Mundo (BORGES, 2013).

O conceito de “Fan Fest” já era conhecido e praticado por organizadores de competições de diversos esportes que envolvem o consumo de massa. Um exemplo,

muito evidente disso, é a “Formula Indy”, modalidade de disputa automobilística considerada o ápice do setor nos Estados Unidos da América. A disputa de sua principal prova, as “500 Milhas de Indianápolis”, conjugam contemplação esportiva, consumo e entretenimento que atrai tanto os expectadores ou consumidores norte-americanos quanto a própria competição:

Ninguém melhor que os americanos para criar entretenimento. As 500 Milhas de Indianápolis são um grande exemplo. O autódromo é, antes de mais nada, uma grande área de lazer, onde além do habitual piquenique e da bebedeira, os torcedores encontram outras formas de diversão. Uma delas é o FanFest, um parque montado no interior do oval, em que há de tudo: mini Formulas Indy para crianças, videogames, carros históricos, lojas de souvenirs, filmes sobre a história da prova e até alguns brinquedos que lembram a Disney, com simuladores de corridas em realidade virtual. (...) O Fan Fest é uma oportunidade também de os americanos seguirem sua maior compulsão: comprar, comprar e comprar. Os torcedores compram de tudo, quase sempre com mau gosto. As camisetas, moletons e casacos com motivos da Indy tem quase todo estampas berrantes. Os pequenos souvenirs, tipo chaveiro, cinzeiro e canecas, são coloridos e cafonas. O stand que mais retrata o jeito de ser dos americanos não são as barraquinhas de venda, mas o *Goodyear Victory Lane* (AGUIAR, 1995, p. E-6).

Essa capacidade de prover, com segurança e conforto, praticamente tudo ao frequentador do evento esportivo, comum aos espetáculos norte-americanos, foi transportada para os modernos estádios. Chamados de “arenas”, nos modernos estádios é possível assistir aos jogos, alimentar-se em restaurantes ou praças de alimentação e consumir os demais produtos esportivos nas lojas do clube ou de outros segmentos. Espaço de multiuso que abriga disputas esportivas, shows artísticos, festivais de música, etc. Um exemplo dessa diversificação de receitas foi o estádio do *Arsenal*, tradicional equipe britânica:

Porque as receitas precisam ser diversificadas, o novo estádio do Arsenal, inaugurado no segundo semestre de 2006, tem quatro restaurantes, 250 pontos-de-venda de bebidas e lanches, uma loja de mil metros quadrados. Em dia de jogo as vendas complementares são tão importantes quanto a de entradas. Em toda a Inglaterra, as receitas geradas pelas vendas complementares são tão importantes quanto a das entradas: na média, 45 euros por torcedor por partida (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.182).

Foi diante da incapacidade de alojar mais expectadores, que consumissem os produtos complementares das equipes ou dos seus patrocinadores, do que as possibilidades econômicas do estádio, o clima festivo das competições exportado para as FIFA Fan Fest.

O espaço se configurava, como de fato era, em um espetáculo esportivo, cultural e de, essencialmente, entretenimento. Praças de alimentação, telões com exibição ao vivo dos jogos em disputa, shows e exposição da marca dos patrocinadores configuravam a fórmula de uma nova forma de consumo do produto Copa do Mundo FIFA. A FanFest se tornou um produto exportado nas edições seguintes do megaevento esportivo, com a exploração de parques semelhantes em países diversos daquele onde se disputava a Copa do Mundo. Em 2010, com a Copa do Mundo FIFA na África do Sul a Fan Fest oficial da entidade máxima do futebol foi realizada também no Brasil, na praia de Copacabana no Rio de Janeiro:

Com investimentos de R\$ 14 milhões distribuídos entre os patrocinadores mundiais e regionais da Fifa, a edição nacional da Fan Fest é mais uma "propriedade" que os anunciantes têm direito a usufruir. Eles estão pagando até US\$ 200 milhões por uma cota global de patrocínio por oito anos - ou duas Copas. Como restringem espaços para ações de empresas fora do controle da Fifa e, ao mesmo tempo, criam valor para as companhias que pagam o patrocínio, essas iniciativas acabam inflacionando o preço das cotas (RIBEIRO, 2010, p. N-8).

Não se tratava da substituição dos estádios e arenas, mas do estabelecimento de um novo espaço de consumo da Copa do Mundo, sob o controle da FIFA. Com ações deste tipo a FIFA voltava a ser rentável (RIBEIRO, 2010, p. N-8). O negócio tornou-se atraente ao ponto de ser já planejado com anos de antecedência, como em São Paulo que recebeu inspetores da FIFA com esse intuito já em 2011 (BATISTA, 2011). Novos negócios se arvoravam no campo econômico do esporte tido como o mais popular do planeta.

### 2.3.7 A Fifa Fan Fest da Copa Do Mundo FIFA de 2014

Para a Copa do Mundo FIFA de 2014, foram escolhidas as doze cidades-sedes dos jogos para que também nela, fossem organizadas as edições da FIFA Fan Fest. As cidades contaram com a orientação da própria FIFA para se organizarem:

Um manual da Fifa que trata da organização das Fan Fests orienta que o local que abrigará o evento deve ser suficiente para acomodar infraestrutura técnica, venda de bebidas e "contenção de excesso de pessoas". A entidade prevê locais para até 20 mil torcedores, mas, para sedes maiores, como é o caso do Rio, deve ser capaz de acomodar até cem mil pessoas (DOLZAN, 2014, p. E-4).

O contrato com seus patrocinadores e com base na Lei Geral da Copa, aprovada em 2012 pelo Governo Federal, permitiu que a FIFA impusesse restrições comerciais à área das suas *Fan Fests*. As restrições e os direitos outorgados a FIFA eram os mesmos que se foram estabelecidos nos estádios dos jogos oficiais e seus entornos. Foram proibidos desde vendedores ambulantes desautorizados pela entidade, até produtos não licenciados. Em São Paulo a área da *FIFA Fan Fest* restringiu-se ao Vale do Anhangabaú e seus arredores (VALLE, CASTRO, ITALIANI, 2014, p.A-20).

A exemplo de outras festas populares, mesmo com as restrições comerciais e a preocupação com a segurança, pode-se auferir, pelo noticiário do período de sua realização, que as *FIFA Fan Fests* foram um sucesso de público e de exposição das marcas da organização e de seus patrocinadores. O primeiro FIFA Fan Fest realizado em São Paulo, no dia da abertura da Competição em 12 de junho atendeu às expectativas e proporcionou a integração entre paulistanos, turistas brasileiros e estrangeiros:

O Vale do Anhangabaú, palco da *Fifa Fan Fest* no centro de São Paulo, virou ontem à tarde uma extensão das arquibancadas da Arena Corinthians, em Itaquera, zona leste, onde jogou Brasil e Croácia. Na entrada da seleção brasileira em campo, aplausos e buzinas em favor da equipe. A cada carrinho, lance de perigo e gol, as reações foram típicas de um estádio. Durante o Hino Nacional, o público, estimado em 30 mil torcedores pela Polícia Militar, acompanhou até o fim da primeira parte, mesmo após o sistema de som cortá-lo no Itaquarão (HALLACK, 2014, p.E-11).

Outras cidades também tiveram sucesso com suas versões da *FIFA Fan Fest*, como no Rio de Janeiro e Recife, no Estado de Pernambuco. Local onde também ocorreu concentração de brasileiros e turistas estrangeiros, mesmo não havendo show com nenhum artista famoso. Foi mostrada a cultura local, típica do carnaval daquela cidade e da vizinha Olinda:

Sem nenhum show ou atração, a *FIFA Fan Fest* no Bairro do Recife Antigo, ontem à tarde [12 de junho] teve orquestra de frevo e 30 bonecos gigantes, em clima típico de carnaval. A Embaixada dos Bonecos Gigantes de Olinda levou seus músicos por iniciativa própria, de acordo com o diretor Leandro Castro. “*Em um grande evento como a Copa, a Embaixada não poderia ficar de fora*”, afirmou. A plateia era tímida, com 5 mil pessoas, e predominavam os estrangeiros (PENNAFORT et All, 2014, p.E-11).

A proposta de sociabilização entre os habitantes locais e turistas nacionais e estrangeiros faz parte do escopo idealizado para a *FIFA Fan Fest* (BORGES, 2013).



Além das festas oficiais da FIFA, outras tantas foram organizadas formal ou informalmente afim de atender ao público brasileiro ou estrangeiro afoito por assistir aos jogos da Copa do mundo fora dos estádios e arenas. Um desses lugares em no Rio de Janeiro trata-se da esquina das Ruas Conde de Monte Cristo e Alzira Brandão. Chamado de “Alzirão” o local já era usado como lugar de concentração, assistência e festejos durante as edições anteriores da Competição. Os organizadores da festa no “Alzirão” chegaram a ter um embate com a FIFA em relação ao uso, ou menção a Copa do Mundo que o lugar fez, o que contrariava os direitos comerciais da marca da entidade em relação ao megaevento esportivo (NEDER, 2014, p.A-16).

Outro ponto de festa popular, com telões, alimentação e lazer que pode ser considerado emblemático foi o “Carnacopa” levado a termo em Vila Madalena, um dos bairros de São Paulo. Um lugar que não havia sido planejado ou pensado pelos organizadores para as atividades ligadas ao megaevento esportivo, mas que devido a tradição gastronômica e de entretenimento acabou sendo incorporado à realidade da cidade de São Paulo, atraindo muitos dos turistas que haviam ido, não puderam ou não desejaram participar da FIFA Fan Fest no Anhangabaú (PAIVA, 2014, p.C-10).

As *FIFA Fan Fest*, segundo Borges (2013) representaram um sucesso financeiro para a organização da Copa do Mundo de 2014. Segundo o autor os maiores custos neste tipo de evento que procura reproduzir o clima de festa de uma partida de futebol, como se estivessem todos os presentes em um estádio, são com transporte e segurança. Itens estes que são de responsabilidade das cidades e de seus comitês locais de organização. Desta forma a FIFA consegue controlar estes festivais que seriam externos e por meio de ações de marketing, maximiza seus ganhos (BORGES, 2013).

## 2.4 O LEGADO DA COPA DO MUNDO FIFA DE 2014: DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO, MOBILIDADE URBANA E ESTÁDIOS

O Brasil foi, como se sabe, escolhido como sede da XX Copa do Mundo FIFA em 30 de outubro de 2007 em cerimônia, na sede da entidade na Suíça, que contou com a presença de autoridades governamentais de diversos níveis: Presidente da

República, Governadores de Estado e Prefeitos das diversas cidades-sede (CHADE, 2014; CONCHAS, 2014; FRANCO JUNIOR, 2017). Ao País e a população prometia-se um legado tangível e, também, um legado simbólico. A visibilidade internacional proporcionada pelos megaeventos esportivos tornara-os uma oportunidade singular para a projeção das cidades e dos países hospedeiros e das marcas corporativas privadas envolvidas (TAVARES, 2011; ISHY, 1998).

Por legado compreendiam-se os investimentos e ações que, devidamente planejadas, promoveriam a capacidade de organização do Brasil, sua modernidade e o crescimento econômico decorrente da condução das obras de infraestrutura necessárias à realização da Copa do Mundo (SIEGFRIED, ZIMBALIST, 2002; TAVARES, 2011; MELO, 2014; COAKLEY, SOUZA, 2015). O legado, por seus efeitos, deve: superar e possibilitar a sua utilização posteriormente à realização do megaevento, ou seja, deve continuar sendo útil à população e as cidades ou região onde ocorreu o investimento e a obra necessária à realização do megaevento; proporcionar novas iniciativas; transmitir e gerar valores; ser tangível ou identificável entre outras condições e; apesar da sua limitação a uma cidade, propagar e fazer-se sentir em outros locais ou regiões (GRIX, 2013; MELO, 2014; VILLANO, 2014; ARAGÃO, 2015; MÜLLER, 2015-a; ZIMBALIST, 2015; ALMEIDA, 2016; FREEMAN, BREWER, 2017).

Considerando a necessidade de conduzir um processo de planejamento e organização, um acordo foi firmado entre a FIFA e o Governo do Brasil. Este acordo foi selado através da assinatura, em 2010, da “**Matriz de Responsabilidades da Copa**”, um documento onde estavam listadas as diversas categorias de investimentos, as obras e o seu detalhamento além dos responsáveis governamentais por sua execução e a origem dos recursos financeiros (BIANCO, 2014; NETTO, 2017). Foram elencadas ações que não se restringiam apenas àquelas estritamente necessárias à realização da competição, como centros de treinamentos, estádios e arenas multiuso com os seus acessos, tecnologia de comunicação e equipamentos de transmissão, mas também obras de transmissão de energia, mobilidade urbana, aeroportos, portos, segurança (ROCHE, 2006; SILK, MANLEY, 2014; ZIMBALIST, 2015; AMANN et All, 2016; MÜLLER, 2015-a, 2015-b, 2016; NETTO, 2017; KASSENS-NOOR, 2017).

A Copa do Mundo é, como todo megaevento esportivo, “*um flash in the history*” (um flash na história), um acontecimento temporalmente rápido com pouco mais de

um mês de duração. A brevidade da competição não permite que ocorram impactos capazes de alterar as estruturas econômicas de um país (SOLBERG, PREUSS, 2007; HARRISON, 2017). Também a renda direta proporcionada pelo evento seria muito baixa quando comparada ao produto interno bruto (PIB) do País (MELO, 2014). O legado, conforme Müller (2015-b) ao apresentar os sintomas da “Síndrome de Megaeventos”, em conjunto com demais supostos benefícios, especialmente os econômicos e estruturais que podem ser superestimados. Outros estudos discorrem sobre esses aspectos, em especial da Copa do Mundo:

Estudos econométricos do impacto das Copas do Mundo mostram que sediar esse evento traz pouco ou nenhum benefício permanente em termos de renda ou emprego. Não há evidência de ganhos permanentes com turismo, e as instalações para os jogos costumam virar “elefantes brancos” após o evento. Países emergentes têm ganhos na melhora de infraestrutura, como transporte, mas em tese seria mais barato fazer esses investimentos sem gastar com eventos esportivos (ZIMBALIST, 2010, p.192).

Apesar destas restrições já apontadas, apresentavam, no caso do Brasil que o legado projetado e a sua materialização seriam a força capaz de produzir as mudanças estruturais na economia do país-sede da Copa do Mundo, produzindo investimentos, gerando empregos e movimentando o mercado, enfim, seria a força motriz, capaz de impulsionar no caso brasileiro. Dando início desta forma a uma nova fase de modernização estrutural e crescimento econômico do País deixando marcas identificáveis em história (ROCHE, 2006; ZIMBALIST, 2010; FONTES FILHO, 2014; COKLEY, SOUZA, 2015; GRIX, 2017; NETTO, 2017).

As obras em “mobilidade urbana” foram apresentadas e colocadas como um dos principais benefícios ou legado que restaria as cidades-sede. Estas obras todas deveriam impactar diretamente na qualidade de vida das populações envolvidas (CHADE, 2014; CONCHAS, 2015). De fato, esse era o consenso que se verificava entre os diversos discursos e as opiniões de especialistas:

O legado principal da realização dos megaeventos [esportivos no Brasil] deveria ser a modernização do sistema de trens urbanos e metrô. Dotar a cidade de uma infraestrutura de transporte público confortável, confiável e eficiente (MELO, 2014, p.184).

Antes mesmo da escolha definitiva das doze cidades-sede, sabia-se por meio dos relatórios produzidos pela FIFA a respeito das condições do Brasil que, nenhuma

delas, com exceção parcial de Curitiba, no Estado do Paraná, possuía uma arena que estivesse adequada aos padrões FIFA para abrigar suas competições. Este padrão baseava-se principalmente nas condições que eram consideradas ideais ou ótimas principalmente para a Europa Ocidental:

O eurocentrismo faz com que todas as especificações técnicas dos estádios, arenas [multiuso] e instalações esportivas tenham como parâmetros a realidade econômica e social dos países desenvolvidos (MELO, 2014, p.188).

A adequação ao “Padrão FIFA” assumiu uma posição de preponderância nos discursos. Seus parâmetros fizeram-se presentes no compromisso firmado pelo governo brasileiro, onde constava a construção, a reforma, a reconstrução ou a modernização dos estádios e das arenas em todas as cidades-sede (BIANCO, 2014; ZIMBALIST, 2015; FRANCO JÚNIOR, 2017).

A modernização aconteceu apesar da considerável morosidade na execução das obras, o que causou inquietude para a direção da FIFA que declarou que havia afirmado, como já anotado neste trabalho, serem necessários apenas oito a dez estádios para a disputa, recomendação extrapolada pelo Governo do Brasil que, por motivos políticos, optou por um número maior (FRANCO JÚNIOR, 2017). Dentre os doze locais escolhidos para a realização dos jogos, três estádios eram particulares, pertencentes a clubes, em Curitiba, São Paulo e Porto Alegre. Os demais pertenciam ao poder público brasileiro. Em todos os locais de jogos ocorreu a participação do Governos do Brasil e dos Estados em sua execução, seja como financiadores ou executores diretos das obras de construção (CHADE, 2015). Assim, o legado prometido na categoria de estádios, com investimentos alocados na “Matriz de Responsabilidades da Copa” pelo Governo do Brasil eram: modernidade, funcionalidade e, em especial, à sustentabilidade financeira (BIANCO, 2014; FONTES FILHO, 2014; MELO, 2014; ZIMBALIST, 2015; 2015-a; NETTO, 2017). O principal financiador desta categoria de investimentos foi o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES - mantido pelo Governo Federal do Brasil. Seus recursos são considerados públicos pois além do seu evidente mantenedor, segundo Chade (2014, p.70), em 2003 os juízes da OMC - Organização Mundial do Comércio - julgando um caso em que o Governo do Canadá demandava

contra o Brasil sobre empréstimos deste banco à Embraer, fabricante brasileira de aeronaves, consideraram que aqueles recursos eram dinheiro público-estatal.

Seis dos equipamentos esportivos construídos para a realização da Copa do Mundo de 2014 foram utilizados para o torneio de futebol realizado na Olimpíada de 2016 (Rio de Janeiro, Brasília, Manaus, Salvador, São Paulo e Belo Horizonte). Esta utilização permitiu mensurar o seu legado deixado justamente na ocorrência de outro megaevento esportivo, considerando o lapso temporal de dois anos entre os megaeventos (LEITE, 2016). A atenção sobre o que ocorria com os demais estádios e arenas multiuso também foi, neste momento despertada, produzindo repercussões na imprensa e meios de comunicação. Melo (2014), alertava para a subutilização desses equipamentos esportivos, demonstrando sua inadequação aos padrões de consumo do Brasil:

Os estádios [e arenas multiuso] muitas vezes continuam a ser usados, mas raramente ocupam a sua capacidade, tornando-se elefantes brancos com altos custos de manutenção em países com renda per capita inferior aos dos países desenvolvidos para onde foram planejados (MELO, 2014, p. 187).

A “Matriz de Responsabilidades” representou a interligação e entrosamento de três campos específicos, que distintos em suas persecuções e ações, detentores de autonomia, tinham por objetivo a realização da Copa do Mundo no Brasil. Cada campo possui suas próprias regras e relações internas estabelecidas, pressupondo que seus agentes sejam neles já iniciados e conhecedores de suas práticas caracterizando assim o seu habitus (BOURDIEU, 1997-b). Assim compreendido: o campo esportivo que procurava explorar o capital cultural e simbólico da competição; o campo político que, em busca de reputação e prestígio buscava reforçar a sua reputação nacional ou mesmo internacional, com vistas a sua perpetuação no poder e; o campo econômico cujos agentes, em especial os grupos privados, buscavam o retorno financeiro decorrente de seus investimentos ou participação na preparação das condições para a Copa do Mundo (BOURDIEU 1977, 1979, 1993, 1997-a, 1997-b; SMIT, 2006; DONHA et All, 2014).

Do ponto de vista esportivo e financeiro, bem como para os interesses da FIFA, a XX Copa do Mundo foi um sucesso.

O Mundial rendeu à Fifa perto de US\$ 5 bilhões (R\$ 16 bilhões). Diante do recorde, jamais a entidade acumulou uma fortuna como a que hoje dispõe. Entre 2010 e 2014, enquanto o mundo penava para sair de sua pior crise financeira em 70 anos, a Fifa segue um caminho radicalmente diferente graças aos contratos no Brasil. Apenas no ano de 2014, a renda foi de quase US\$ 2 bilhões, um recorde absoluto com contratos comerciais, vendas de ingressos e direitos de televisão. Nenhum outro evento jamais se comparou aos ingressos gerados pelo Brasil, e sem a cobrança de impostos. Para a Copa de 2010, na África do Sul, a renda chegou a US\$ 4,1 bilhões. No ano de renda máxima na história da entidade, em 2006, os ingressos chegaram a US\$ 249 milhões. Agora, os valores apontam para um salto de dez vezes (CHADE, 2015, p.A-20).

A edição de 2014 foi a mais rentável, para a FIFA, da história deste megaevento. Do ponto de vista político-governamental e para o legado deixado para as cidades, regiões e para população em geral, isto pode ser discutível (CHADE, 2015). Também sediar um megaevento esportivo não é um elixir milagroso que cure todos os problemas, sejam eles urbanos, econômicos sociais, estruturais, etc (MELO, 2014).

### 3 METODOLOGIA E MÉTODOS

#### 3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

O presente trabalho é de natureza documental. Do ponto de vista da técnica, fez uso da observação e identificação de documentos, uma vez que foram consideradas como fontes as informações obtidas por meio de arquivos, publicações oficiais e imprensa (AROSTEGUI, 2006). A exploração documental visa a extração de informação primária, factual de qualquer tipo que permitam sua organização.

Desta forma, e assim considerando, esta pesquisa pode ser classificada das seguintes formas:

- **Pesquisa Exploratória**, em função de sua natureza;
- **Pesquisa Qualitativa**, em função de sua abordagem;

#### 3.2 NATUREZA DOS DADOS E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Foram utilizados dados publicados pelo Governo Federal do Brasil, por Estados, pelo Distrito Federal e por cidades onde foram realizados os jogos da Copa do Mundo FIFA de 2014, em consonância com a “**Matriz de Responsabilidades da Copa**”. Foram levantadas as informações relacionadas aos valores e gastos financeiros previstos, contratados e aqueles que foram efetivamente realizados e pagos, devidamente registrados no “**Portal da Transparência da Copa 2014**” (<http://www.portaltransparencia.gov.br/copa2014>). No website mantido pelo Governo Federal do Brasil estão relacionadas as categorias de investimentos e obras que foram necessárias ao megaevento, sendo consultadas por cidades-sede ou em sua totalidade. Foram consideradas também as informações dispostas pela FIFA em suas publicações e relatórios.

Os valores investidos foram considerados no espaço temporal compreendido entre 13 de janeiro de 2010 até o 12 de junho de 2014, data quando ocorreu a abertura oficial da competição. Em relação a funcionalidade e rentabilidade dos estádios e arenas foi considerado o espaço de tempo entre o final da Copa do Mundo e o mês

de junho de 2016, ano em que ocorreram os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. Como já foi tratado e especificado no marco referencial, a escolha das Olimpíadas de Verão como parâmetro de mensuração, deu-se em virtude da sua natureza como um megaevento esportivo, conforme a classificação de Müller (2017-a). O fato de ter sido esta Olimpíada, também, disputada no Rio de Janeiro, cidade onde ocorreram os principais jogos da Copa do Mundo, apenas dois anos após a sua disputa, deram oportunidade de análise a respeito da situação e funcionalidade dos Estádios e Arenas nelas envolvidos, despertando também o interesse a respeito dos demais que haviam sido envolvidos.

A quantidade de visitantes e turistas estrangeiros e o número de brasileiros em circulação pelo País com o objetivo de acompanhar o torneio, foram publicados pelo Ministério do Turismo do Brasil, (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2016). A presença de público às partidas e os valores financeiros arrecadados com o megaevento foram obtidos junto à FIFA por meio da publicação de seus relatórios (FIFA 2014) ou, divulgados em seu Congresso anual (FIFA, 2015).

Os dados relativos à funcionalidade e rentabilidade dos estádios e arenas foram retirados do jornal “O Estado de São Paulo” que os divulgou após obtê-los diretamente dos seus administradores e respectivas organizações. A análise dos resultados deu-se por meio da estatística descritiva.

Para uma melhor compreensão e indexação dos valores financeiros envolvidos na realização da Copa do Mundo FIFA no Brasil, optou-se pela conversão dos mesmos para dólares norte-americanos.

Os valores previstos para os investimentos na “Matriz de Responsabilidades” foram convertidos da moeda brasileira, o real, para o dólar norte-americano (USD) conforme a cotação das datas que delimitam o período estudado a saber: 13 de janeiro de 2010. Taxa de conversão: 01 Real Brasil = 0,5733287 Dólar dos EUA / 01 Dólar EUA = 1,74420001 Real Brasil e; 12 de junho de 2014. Taxa de conversão: 01 Real Brasil = 0,4483099 Dólar dos EUA / 01 Dólar EUA = 2,2305999 Real Brasil. Os valores previstos e contratados foram convertidos à taxa cambial de 2010 e os executados à taxa de 2014 respectivamente. A conversão foi realizada pela tabela de valores publicada pelo Banco Central do Brasil (<http://www4.bcb.gov.br/pec/conversao/conversao.acep>). Utilizando-se desta mesma ferramenta virtual, a conversão referente a rentabilidade dos estádios e arenas foi pautada da taxa de cambio referente ao dia 30 de junho de 2016, data do início dos



Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, a saber: 01 Real Brasil = 0,3115459 Dólar / 01 Dólar EUA = 3,2097999 Real Brasil.

A análise dos resultados obtidos foi conduzida por meio da análise de estatística descritiva. Este é um procedimento metodológico permite que seja conduzida uma análise quantitativa, de forma resumida, sem que haja distorção ou perdas da mesma (THIEM, 2014).

## 4 RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÃO

### 4.1 O CRESCIMENTO E A CONSOLIDAÇÃO DO FUTEBOL E DA COPA DO MUNDO FIFA

A tabela 1 apresenta todas as vinte edições, disputadas até o ano de 2014, da Copa do Mundo FIFA. Nela encontram-se relacionadas a quantidade de cidades envolvidas e que sediaram as partidas da competição, o número de seleções participantes da disputa e quantidade de estádios que foram utilizados. Dentre os estádios apontam-se aqueles que foram construídos, reformados ou adequados especificamente para a edição correspondente da Copa do Mundo, o número de partidas disputadas, a quantidade total de público presente aos estádios. A média de público por partida disputada e a média de público por estádio.

O século XX foi longo e muito intenso em seus acontecimentos, ao mesmo tempo e que guerras e ideologias distanciavam pessoas e nações estes entes eram aproximados pelo desenvolvimento tecnológico nas áreas de transporte e telecomunicações. A prática desportiva explorada como espetáculo pela indústria cultural representou neste contexto um fator de aproximação internacional (HOBBSAWM, 1994; DEBORD, 1997; BAUDRILLARD, 1998). O *football association*, com a mesma intensidade vivenciada no século de sua expansão, adquiriu corpo e volume, produzindo impactos culturais e econômicos conforme os meios de comunicação progrediam tecnologicamente, aproximavam seus expectadores e conquistavam consumidores para seu produto. É perceptível que os apreciadores deste esporte, devidamente iniciados neste campo, cresceram em número e multiplicaram seus interesses de consumo, economicamente explorado, em especial pelo desenvolvimento do marketing esportivo (BOURDIEU, 1979, 1993; GIOVANNI, 2005; SMIT, 2006; EICK, 2011; CONCHAS, 2014).

Tabela 1 - Copas do Mundo FIFA, cidades-sede, estádios utilizados e estádios construídos, público total, média por partida e por estádios

Ano	País-Sede	Cidades Envolvidas	Quantidade Seleções	Estádios Utilizados	Estádios Novos ou reformados	Partidas	Público Total	Público Médio por Partida	Público Médio por Estádio
1930	Uruguai	01	13	03	01	18	434.500	24.139	144.833
1934	Itália	08	16	08	03	17	395.000	23.235	49.375
1938	França	09	16	10	02	18	483.000	26.235	48.300
1950	Brasil	06	13	06	02	22	1.337.000	60.773	222.833
1954	Suíça	06	16	06	01	26	943.000	36.269	157.166
1958	Suécia	12	16	12	03	35	868.000	24.800	72.333
1962	Chile	04	16	04	01	32	776.000	24.250	194.000
1966	Inglaterra	07	16	08	00	32	1.614.677	50.459	201.834
1970	México	05	16	05	03	32	1.673.975	52.312	334.795
1974	Alemanha Ocid.	09	16	09	01	38	1.774.022	46.685	197.113
1978	Argentina	05	16	06	04	38	1.610.215	42.374	161.021
1982	Espanha	14	24	17	00	52	1.856.277	35.698	109.192
1986	México	11	24	12	01	52	2.407.431	46.297	200.619
1990	Itália	12	24	12	02	52	2.517.348	48.411	209.779
1994	EUA	09	24	09	00	52	3.587.538	68.991	398.615
1998	França	05	32	10	01	64	2.785.100	43.517	278.510
2002	Japão	10	32	10	06	64	2.705.134	42.268	135.256
	Coréia do Sul	10		10					
2006	Alemanha	12	32	12	06	64	3.359.439	52.491	279.953
2010	África do Sul	09	32	10	05	64	3.178.856	49.670	317.885
2014	Brasil	12	32	12	12	64	3.429.873	53.592	285.822

Fonte: Adaptado de GEHRINGER (2010) e FIFA (2014).

A tabela 1 apresenta, portanto, de forma clara o crescimento, ao longo de vinte edições (1930-2014), da principal competição organizada pela FIFA, a Copa do Mundo. Os números desta tabela demonstram a importância que o *football association* adquiriu neste período. A primeira edição da competição em 1930 no Uruguai contou com 13 seleções que disputaram 18 partidas fazendo o uso de três estádios atraindo mais de 400 mil espectadores. As equipes passaram a 16 em 1934, 24 em 1982, 32 em 1998 até 2014. A quantidade de estádios utilizados teve um crescimento que chegou ao número de 20 quando da edição conjunta da Copa do Mundo em 2002 no Japão e Coreia do Sul. A importância atribuída a competição fez com que estádios e arenas fossem especialmente construídas para cada edição desse megaevento (SIEGFRIED, ZIMBALIST, 2002; ZIMBALIST, 2015).

#### 4.2 COPA DO MUNDO FIFA DE 2014 NO BRASIL, RESULTADOS FINANCEIROS E MOVIMENTAÇÃO TURÍSTICA

A tabela 2 relaciona o público presente às partidas disputadas na Copa do Mundo de 2014. São apresentadas as cidades-sede, os doze estádios e a capacidade de expectadores de cada um. Relacionam-se os jogos disputados e o público total presente às partidas daquele estádio. Coloca-se também a média de público presente às partidas disputadas naquele estádio ou arena.

Tabela 2 - Cidades-sede, estádios, capacidade, partidas disputadas e média de público.

	Cidade	Estádio	Capacidade	Jogos Disputados	Público Total	Média de Público
1	Rio de Janeiro	Maracanã	74.689	7	519.189	74.170
2	Brasília	Nacional	69.432	7	478.218	68.317
3	São Paulo	São Paulo	62.601	6	375.593	62.599
4	Fortaleza	Castelão	60.348	6	356.896	59.827
5	Belo Horizonte	Mineirão	58.259	6	345.350	57.350
6	Salvador	Fonte Nova	51.708	6	300.674	50.112
7	Porto Alegre	Beira Rio	42.991	5	214.969	42.994
8	Recife	Pernambuco	42.583	5	204.882	40.976
9	Cuiabá	Pantanal	39.859	4	158.717	39.679
10	Manaus	Amazônia	39.118	4	160.167	39.542
11	Natal	Das Dunas	38.958	4	158.167	39.542
12	Curitiba	Baixada	38.533	4	156.991	39.248
	<b>Total</b>			<b>64</b>	<b>3.429.873</b>	<b>53.592</b>

Fonte: Adaptação de FIFA, 2015.

Por meio da observação dos seus resultados estatísticos, a XX Copa do Mundo FIFA, confirmando tudo aquilo que dela se esperava como espetáculo, pode ser considerada um sucesso (SMIT, 2006; EICK, 2011; COAKLEY, SOUZA, 2015; FRANCO JUNIOR, 2017). O público atraído, conforme exposto na tabela 2, foi superior aos 3,4 milhões de pessoas que estiveram presentes diretamente aos doze estádios onde foram desenvolvidas as partidas do torneio. A média de público por partida disputada ultrapassou os 53 mil expectadores em 64 jogos. Esta foi, em termos de público total presente aos estádios, a terceira maior edição da competição menor apenas que a edição de 1950, também disputada no Brasil e de 1994 que foi realizada nos Estados Unidos da América (Tabela 1).

A tabela 3 apresenta os valores arrecadados pela FIFA entre os anos 2011-2014 com a venda dos direitos de transmissão pela televisão e com o licenciamento de marcas e produtos. O total dos valores incluem, também aqueles provenientes da arrecadação com a Copa do Mundo FIFA de 2014 no Brasil. O “*FIFA Financial Report 2014*” foi apresentado durante o 65º Congresso da entidade realizado em Zurich, Suíça, nos dias 28 e 29 de maio de 2015:

---

Tabela 3 - Valores financeiros arrecadados pela FIFA entre 2011 e 2014, inclusos aqueles referentes à FIFA World Cup 2014

---

Descrição	Valores em milhões de USD
Direitos de transmissão pela televisão	2,484
Direitos de transmissão da Copa do Mundo no Brasil em 2014	2,428
Venda de direitos de propaganda	1,629
Venda de direitos de propaganda da Copa do Mundo no Brasil em 2014	1,580
Direitos de hospedagem	185
Direitos de licença	115
Total (Bilhões)	<b>8,421</b>

**Fonte:** FIFA (2015).

Os valores financeiros que a FIFA arrecadou com a disputa de 2014 no Brasil também foram consideráveis. Chade (2015) afirma que este foi o mais rentável dos Mundiais organizados por aquela entidade, ultrapassando USD 8,4 bilhões (Tabela 3). Destaque-se que estes valores totais se referem apenas ao total da receita deste período, não havendo, portanto, uma especificação de despesas que possibilitariam auferir lucro ou prejuízo da entidade.

A tabela 4 apresenta o volume de entrada de visitantes no Brasil, relacionando os números totais verificados a cada mês, proporcionando uma comparação entre os anos de 2013 e 2014. Foi dado destaque aos meses de junho e julho por representarem o período em que foi disputada a Copa do Mundo FIFA de 2014.

Tabela 4 - Chegadas de Turistas ao Brasil em cada mês / Anos de 2013-2014 em números de pessoas

Meses	Anos	
	2013	2014
Janeiro	758.573	580.616
Fevereiro	548.577	535.096
Março	650.651	329.779
Abril	407.970	389.943
Maio	348.137	349.819
<b>Junho</b>	<b>350.025</b>	<b>1.018.876</b>
<b>Julho</b>	<b>534.130</b>	<b>717.769</b>
Agosto	407.349	401.094
Setembro	286.228	373.555
Outubro	455.918	414.408
Novembro	479.527	467.114
Dezembro	586.257	851.783
<b>Total</b>	<b>5.813.216</b>	<b>6.429.509</b>

Fonte: Anuário Estatístico de Turismo de 2015

A tabela 5 relaciona a quantidade de turistas internacionais verificados durante a realização da Copa do Mundo na Alemanha em 2006, África do Sul em 2010 e no Brasil em 2010. Os dados dizem respeito àqueles que declararam como seu objetivo de viagem participar ou assistir à competição:

Tabela 5 - - Quantidade de turistas internacionais presentes às Copas do Mundo FIFA de 2006, 2010 e 2014

FIFA World Cup	Quantidade de turistas internacionais
Alemanha - 2006	2.000.000
África do Sul - 2010	309.000
Brasil - 2014	600.000

Fonte: Anuário Estatístico de Turismo de 2015 e FRANCO JÚNIOR (2017).

A tabela 6 apresenta a quantidade de turistas e viajantes brasileiros que se deslocaram entre as cidades-sede durante a realização do megaevento esportivo. Segundo a “*World Tourism Organization*” (UNWTO), turista é aquele que se desloca

de seu lugar habitual de moradia, com objetivos de lazer, por um período superior a um dia e inferior a um ano. Viajante é aquele que, por motivos idênticos, se desloca para outros lugares, porém, com permanência inferior a um dia, sem pernoitar (IBGE, 2010).

Tabela 6 - Movimentação de Turistas e Visitantes Nacionais pelo Brasil durante a Copa do Mundo FIFA de 2014 (Dados de 15 de julho de 2014)

<b>Estado de Origem/Partida</b>	<b>Quantidade de Viajantes</b>
São Paulo	858.825
Rio de Janeiro	260.527
Bahia	220.021
Minas Gerais	204.425
Outros Estados	1.512.599
<b>TOTAL</b>	<b>3.056.397</b>

**FONTE:** Adaptação de - THOMÉ (2014).

A quantidade de visitantes estrangeiros que vieram ao Brasil nos meses de realização da Copa do Mundo 2014 (junho e julho), ultrapassou o número de 1,7 milhão de pessoas (Tabela 4). Mesmo quando se destacam, desse total, aqueles que declararam adentrar ao Brasil com o objetivo de participar, como expectadores, da Copa do Mundo e foram cerca de 600 mil que o afirmaram conforme a tabela 5, auferese que foram o dobro da edição anterior disputada na África do Sul em 2010. Mas inferiores aos que visitaram a Alemanha em 2006, conforme a mesma tabela. Também a quantidade de brasileiros que se deslocaram pelo País com objetivo de participar da Copa do Mundo foi bastante considerável, mais de 3 milhões de pessoas conforme explicito na tabela 6.

#### 4.3 AS CATEGORIAS DE INVESTIMENTOS PARA A COPA DO MUNDO FIFA DE 2014

Os investimentos e gastos previstos para a realização da Copa do Mundo FIFA de 2014 no Brasil são apresentados na tabela 7. Sua elaboração teve por base a “Matriz de Responsabilidades”, sendo consideradas e listadas as doze categorias ou grandes conjuntos de ações:

Tabela 7 - Gastos previstos para a realização da Copa do Mundo FIFA de 2014 no Brasil em USD (Matriz de Responsabilidades)

Tema	Nº Emp./ Ações	Financiamentos Federais	Aplicação direta de recursos				Total previsto	
			Federal	Estadual	Municipal	Distrital		Outros
<b>Aeroportos</b>	30	0,00	1.526.636.729,21	0,00	0,00	0,00	2.074.188.570,86	<b>3.600.825.300,07</b>
<b>Centros de Treinamento</b>	20	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	<b>0,00</b>
<b>Comunicação</b>	01	0,00	3.783.969,42	0,00	0,00	0,00	0,00	<b>3.783.969,42</b>
<b>Desenvolvimento Turístico</b>	88	0,00	88.647.840,50	1.932.650,91	7.408.216,34	743.275,94	0,00	<b>98.731.983,13</b>
<b>Estádios</b>	12	2.187.710.606,10	0,00	1.076.975.517,13	0,00	804.552.164,71	737.323.641,35	<b>4.806.561.929,29</b>
<b>Instalações Complementares (Copa 2014)</b>	12	0,00	0,00	253.296.619,66	0,00	16.282.535,08	61.862.166,73	<b>331.441.321,47</b>
<b>Instalações Complementares (Copa das Confederações)</b>	06	0,00	0,00	99.243.197,97	0,00	15.479.874,90	0,00	<b>114.723.072,87</b>
<b>Mobilidade Urbana</b>	44	2.512.727.693,49	14.218.551,76	1.518.731.831,91	955.933.987,03	2.235.981,93	0,00	<b>5.003.848.046,12</b>
<b>Outros</b>	09	0,00	29.519.833,05	0,00	0,00	0,00	0,00	<b>29.519.833,05</b>
<b>Portos</b>	06	0,00	339.066.593,18	3.611.970,81	0,00	0,00	0,00	<b>342.678.563,99</b>
<b>Segurança Pública</b>	42	0,00	1.030.702.613,55	0,00	0,00	0,00	0,00	<b>1.030.702.613,55</b>
<b>Telecomunicações</b>	73	0,00	315.510.295,94	0,00	0,00	0,00	0,00	<b>315.510.295,94</b>
<b>VALOR TOTAL</b>	<b>343</b>	<b>4.700.438.299,59</b>	<b>3.348.086.426,04</b>	<b>2.953.791.788,39</b>	<b>963.342.202,80</b>	<b>839.293.832,56</b>	<b>2.873.374.378,94</b>	<b>15.678.326.928,32</b>

Fonte: Portal da Transparência - Governo Federal



Estas categorias, totalizando doze, abrangem as áreas consideradas estratégicas para a realização do megaevento esportivo no País e possibilitariam a materialização do legado material que se pretendia, através deste megaevento esportivo, apresentar e deixar de forma efetiva para a sociedade. Nela estavam previstos todos os valores que deveriam ser investidos, aproximadamente USD 15,7 bilhões.

Dada a quantidade de categorias elencadas na “Matriz de Responsabilidades da Copa” (Tabela 7), um total de doze, a princípio que nem todas elas eram essenciais para a realização Copa do Mundo no Brasil ou se relacionavam diretamente com o megaevento (ALMEIDA, 2016). Mas conforme apresentado no quadro 2, a realização do megaevento esportivo e os investimentos por ele demandados tornaram-se prioridade para o Governo do Brasil e para os organizadores, obtendo assim grande destaque midiático (COAKLEY, SOUZA, 2015). Diante da perspectiva de grande presença de público aos jogos e de circulação de pessoas pelo país e cidades-sede, tudo o que foi relacionado como investimento e relacionado na “Matriz de Responsabilidades da Copa” era justificado pela busca da excelência na preparação e realização da competição. Buscava-se, atrelado ao sucesso do espetáculo, promover desde a imagem positiva e um maior protagonismo do País junto à comunidade internacional, até a modernização da infraestrutura de transportes e energia, melhoria nas condições de mobilidade urbana entre outras variadas consequências (EICK, 2011; MÜLLER, 2015; MÜLLER, 2016-a; FONTES FILHO, 2014).

#### 4.4 OS RECURSOS FINANCEIROS E O FINANCIAMENTO GOVERNAMENTAL

A tabela 8 apresenta os valores finais, contratados e liberados referentes aos financiamentos de obras e ações constantes da “Matriz de Responsabilidades”. Os valores estão relacionados por instituições financeiras envolvidas, todas elas estatais ou governamentais. Quanto às denominações das instituições financeiras listadas nesta tabela, suas siglas representam: BANRISUL - Banco do Estado do Rio Grande

do Sul S.A.; BB - Banco do Brasil; CEF - Caixa Econômica Federal; BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social; BNE - Banco do Nordeste. Quanto a sua natureza administrativa, à exceção da primeira instituição que é estadual, as demais são todas pertencentes ou controladas pelo Governo Federal do Brasil.

Tabela 8 - Financiamento por instituição no total das categorias da Matriz de Responsabilidades

Instituição Financeira	Valores em USD	
	Contratado	Liberado
Caixa Econômica Federal	1.585.268.637,39	1.232.464.649,88
Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES	2.553.408.620,32	2.379.392.173,88
Banco do Nordeste - BNB	454.664.167,86	330.778.248,20
Banco do Brasil S.A.	41.110.017,83	41.110.017,83
Banco do Estado do Estado do Rio Grande do Sul S.A. - BANRISUL	41.110.017,83	41.110.017,83
<b>Valor total</b>	<b>4.675.561.461,23</b>	<b>4.024.855.107,62</b>

Fonte: Portal da Transparência, Governo Federal.

A tabela 9 apresenta e relaciona os valores que foram destinados pela “Matriz de Responsabilidades” para o investimento nos doze conjuntos de ações. Na tabela estão especificados, além dos valores previstos, também aqueles que foram contratados e os que foram pagos, deduzindo-se assim que esses últimos se referem às obras que foram total ou, parcialmente executadas.

Tabela 9 -Valores previstos, contratados e executados, com a proporção ente aqueles previstos e os executados, para a realização da Copa do Mundo Fifa de 2014 no Brasil

Tema	Empreendimentos e Ações	Valores dos investimentos em USD			Proporção entre previstos e executados
		Previstos *	Contratados	Executados (pagos)	
<b>Aeroportos</b>	30	3.600.825.300,07	4.339.464.961,11	3.385.456.443,87	<b>94,00%</b>
<b>Centros de Treinamento</b>	20	0,00	0,00	0,00	<b>00,00%</b>
<b>Comunicação</b>	01	3.783.969,42	2.958.845,34	1.598.413,93	<b>42,24%</b>
<b>Desenvolvimento Turístico</b>	88	98.731.983,13	6.568.540,07	4.355.787,92	<b>04,41%</b>
<b>Estádios</b>	12	4.806.561.929,29	3.791.736.359,61	2.933.226.206,37	<b>61,02%</b>
<b>Instalações Complementares (Copa 2014)</b>	12	331.441.321,47	0,00	0,00	<b>00,00%</b>
<b>Instalações Complementares (Copa das Confederações - 2013)</b>	06	114.723.072,87	8.750.841,26	12.055.202,27	<b>10,50%</b>
<b>Mobilidade Urbana</b>	44	5.003.848.046,12	3.058.742.151,50	1.715.021.526,56	<b>34,27%</b>
<b>Outros</b>	09	29.519.833,05	24.638.526,81	2.152.715,47	<b>07,29%</b>
<b>Portos</b>	06	342.678.563,99	225.615.028,45	212.983.451,87	<b>62,15%</b>
<b>Segurança Pública</b>	42	1.030.702.613,55	899.740.069,89	645.216.290,15	<b>62,59%</b>
<b>Telecomunicações</b>	73	315.510.295,94	115.849.308,63	89.504.527,43	<b>28,36%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>343</b>	<b>15.678.326.928,32</b>	<b>12.474.064.632,67</b>	<b>9.001.570.565,84</b>	<b>57,41%</b>

Fonte: Portal da Transparência - Governo Federal

Em todas as categorias de investimentos previstos na “Matriz de Responsabilidades da Copa” (Tabela 7), o Governo do Brasil envolveu-se diretamente, preparando as condições exigidas para a realização da Copa do Mundo FIFA (MELO, 2014; ALMEIDA, 2016; CHADE, 2015). Os investimentos públicos totalizaram cerca de USD 15,6 bilhões, canalizados por meio de investimentos diretos ou através de instituições financeiras e de fomento governamentais (Tabela 8). É possível verificar ainda na tabela 7, que o Estado vinculou a realização da Copa do Mundo a investimentos em setores que muito pouco influiriam na realização do megaevento esportivo em si (AMANN et al., 2016; NETTO, 2017). Para Bourdieu (1981; 1993, 2000), o resultado que os detentores do poder político buscam com esse tipo de procedimento junto à opinião pública é o reforço de sua reputação e prestígio que, quando imputados como positiva, pode se converter na manutenção do poder nas mãos de seus atores ou detentores.

#### 4.5 DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO

A promessa de execução inicial e o efetivamente executado em “Desenvolvimento Turístico”, conforme demonstrado nas tabelas 7 e 9, caracterizam de forma evidente um caso de superestimação dos benefícios e do legado que pretendia auferir ou decorrer da realização da FIFA World Cup no Brasil (EICK, 2011; MÜLLER, 2015-b).

A tabela 10 apresenta os valores que foram destinados pela “Matriz de Responsabilidades” a fim de que fossem investidos em “Desenvolvimento Turístico”, quase USD 99 milhões. Relacionam-se também os valores contratados de mais de USD 6,5 milhões e os que foram pagos, cerca de USD 4,3 milhões. Deduzindo-se assim serem esses últimos referentes as obras total ou parcialmente executadas. Esta tabela 10, que apresenta a categoria de Desenvolvimento Turístico, demonstra ainda que dos valores inicialmente previstos como investimentos necessários, foram realizadas as obras apenas em duas das cidades-sede: Natal e São Paulo (Tabela 10). Em Natal foi aplicado apenas 39,45 % do previsto. Em São Paulo, pouco mais de USD 1 milhão, o que representava 7,3% de tudo que se planejava investir nesta

cidade. Não houve registro no Portal da Transparência da execução ou conclusão de qualquer obra em outra cidade-sede na categoria Desenvolvimento Turístico, conforme se apresenta relacionado nesta mesma tabela 10

Tabela 10 - Empreendimentos e Ações na categoria Desenvolvimento Turístico

Cidade-sede	Emp. e Ações	Investimentos (em USD)			Proporção Prev./Exec.
		Previsto	Contratado	Executado	
<b>Belo Horizonte</b>	5	4.773.277,67	0,00	0,00	00,00%
<b>Brasília</b>	2	2.488.190,02	0,00	0,00	00,00%
<b>Cuiabá</b>	3	2.321.537,66	0,00	0,00	00,00%
<b>Curitiba</b>	3	10.398.184,95	0,00	0,00	00,00%
<b>Fortaleza</b>	8	2.178.117,34	0,00	0,00	00,00%
<b>Manaus</b>	2	4.567.720,12	0,00	0,00	00,00%
<b>Natal</b>	8	11.033.958,19	5.511.058,14	4.353.787,92	39,45%
<b>Porto Alegre</b>	4	7.327.763,07	0,00	0,00	00,00%
<b>Recife</b>	18	9.001.647,46	0,00	0,00	00,00%
<b>Rio de Janeiro</b>	11	10.858.845,58	0,00	0,00	00,00%
<b>Salvador</b>	18	8.886.594,85	0,00	0,00	00,00%
<b>São Paulo</b>	4	14.429.571,51	1.057.481,92	0,00	00,00%
<b>Total</b>	<b>88</b>	<b>98.731.983,41</b>	<b>6.568.584,90</b>	<b>4.353.787,92</b>	<b>04,40%</b>

Fonte: Portal da Transparência - Governo Federal

A tabela 11 apresenta as obras e os investimentos previstos e realizados na cidade de Natal, no Estado do Rio Grande do Norte. Foram obras classificadas como de desenvolvimento turístico. Foram executadas duas das oito ações previstas.

Tabela 11 - Obras e ações na categoria de desenvolvimento turístico previstas e realizadas na cidade de Natal.

Obra - Projeto - Ação	Investimentos (em USD)			Proporção Prev./Exec.
	Previsto	Contratado	Executado (Pago)	
Acessibilidade nos atrativos turísticos	8.586.932,70	5.405.830,84	4.250.560,62	<b>49,50%</b>
Implantação, reforma e adequação de Centros de Atendimento aos Turistas (CAT)	208.205,37	105.227,30	105.227,30	<b>50,54</b>
<b>Total</b>	<b>8.795.138,07</b>	<b>5.511.058,14</b>	<b>4.355.787,92</b>	<b>49,52%</b>

Fonte: Portal da Transparência - Governo Federal

A diferença entre o que foi previsto e executado em Natal-RN nas tabelas 11 (39,45%) e 9 (49,52%) deu-se em virtude do aporte de mais recursos no decorrer da realização das obras conforme verificado em 2014, recursos estes que não haviam sido previstos em 2010 quando da elaboração da Matriz de Responsabilidades (Tabela 7). Foram aplicados recursos para a melhoria da acessibilidade nos atrativos turísticos da cidade, 49,52% do que se havia previsto e, na implantação, reforma e adequação de centros de atendimento aos turistas, em proporção de 50,54% do que se havia previsto (Tabela 9).

A superestimação dos benefícios é um dos sintomas da “*Síndrome de Megaeventos de Müller*” e que são listados no quadro 1, fazendo crer, portanto, que os resultados apresentados em todas as análises contribuam para com a confirmação da hipótese, na medida em que o legado prometido na categoria de Desenvolvimento Turístico, majoritariamente, não foi contratado e quando isso ocorreu ele não efetivamente entregue.

A ausência de um legado prometido e não entregue produz uma frustração na população que esperava maiores benefícios advindos da realização do megaevento e para a economia do País que procurava receber maiores incentivos advindos da realização de obras ou da presença de um público consumidor maior EICK, 2011; (ZIMBALIST, 2015).

Quadro 1 - Síndrome de Megaeventos de Martin Muller

<b>SINTOMA</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>CONSEQUÊNCIAS</b>
1 Superestimação de benefícios ou legados	Superestimar os legados, avaliar excessivamente os benefícios esperados	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Alocação incorreta de recursos;</li> <li>• Perda de confiança por parte dos cidadãos;</li> <li>• Alocação incorreta de recursos;</li> </ul>
2 Subavaliação dos custos	Orçamento real maior que o orçamento planejado	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aproveitamento - aproveitador, explorador, lucros excessivos, explora as necessidades públicas;</li> <li>• Qualidade inferior da construções e obras;</li> <li>• Despesas orçamentarias - de origem pública;</li> </ul>
3 Tomada dos interesses do Estado e da sociedade pelo megaevento	As prioridades do evento tornam-se as prioridades do planejamento governamental, priorizando os investimentos públicos e as atenções da mídia	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O evento precisa deslocar para si as necessidades de infraestrutura urbana;</li> <li>• As expectativas são dirigidas para as grandes obras de infraestrutura - cobrança constante por sua execução;</li> <li>• Obras de infraestrutura inacabadas;</li> </ul>
4 Riscos financeiros estatizados	Riscos financeiros e econômicos são assumidos pelo poder público para garantir benefícios privados	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Recursos financeiros públicos para benefícios públicos limitados;</li> <li>• Aproveitamento - aproveitador, explorador, lucros excessivos, explora as necessidades públicas;</li> </ul>
5 Leis de exceção para garantir a execução do evento	Suspensão da aplicação regular da lei e a criação de outras específicas para o período da competição;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Deslocamento, transferência ou suspensão de direitos;</li> <li>• Redução do controle público sobre a execução do megaevento;</li> <li>• Limitação da participação pública na execução;</li> </ul>
6 Envolvimento das elites	Distribuição desigual de recursos conforme os interesses do megaevento	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Paisagem urbana transformada de forma desigual;</li> <li>• Reurbanização de áreas desvalorizadas e sua ocupação por classes sociais mais abastadas;</li> </ul>
7 Desburocratização e abreviação de processos de decisão	Megaeventos tornam-se arranjos aparentemente rápidos para grandes desafios de planejamento de investimentos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O evento determina a prioridade para os financiamentos de infraestrutura;</li> <li>• Desconsiderar o processo de planejamento regular;</li> <li>• Desperdício de recursos públicos no evento como alavanca para o desenvolvimento;</li> </ul>

Fonte: MÜLLER (2015-b).

#### 4.6 MOBILIDADE URBANA

A categoria de “Mobilidade Urbana” foi apontada como possuidora da maior capacidade de geração de impacto perceptível para as cidades-sede. Uma categoria capaz de gerar visualização material do legado com transformações no planejamento urbano, produzindo melhorias sensíveis na qualidade de vida da população envolvida (SHIN, 2014; BAILEY, et All, 2017).

A tabela 12 apresenta os valores que foram destinados pela “Matriz de Responsabilidades” afim de que fossem investidos em obras de mobilidade urbana, num total de pouco mais USD 5 bilhões. Relacionam-se também os valores contratados de mais de USD 3 bilhões e os que foram pagos, cerca de USD 1,7 bilhões. Deduzindo-se assim serem esses últimos referentes as obras total ou parcialmente executadas:

Tabela 12 - Ações e empreendimentos na categoria Mobilidade Urbana

Cidade-sede	Ações e Emp.	Investimentos (em USD)			Proporção Prev./Exec.
		Previsto	Contratado	Executado	
<b>Belo Horizonte</b>	07	810.320.131,11	504.677.803,17	313.201.737,88	38,65%
<b>Brasília</b>	01	31.103.081,98	24.308.882,89	16.612.404,57	53,41%
<b>Cuiabá</b>	03	978.385.426,55	714.051.335,31	399.915.118,79	40,87%
<b>Curitiba</b>	10	302.135.354,83	154.326.212,74	95.745.227,82	31,68%
<b>Fortaleza</b>	06	373.764.318,74	284.075.615,57	62.713.619,34	16,77%
<b>Manaus</b>	00	0,00	0,00	0,00	0,00%
<b>Natal</b>	02	254.585.460,81	145.450.334,64	111.164.040,26	43,66%
<b>Porto Alegre</b>	02	9.574.589,29	14.932.567,63	5.976.145,25	62,41%
<b>Recife</b>	07	588.886.816,60	453.573.664,61	229.883.063,69	39,03%
<b>Rio de Janeiro</b>	03	1.293.834.438,77	763.345.734,93	479.810.168,95	37,08%
<b>Salvador</b>	02	11.237.242,52	0,00	0,00	0,00%
<b>São Paulo</b>	01	350.021.184,65	0,00	0,00	0,00%
<b>Total</b>	<b>44</b>	<b>5.003.848.045,86</b>	<b>3.058.742.151,50</b>	<b>1.715.021.526,56</b>	<b>34,27%</b>

Fonte: Portal da Transparência - Governo Federal.

Dentre as cidades-sede dos jogos da FIFA World Cup 2014 (Tabela 12), apenas Brasília e Porto Alegre tiveram obras executadas em um percentual superior a 50% quando comparadas com o previsto (53,41% e 62,41%, respectivamente). Ao



contrário do ocorrido em outras localidades, em Porto Alegre foram contratados valores acima do que se havia previsto, condição que não contribuiu para que essas ações fossem entregues por completo. Em Cuiabá, Mato Grosso, foram executadas 40,87% das previsões. Curitiba, capital do Estado do Paraná, teve 31,68% das obras pagas e Fortaleza, no Ceará, atingiu o índice de execução mais baixo entre todas as cidades que contrataram ações, 16,77%. Natal, no Rio Grande do Norte, executou 43,66% dos contratos e Recife, capital do Estado de Pernambuco executou 39,03%. A cidade do Rio de Janeiro, que sediou a final da FIFA World Cup 2014, além de receber sete partidas do megaevento (Tabela 2), executou 37,08% das ações e empreendimentos previstos na categoria de mobilidade urbana. As cidades de Salvador e de São Paulo não tiveram nenhuma obra efetivamente contratada, sendo por isso que nenhuma ação foi registrada nestas capitais como tendo sido executada.

Em junho de 2014, 34,27% das ações previstas nesta categoria estavam pagas (Tabela 12), não significando isso que estivessem em pleno funcionamento ou condições de uso pelo público presente ao megaevento ou para as populações locais envolvidas. Os dois mais emblemáticos exemplos de suspensão de obras ou de execução com problemas ocorreram em Mato Grosso e Minas Gerais. Em Cuiabá, a execução do projeto do “Veículo Leve Sobre Trilhos” (VLT) ligando a cidade à vizinha Várzea Grande, com 22 quilômetros de extensão foi paralisada e os seus contratos investigados pela Assembleia Legislativa do Estado (LEITE, 2016). Em Belo Horizonte, ainda durante a realização da FIFA World Cup, ocorreu o desabamento de um viaduto que fazia parte de um conjunto de obras que pretendiam melhorar a mobilidade urbana local. Veículos foram atingidos, duas pessoas morreram instantaneamente e vinte e uma ficaram feridas, erros no projeto ou na execução da obra teriam provocado o desabamento (PORTELA, 2014).

A não realização das obras em mobilidade urbana prejudicou o entendimento a respeito de que os valores previstos teriam sido subestimados, pois de fato algumas das obras nem chegaram a ser contratadas (Tabelas 7, 9 e 12), seja por falta de dinheiro ou devido a irregularidades em sua execução (CHADE, 2015). Não foram tornados públicos, no “Portal da Transparência da Copa 2014”, informações qualitativas a respeito do que havia sido realizado, havendo obras de maior e de menor valor listadas e a sua condição de conclusão ou parcialidade. A promessa de execução inicial, conforme previsto nas tabelas 7 e 12, caracterizaria de forma evidente um caso de superestimação dos benefícios e do legado que pretendia auferir

ou decorrer da realização da FIFA World Cup no Brasil (MÜLLER, 2015-b). O resultado apresentado contribui para com a confirmação parcial da hipótese, na medida em que o legado não foi construído e entregue.

#### 4.7 ESTÁDIOS

De todas as categorias elencadas na “Matriz de Responsabilidades” (Tabela 7), a principal delas para a realização da Copa do Mundo FIFA era, indiscutivelmente a de “Estádios”. Considerando-se este megaevento esportivo como um espetáculo e as partidas disputadas entre as seleções como o show economicamente explorado, o palco onde estes personagens se apresentam é o estádio ou arena (BOURDIEU, 1993; BAUDRILLARD, 1998; GIOVANNI, 2005; EICK, 2011). A transmissão de imagens via-satélite, uma das principais fontes de renda da FIFA, desta forma tornam-se necessários nos estádios a existência de equipamentos e condições técnicas nesta área, a exigências de qualidade da FIFA para esses equipamentos esportivos são apresentados aos candidatos a sediar seu megaevento logo de sua candidatura afim de embasar a elaboração dos projetos (Quadro 2). São necessários centros de geração e transmissão de imagens, salas de imprensa, de entrevistas, estúdios para a televisão, redes de transmissão de dados e outros meios de comunicação (BOURDIEU, 1993; BARSETTI, 2006; SMIT, 2006; GIOVANNI, 2005). A atratividade de visitantes, a funcionalidade de poderem abrigar eventos culturais como shows de música, convenções e encontros religiosos, transformaram os estádios em centros de consumo, entretenimento, convivência e integração, sendo uma promessa de sustentabilidade financeira e rentabilidade para seus administradores (ZIMBALIST, 1997, 2010, 2015, SIEGFRIED, ZIMBALIST, 2002, 2006; SANTO, 2005).

O quadro 2 relaciona as exigências apresentadas pela FIFA para que os estádios brasileiros se adequassem às exigências dos seus padrões de competições. Cada conjunto de exigências possui um público específico e uma funcionalidade dentro de cada partida.

Quadro 2 - Exigências do Padrão FIFA para estádios e arenas multiuso

<b>Público atendido</b>	<b>Item</b>	<b>Exigências</b>
<b>Expectadores</b>	01	Estádios com capacidade mínima de 60 mil pessoas e com cobertura para os espectadores;
	02	Assentos numerados;
	03	Banheiros dentro e fora dos estádios, limpos, água fria e quente;
	04	Locais de venda de comida e bebida dentro e fora dos estádios;
	05	Sinalização dentro e fora dos estádios com pictografia de domínio internacional;
	06	Telefones públicos em quantidade dentro e fora dos estádios;
	07	Uma disposição de assentos para os espectadores da primeira fila que torne a invasão de campo impossível ou quase;
	08	Portão de entrada exclusivo para portadores de deficiência física, assim como rampas e banheiros adaptados;
	09	Estacionamento para 10 mil veículos para os torcedores, com acesso e saída de rápida fluidez;
	10	Estacionamento exclusivo para portadores de deficiência física, vip's e autoridades distantes dos estacionamentos públicos;
	11	Área coberta para jornalistas credenciados com excelente visão do campo;
	12	Zona mista entre os vestiários dos atletas e a porta de saída, onde deverão conceder entrevistas;
<b>Broadcasting</b>	13	Tribuna de imprensa com mesas para a instalação de computadores portáteis e televisão para cada grupo de oito mesas;
	14	Três estúdios de TV nos dias de jogos de alto nível;
	15	Sala de trabalho dos jornalistas com capacidade de abrigar pelo menos 300 pessoas;
	16	Sala de conferência com 100 assentos, um pódio para no mínimo 10 equipes de TV e pelo menos três cabines de tradução simultânea;
<b>Equipes competidoras</b>	17	Vestiários dos atletas bem ventilados, com 10 duchas e 5 lavabos, espelho, secadores de cabelo, ar condicionado e sistema de aquecimento;
	18	Áreas de aquecimento para duas equipes, de no mínimo 100 metros quadrados cada uma;
<b>Arbitragem e organização</b>	19	Vestiário do arbitro com ar condicionado e sistema de aquecimento;
	20	Sala para exame médico dos atletas e árbitros;
	21	Sala para delegado do jogo;
	22	Sala para controle de doping;
<b>Segurança e saúde</b>	23	Salas adicionais para gandulas, mascotes e músicos;
	24	Sistema de vigilância com câmeras de televisão para cobrir todo o estádio;
	25	Deverá existir um espaço livre no estádio para pouso de helicóptero;
	26	Sala de primeiros socorros para o público em lugar de fácil acesso.

**Fonte:** BARSETTI (2006).

Antes mesmo da escolha definitiva das doze cidades-sede (Tabelas 2, 10 e 13), sabia-se por meio de relatórios da FIFA que nenhuma delas, à exceção parcial de Curitiba, no Estado do Paraná, possuía um estádio que estivesse adequado aos padrões da FIFA. Houve, portanto, o compromisso de construção, reforma, reconstrução ou modernização dos estádios e arenas em todas as cidades-sede

(BARSETI, 2006; CHADE, 2007; BIANCO, 2014; ZIMBALIST, 2015; FRANCO JÚNIOR, 2017).

A tabela 13 apresenta os valores alocados pela “Matriz de Responsabilidades” como investimentos em obras de Estádios e Arenas, num total de pouco mais USD 4,8 bilhões. Relacionam-se também os valores contratados de mais de USD 3,7 bilhões e os que foram pagos, cerca de USD 2,9 bilhões em conjunto como percentuais respectivos. Encontram-se também relacionados os doze estádios construídos ou reformados e as cidades onde se situam e nominadas as entidades governamentais ou privadas, responsáveis pelas obras de cada estádio, entendendo que estas são as proprietárias dos mesmos.

São apontados também o banco ou instituição financeira estatal responsável pelo financiamento da obra. Estão dispostos os valores contratados junto a esses bancos. Também é apresentado o percentual de execução física da obra conforme o projeto inicialmente aprovado e registrado na “Matriz de Responsabilidades da Copa”.

Constata-se que a maior parte dos recursos foi disponibilizada pelo Governo Federal do Brasil através de seus bancos oficiais (Tabela 3). O principal deles foi o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social). Também o Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Banco do Nordeste e Banco do Estado do Rio Grande do Sul, todos eles públicos participaram do montante de financiamentos. Destaque-se que o financiamento, subsídio ou renúncia fiscal sobre esse tipo de empreendimento são comuns também em outros países (NOLL; ZIMBALIST, 1997; FONTES FILHO, 2014; NETTO, 2017).

Tabela 13 - Estádios, executores, valores previstos, financiados e executados, financiadores e execução física de cada projeto

Cidade-Sede	Estádio ou Arena/Projeto	Entidade Executora da Obra	Valor Previsto	Investimentos em USD		Valor Executado	Exec. Física
				Valor Financiador	Inst. Financiadora		
<b>Belo Horizonte</b>	Estádio Magalhães Pinto (Mineirão)	Governo do Estado de Minas Gerais	398.463.476,67	229.331.497,36	BNDES	208.743.441,77	100%
<b>Brasília</b>	Arena Mané Garrincha	Governo do Distrito Federal	804.552.225,63	0,00	Recursos próprios	641.361.895,10	100%
<b>Cuiabá</b>	Arena Multiuso Pantanal	Governo do Estado de Mato Grosso	341.933.262,57	193.727.989,94	BNDES	188.251.892,03	100%
<b>Curitiba</b>	Complexo Esportivo Curitiba 2014	Concessionário / Clube Atlético Paranaense	391.500.000,00	75.202.384,61	BNDES	139.109.944,26	100%
<b>Fortaleza</b>	Estádio Governador Plácido Castelo (Castelão)	Governo do Estado do Ceará	297.331.726,30	201.550.939,10	BNDES	222.018.190,39	100%
<b>Manaus</b>	Arena da Amazônia	Governo do Estado do Amazonas	378.683.635,02	229.331.497,36	BNDES	151.859.583,54	100%
<b>Natal</b>	Arena das Dunas	Governo do Estado do Rio Grande do Norte	229.331.497,36 400.000.000,00	227.365.553,10	BNDES	0,00	100%
<b>Porto Alegre</b>	Estádio Beira Rio	Concessionário / Sport Club Internacional	210.010.318,18	56.014.218,23 56.014.218,23 56.014.218,23	BB BANRISUL BNDES	366,329,817.30	100%
<b>Recife</b>	Arena Pernambuco	Governo do Estado de Pernambuco	305.354.888,74	143.332.185,85 389.863.545,52	BNB BNDES	0,00	100%
<b>Rio de Janeiro</b>	Estádio Mário Filho (Maracanã)	Governo do Estado do Rio de Janeiro	601.995.180,58	229.331.497,36	BNDES	545.941.401,04	100%
<b>Salvador</b>	Estádio da Fonte Nova	Governo do Estado da Bahia	348.813 .207,49	143.332.319,33 185.545.807,90	BNB BNDES	309.101.639,20	100%
<b>São Paulo</b>	Arena São Paulo (Itaquera)	Sport Club Corinthians Paulista	619.195.042,88	229.331.497,36	CEF	362.608.885,09	100%

Fonte: Portal da Transparência - Governo Federal.

A tabela 14 relaciona os seis estádios que, uma vez construídos ou reformados para a Copa do Mundo FIFA de 2014, foram reutilizados no torneio de futebol masculino dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016. Encontram-se relacionados os resultados financeiros da exploração comercial destes estádios e arenas durante os anos de 2016 e 2017. Período em que se considerou os valores que foram arrecadados, as despesas efetivas e aqueles que, previstos nos projetos, não foram obtidos.

Tabela 14 - Situação financeira e funcional dos Estádios / Arenas da FIFA World Cup 2014 utilizados para o torneio de futebol dos Jogos Olímpicos 2016 no Rio de Janeiro entre os anos de 2014 e junho de 2016.

<b>Arena /Estádio</b>	<b>Cidade-Estado</b>	<b>Administração</b>	<b>Prejuízo em USD - Valores Aproximados</b>
Estádio Mário Filho (Maracanã)	Rio de Janeiro - RJ	Empresa concessionária, iniciativa privada	53.897.440,00
Arena Mané Garrincha	Brasília - DF	Governo do Distrito Federal	2.025.048,00
Arena da Amazônia	Manaus - AM	Governo do Estado do Amazonas	2.025.048,00
Estádio da Fonte Nova	Salvador - BA	Empresa concessionária, iniciativa privada	7.570.565,00
Arena São Paulo (Itaquera) Estádio	São Paulo - SP	Sport Club Corinthians Paulista	12.150.290,00
Magalhães Pinto (Mineirão)	Belo Horizonte - MG	Empresa concessionária, iniciativa privada	10.592.560,00
<b>TOTAL</b>			<b>88.260.951,00</b>

Fonte: LEITE, 2016.

A tabela 15 relaciona os outros seis estádios que, construídos ou reformados para a FIFA World Cup 2014, não foram reutilizados no torneio de futebol masculino dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016. Ao par dos demais estão igualmente indicados os resultados financeiros positivos (*Superavit*) ou negativos (*Deficit*) e a situação administrativa dos mesmos:

Tabela 15 - Situação financeira e funcional dos Estádios / Arenas da Copa do Mundo de 2014 que não foram utilizados para o torneio de futebol dos Jogos Olímpicos 2016, entre os anos de 2014 e junho de 2016.

<b>Arena /Estádio</b>	<b>Cidade-Estado</b>	<b>Administração</b>	<b>Valores aproximados em milhões USD (+/-)</b>
Arena Pantanal	Cuiabá - MT	Governo do Estado do Mato Grosso	2,5 (Deficit)
Estádio Beira Rio	Porto Alegre - RS	Sport Club Internacional	15,0 (Deficit)
Arena das Dunas	Natal - RN	Empresa concessionária, iniciativa privada	<b>6,2 (Superavit)</b>
Arena da Baixada	Curitiba	Clube Atlético Paranaense	<b>1,5 (Superavit)</b>
Arena Pernambuco	Recife - PE	Retomado pelo Governo do Estado de Pernambuco	Não divulgado
Estádio Governador Plácido Castelo (Castelão)	Fortaleza - CE	Governo do Estado do Ceará (Retomado)	Não divulgados
<b>TOTAL</b>			<b>9,8 (Deficit)</b>

**Fonte:** Adaptado de Leite (2016), Mattos (2016), Gonçalo Júnior (2017),

Percebe-se (Tabela 10) que apesar do discurso governamental houve uma intersecção dos campos político e econômico, o que não significa que tenha ocorrido ganho para a administração pública ou para a sociedade como um todo (Tabelas 14 e 15). Neste sentido, conforme evidenciado por Baade e Matheson (2016), todos os investimentos financeiros e administrativos alocados na realização de um megaevento esportivo não se refletem necessariamente em um crescimento da economia e muito menos são capazes de produzir reflexos positivos no PIB do país. Pode mesmo chegar a ocorrer um retrocesso em virtude do não investimento em outros setores (ZIMBALIST, 2010; BAADE; MATHESON, 2016; BARCLAY, 2009; MELO, 2014). Conforme Robinson e Torvik (2015) já constataram, em países em desenvolvimento, os investimentos em obras, como aquelas listadas na “Matriz de Responsabilidades da Copa” (Tabelas 7 e 9), podem ser aplicados de forma insuficiente ou mesmo em setores e situações erradas gerando “Elefantes Brancos”, obras se mostram desnecessárias, subutilizadas ou economicamente insustentáveis. Esta é uma hipótese, demonstrada plausível (Tabelas 14 e 15), no caso dos estádios e arenas multiuso da Copa do Mundo no Brasil, foi aventada antes mesmo da sua disputa quando surgiram discussões a respeito da sustentabilidade econômica de algumas destas arenas especialmente construídas (GUZZO, 2014; MELO, 2014; VILLANO, 2014).

A falta de sustentabilidade de um estádio ou arena multiuso decorre de diversos fatores: altos preços das áreas urbanas e da manutenção dos espaços construídos, sua administração, o custo dos insumos, etc. Tudo isso torna difícil manter toda uma estrutura de um estádio voltado apenas para uma atividade, no caso a disputa do futebol, situação cuja tentativa de contorno gerou o contexto em que surgiram as “arenas multiuso” (NOLL, ZIMBALIST, 1997). Os padrões para estas arenas passaram a ser determinados pela FIFA (Quadro 2) e desenvolveram-se a partir do que era praticado na Europa Ocidental, região muito mais desenvolvida econômica tecnológica e materialmente, com maior renda individual e desenvolvida material e culturalmente que o restante do mundo. Estas condicionantes indicam que prevalece na entidade uma cultura do “eurocentrismo”, situação que obriga os demais países a aceitá-la e agir conforme esses parâmetros, apesar dos seus diferentes níveis de desenvolvimento, cultura, padrões e capacidade de consumo (EICK, 2011; MELO, 2014).

Nos países mais ricos, apesar da existência e da aplicação de subsídios governamentais, prevalecem ainda os investimentos e ações de empresas, grupos ou corporações privadas que atuam na construção, administração e exploração econômica das arenas multiuso. Neste caso, na Europa e Estados Unidos da América, as arenas multiuso são consideradas pelos investidores financeiros como uma oportunidade de negócio (BOURDIEU, 1997; NOLL, ZIMBALIST, 1997; SMIT, 2006). Nos países com menores possibilidades de consumo e de investimentos é comum que o Estado assuma o papel majoritário de agente direto ou financiador desse tipo de construção e, depois, atuando em seu gerenciamento (Tabelas 14 e 15). Trata-se de uma clara manifestação da intersecção dos campos desportivo, econômico e político (BOURDIEU 1977; 1981; 1993; 1997; 2000; EICK, 2011; ROBINSON, TORVIK, 2015).

Em 2016, a cidade do Rio de Janeiro sediou os Jogos Olímpicos de Verão do Comitê Olímpico Internacional (COI) , megaevento esportivo cujo torneio de futebol fez uso de seis dos doze estádios e arenas multiuso que haviam sido construídas para a FIFA World Cup de 2014, conforme listado na tabela 14 (LEITE, 2016; MATTOS, 2016; GONÇALO JÚNIOR, 2017). Desta forma foram utilizados: o Estádio Mário Filho ou Maracanã, no Rio de Janeiro; Arena Mané Garrincha, em Brasília; Arena da Amazônia, em Manaus; Estádio da Fonte Nova, em Salvador; Arena São Paulo ou Itaquera, em São Paulo e; Estádio Magalhães Pinto, em Belo Horizonte



(Tabela 14). A disputa do torneio de futebol das Olimpíadas e o uso do Maracanã como principal estádio olímpico, atraíram a atenção da imprensa e consequentemente da opinião pública para a situação destes estádios e arenas multiuso como legado da Copa do Mundo. Não apenas a sua utilização, mas a sua sustentabilidade foram alvo de análises e questionamentos. Atenção que se voltou também para os outros seis locais de disputa em 2014 e sua situação neste espaço até 2016 (Tabela 15), em que se registrou terem estes espaços, acumulado um prejuízo aproximado de USD 108 milhões (FILGUEIRAS, BRONZATTO, 2014; LEITE, 2016, MATTOS, 2016; GONÇALO JÚNIOR, 2017). O prejuízo ocorre quando os gastos com a manutenção dos equipamentos são superiores aos valores arrecadados com os equipamentos. Havendo prejuízo financeiro, as condições de sustentabilidade inexistem, impossibilitando um legado positivo.

As tabelas 14 e 15 exprimem, portanto, em junho de 2016, a situação de cada um dos estádios e arenas construídos para a Copa do Mundo de 2014. No caso do Maracanã, onde se verificou o maior prejuízo de todas as arenas e estádios, quase de USD 54 milhões, somaram-se aos altos custos de manutenção, o envolvimento de empresas ligadas à concessionária que o administrava, em escândalos e casos de corrupção junto a agentes públicos quando de sua reconstrução. Fatos e condição que levaram a administradora a devolver o estádio ao Governo do Estado, antes mesmo das Olimpíadas de Verão, rescindindo o contrato de concessão (GAIER, 2015; DOLZAN, 2017). No Estádio Mané Garrincha em Brasília, Arenas Amazônia em Manaus e Pantanal em Cuiabá, tiveram além de custos acima do esperado o fenômeno da subutilização ou não utilização de seus espaços em virtude da ausência de equipes de futebol locais que sejam representativas ou capazes de atrair público aos seus jogos, também a falta de outros eventos e espetáculos que os pudessem ocupar (LEITE, 2016; MATTOS, 2016). O Estádio Magalhães Pinto, em Belo Horizonte e Recife, registrou prejuízo neste período apesar de possuir equipes de futebol com torcida considerável e resultados esportivos nacionais bem representativos. Não houve, porém, um acordo financeiro satisfatório entre as equipes e os administradores do estádio (MATTOS, 2016). No Beira Rio, em Porto Alegre, a administração do espaço coube a uma empresa privada, que tem absorvido os prejuízos, cabendo ao clube proprietário do local ficar com a arrecadação quando de seus jogos, uma situação que não deverá, em virtude de sua natureza, persistir por muito tempo ainda (MATTOS, 2016; GONÇALO JUNIOR, 2017). A Arena Corinthians, em São Paulo,

tem tido resultados positivos em sua exploração, porém muito abaixo do que se havia projetado o que tem prejudicado as condições de pagamento do financiamento de sua construção. Esse ganho abaixo do esperado pode ser enxergado sim como um prejuízo pois a Arena não é rentável tanto quanto aquilo que dela se esperava, situação que mantida fará com que seu legado fique aquém do foi prometido (LEITE, 2016; GONÇALO JUNIOR, 2017). Os únicos casos de *superávit* financeiro, verificados no período, foram as Arenas da Baixada em Curitiba e das Dunas em Natal, cujos administradores conseguiram explorá-las com eventos além do futebol, como campeonatos de luta e carnaval (LEITE, 2016; GONÇALO JUNIOR, 2017). A Arena da Fonte Nova em Salvador e o Estádio Governador Plácido Castelo em Fortaleza, originalmente entregues à concessionárias privadas, foram devolvidas ou retomadas pelos Governos do Estado da Bahia e do Ceará que não divulgaram a situação financeira de cada um dos espaços nem as condições de sustentabilidade econômica (LEITE, 2016).

Em todos os casos de déficit financeiro, apresentados nas tabelas 14 e 15, percebe-se que o projeto desses estádios e arenas e o legado pretendido foram imaginados para países com maior renda per capita, cultura esportiva e diversidade de exploração desses espaços e com capacidade de consumo dos espetáculos ofertados pela indústria cultural. Esta situação já havia sido prevista por Melo (2014). Os estádios continuam a ser usados, mas dificilmente conseguem ocupar toda a sua capacidade, tornando-se “Elefantes Brancos”. Um tipo de obra que segundo Robinson e Torvik (2005), acabam gerando um déficit financeiro ou prejuízo decorrente da sua não utilização, utilização deficiente ou inadequada, no caso da clara participação governamental esse déficit pode ser considerado também social pois os recursos públicos aplicados não produziram o legado e o desenvolvimento deles esperados ou alardeados. Confirmou-se assim que os riscos privados foram assumidos pelo poder público, conforme previsto por Müller (2015-b), ao listar os diversos sintomas de sua “*Síndrome de Megaeventos*” (Quadro 1).

## 5 CONCLUSÕES

A análise documental conduzida neste trabalho, a respeito do legado da Copa do Mundo FIFA de 2014 no Brasil, conjugada com a opinião de autores que estudaram este megaevento esportivo ou similares, permite dizer que os seus resultados foram superestimados. O legado a ser oferecido pelo Governo do Brasil por meio deste megaevento esportivo, foi gestado a partir de um plano de investimentos denominado “**Matriz de Responsabilidades da Copa**”. Projeto que agrupava doze categorias de ações, empreendimentos e obras.

Ao longo do processo de estabelecimento da “Matriz”, foram sendo incorporadas categorias e obras que pouco ou nada se relacionavam com a disputa propriamente dita e as obras e ações que a compunham, materializavam uma cultura comum aos que ocupam o campo político e administram o Estado: a cultura da construção no lugar da manutenção; implantação de projetos padronizados, independente da área, em prejuízo aos interesses locais; busca de ganho político em reputação e prestígio e; tentativa de apresentar estruturas físicas a fim de legitimar o discurso do legado. Desta forma verifica-se que o discurso do legado desse megaevento foi apresentado como uma solução para diversos problemas de transportes, mobilidade urbana, exploração e desenvolvimento turístico, comunicações e para a própria prática esportiva em seus diversos aspectos. O investimento, na maioria das categorias, ficou muito abaixo do que se havia prometido, prejudicando profundamente o resultado do legado de cada uma delas ou tornando-o insuficiente. A persecução do legado da Copa do Mundo permitiu que se verificasse uma intersecção entre diversos dos campos percorridos por Pierre Bourdieu em suas diversas produções: o político, o cultural, o desportivo e o econômico. Cada qual perseguindo seus objetivos e atendendo as necessidades daqueles que os ocupam.

O legado em “**Desenvolvimento Turístico**” ficou expressivamente abaixo do que havia sido proposto quando, em 2010, foi assinada a “Matriz de Responsabilidades”. Apesar da existência de um planejamento e da confirmação bastante antecipada do Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014, não foram executadas as obras e os procedimentos necessários que possibilitassem a um aproveitamento maior do potencial de atração de turistas que o megaevento

possibilitava, ultrapassando o nível que havia sido previsto. Também não se implantou uma infraestrutura com equipamentos turísticos permanentes. Diante dos valores aplicados e da natureza das obras realizadas é possível afirmar que o legado nesta categoria estudada foi quase que nulo, não representando impacto efetivo na movimentação de turistas no País e não se fazendo refletir nos períodos posteriores. A interrelação de suas variáveis demonstra ainda que, de fato ocorreu uma superestimação dos benefícios em termos de Desenvolvimento Turístico, que seriam decorrentes da realização do megaevento esportivo e que o fluxo de turistas verificado no período decorreu da atratividade natural da competição. A não aplicação dos recursos prejudicou o turismo, enquanto atividade econômica, e o País com as suas diversas regiões, como um destino turístico tendo em vista que o fluxo de turistas estrangeiros se manteve estável nos dois anos posteriores ao Mundial. Situação que se deveria esperar com a oferta de um megaevento esportivo de escala global. O Brasil perdeu uma oportunidade de crescimento e desenvolvimento econômico ao não fortalecer o campo do turismo.

O legado em **Mobilidade Urbana** da Copa do Mundo no Brasil não foi entregue conforme havia sido proposto em 2010. Apesar da existência de um planejamento orçamentário, prevendo a aplicação de recursos governamentais, os investimentos foram parciais, por motivos não listados nos documentos oficiais. Muitas das obras não foram concluídas, sendo investido pouco mais de 34% das ações, que foram portanto efetivamente pagas. A não execução plena das obras prejudicou a análise a respeito de ter havido uma superestimação dos benefícios, prejudicando também a constatação ou não da ocorrência de gastos subestimados. Apesar da confirmação do sucesso como espetáculo obtido pela FIFA World Cup 2014, o megaevento esportivo não produziu o legado prometido em mobilidade urbana para as populações das doze cidades-sede.

O legado da categoria de **Estádios**, considerando a sua importância para a realização deste megaevento esportivo, apesar de ter sido o que proporcionalmente mais obras teve concluídas, não pode obstante ser considerado como positivo. Os resultados financeiros obtidos pela maioria dos estádios e arenas utilizados na Copa do Mundo, entre 2014 e 2016, apontaram para prejuízos consideráveis que colocam em risco o pagamento dos financiamentos por parte das entidades particulares ou os recursos públicos quando pertencentes aos Estados. A subutilização e o acúmulo de prejuízos, apresentam-se como condições que podem levar ao desinteresse da

exploração das concessões desses estádios e arenas por empresas ou grupos privados. Situação que pode ainda prejudicar a manutenção destes espaços pelas entidades públicas. A inviabilidade financeira e a insustentabilidade econômica podem conduzir a descontinuidade material desses estádios e arenas, levando a sua falência, diminuindo assim os espaços de lazer, convivência e desporto para o público consumidor, em última instância a própria população do Brasil. Foram usados recursos de grande monta e com origem pública e governamental. Considerando os padrões e as referências de construção e administração que são diversas da realidade social, cultural e econômica dos brasileiros, estes estádios não se mostraram sustentáveis, sendo que a amostra examinada no presente estudo apresentou resultados deficitários. Os prejuízos verificados no período entre a Copa do Mundo e as Olimpíadas de Verão de 2016, a subutilização desses estádios e arenas mostram que o legado pretendido se mostrou ineficiente e insustentável. É possível afirmar que estes estádios, com poucas exceções, podem ser considerados como “*elefantes brancos*”, obras que apesar do volume de recursos públicos aplicados, sua suntuosidade e a modernidade das suas estruturas, não possuem condições econômico-financeiras para se manter em funcionamento e uso. O legado dos Estádios e Arenas da Copa do Mundo de 2014 no Brasil, em vista dos seus resultados financeiros e utilização, pode no mínimo ser considerado prejudicado e ainda por ser estabelecido.

Consideradas as três categorias de investimentos, selecionadas neste estudo, apontados como necessárias para a realização da “XX Copa do Mundo FIFA de 2014 no Brasil” e elencados na “Matriz de Responsabilidades”, quando tiveram confrontados os dados estatísticos embasados na literatura existente, permitiram auferir a confirmação de que não houve um legado, conforme prometido, deste megaevento esportivo. Ou ainda que, não houve por meio do Governo Brasileiro, a entrega do legado que havia prometido à população do País por meio da Copa do Mundo. Enfatizando-se que legado é uma consequência dos investimentos necessários à realização da Copa do Mundo e que esta não teve a efetivação prejudicada conforme foi exposto.

Considera-se como uma limitação deste trabalho o não ter conduzido uma análise detalhada de todas as categorias listadas na “Matriz de Responsabilidades”. Foram estudadas apenas três de um conjunto que totalizava doze grandes categorias.

Anota-se também, como sugestão, que sejam conduzidos estudos que foquem a questão do legado de megaeventos esportivos. Que novas pesquisas e análises se atenham às relações e interações existentes entre os Governos do Estados e os organismos que conduzem a realização de um megaevento como a Copa do Mundo FIFA ou Jogos Olímpicos, entre outros.

Houve um drible, quando se remete ao processo de escolha do Brasil para sediar a Copa do Mundo de 2014, foram acordos e promessas. Foi maroto em virtude da intensidade das promessas elencadas. Foi desconcertante por não entregar o legado que se havia prometido. A Copa do Mundo no Brasil foi um megaevento, foi um espetáculo e foi marcante pelo que representou simbolicamente, pelo que se fez e por aquilo que não se fez.

## REFERÊNCIAS

- A BOLA ESTA COM O BRASIL, DIZ BLATTER, EM BRASÍLIA. **O Estado de São Paulo**, Caderno de Esportes, p. E-2, 29 set. 2006;
- A COPA VAI AO AR A CORES. **O Estado de São Paulo**, p. 10, 21 fev. 1970.
- A REALIZAÇÃO DO PRÓXIMO CAMPEONATO MUNDIAL. **O Estado de São Paulo**, nº 23.108, 19 jan 1945, p.08;
- A.T. KEARNEY (CONSULTORIA). O jogo está começando. In: **HSM Management**, Barueri, v.39, p.37-46, 2003;
- ÁFRICA DEVE SER BENEFICIADA PARA A COPA DE 2010. **O Estado de São Paulo**, Caderno de Esportes, p. E-4, 04 ago. 2000;
- AGUIAR, J. E. Norte-americanos usam autódromo como área de lazer. **O Estado de São Paulo**, Caderno de Esportes, p. E-6, 22 maio 1995;
- ALEMANHA TIRA COPA DE 2006 DA ÁFRICA DO SUL. **O Estado de São Paulo**, Caderno de Esportes, p. E-1, 07 jul. 2000;
- ALMEIDA, B. S. Sports mega-events, politics and legacy: Brazil hosting the 2014 FIFA World Cup and the Olympic and Paralympic Rio 2006. In: **Espacio Abierto: Cuaderno Venezolano de Sociología**, Caracas, v.25, n.02, abr.-jun. 2016. Disponível em < <http://www.redalyc.org/html/122/12246766004/> > Acesso em 15 fev. 2018;
- ALVITO, M. A parte que te cabe neste latifúndio: o futebol brasileiro e a globalização. In: **Análise Social**, Lisboa, vol. XLI, n. 179, 2006, 451-474. Disponível em < <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218721752M7gYC4jd7Gi57QE6.pdf> > Acesso em 09 jun. 2016;
- AMANN, E.; BAER, W.; TREBAT, T.; LORA, J. V. Infrastructure and its role in Brazil's development process. In: **The Quarterly Review of Economics and Finance**, nov.2016, v.62, p.66-73. Disponível em < <https://doi.org/10.1016/j.qref.2016.07.007> > Acesso 10 jan. 2018;
- ARAGAO, M. M. Economic Impacts of the FIFA World Cup in Developing Countries. In: **Honors Theses**: Lee Honors College, Western Michigan University ScholarWorks at WMU, 17 jun. 2015. Disponível em <[http://scholarworks.wmich.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3609&context=honors\\_theses](http://scholarworks.wmich.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3609&context=honors_theses)> Acesso em: 30 out. 2017.
- ARGENTINA ESPERA MANTER SEDE DA COPA. **O Estado de São Paulo**, p. 23, 11 set. 1974;
- AROSTEGUI, J. **A Pesquisa Histórica**: teoria e método. Bauru: EDUSC, 2006.

BAADE, R.; MATHESON, V. A. Going for the Gold: the economics of the Olympics. In: **Journal of Economics Perspectives**, v. 30, n. 2, spring 2016, p. 201-218. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1257/jep.30.2.201>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

BARSETTI, S. África do Sul deve ser a sede da Copa de 2006. **O Estado de São Paulo**, Caderno de Esportes, p.E-6, 04 jul. 2000;

\_\_\_\_\_. Exigências da FIFA para os estádios. **O Estado de São Paulo**, Caderno de Esportes, p. E-3, 01 out. 2006. Disponível em < <http://digital.estadao.com.br/o-estado-de-s-paulo/> > Acesso em 20 dez. 2017;

\_\_\_\_\_. FIFA enche a bola do Brasil em relatório sobre 2014. **O Estado de São Paulo**, Caderno de Esportes, p.E-4, 27 out. 2007;

BASON, T.; COOK, D.; ANAGNOSTPOULOS, C. Legacy in Major Sport Events: empirical insights from the 2010 FIFA World Cup in South Africa. In: **Sport Management International Journal**, v.11, n.01, 2015. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.4127/ch.2015.0096> > Acesso em 10 jun. 2017;

BATISTA, D. São Paulo insiste em ter Confederações. **O Estado de São Paulo**, Caderno de Esportes, p.E-4, 02 nov. 2011;

BAUDRILLARD, J. **The consumer society**: myths and structures. London (UK): Sage, 1998.

BAYLEY, K.; OLIVER, R.; GAFFNEY, C.; KOLIVRAS, K. Negotiating “New” Narratives: Rio de Janeiro and the “Media Geography” of the 2014 FIFA World Cup. In: **Journal of Sport and Social Issues**, 2017, Vol. 41(1) 70-93. Disponível em < <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0193723516680159> > Acesso em 10 jan. 2018;

BIANCO, V. L. Gestão do Conhecimento como Elemento de otimização e Suporte do Processo de Gestão de Legados de Megaeventos Esportivos. In: : FLORES, Maureen (Org.). **Sustentabilidade, Governança e Megaeventos**: estudo de caso dos Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014, pp.112-136. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1590/1807-55092015000400675> > Acesso em 10 jun. 2017;

BRILHANTE ESPETÁCULO SOCIAL-ESPORTIVO DE INÍCIO À DISPUTA DO IMPORTANTE CERTAME. **O Estado de São Paulo**, p.13, 25 jun 1950;

BONFIM, I.O. A Copa do Mundo de Futebol da FIFA de 2014: representação e turismo. In: **Ateliê Geográfico**, Goiânia-GO, v. 6, n. 2, p. 14-32, ago. 2012. Disponível em < <https://revistas.ufg.emnuvens.com.br/atelie/article/view/13267/11445> > Acesso em 03 jun. 2016;

BORGES, F. O Papel da FIFA Fan Fest na Copa do Mundo da África do Sul. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre-RS, v.19, n.40, p.201-230, jul-dz. 2013. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832013000200008>> Acesso em 10 ago. 2017;



BOURDIEU, P.. La représentation politique [Éléments pour une théorie du champ politique]. In: **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, v. 36-37, février/mars 1981, pp. 3-24. Disponível em < <https://doi.org/10.3406/arss.1981.2105> > Acesso 22 jan. 2018;

\_\_\_\_\_. (a). Le Champ Economique. In: **Actes de La Recherche em Sciences Sociales**, n.119, v.04, sep. 1997, p.48-66. Disponível em < [http://www.persee.fr/docAsPDF/arss\\_0335-5322\\_1997\\_num\\_119\\_1\\_3229.pdf](http://www.persee.fr/docAsPDF/arss_0335-5322_1997_num_119_1_3229.pdf) > Acesso em 15 jan. 2018;

\_\_\_\_\_. (b). The Forms of Capital. In: HALSEY, A.H.; LAUDER, H.; BROWN, P.; (Eds-Orgs). **Education: Culture, Economy, Society**. Oxford (U.K.): Oxford University Press, 1997. p.46-58;

\_\_\_\_\_. Conference: le Champ Politique. In: **Propos sur le Champ Politique**. Lyon (FR): Press Universitaires de Lyon, 2000, pp.49-80;

\_\_\_\_\_. Cultural reproduction and social reproduction. In: KARABEL, J; HALSEY, A.H.; **Power and Ideology in Education**. New York: Oxford University, 1977. p.487-511;

\_\_\_\_\_. Les trois états du capital culturel. In: **Actes de la Recherche em Sciences Sociales**, Paris, n.30, nov.1979, p.03-06. Disponível em < [http://www.persee.fr/docAsPDF/arss\\_0335-5322\\_1979\\_num\\_30\\_1\\_2654.pdf](http://www.persee.fr/docAsPDF/arss_0335-5322_1979_num_30_1_2654.pdf) > Acesso 22 jan. 2018;

\_\_\_\_\_. **Sociology in Question: theory, culture & society**. London (UK): Sage, 1993;

BRAGA, I.. Presidente pede que Blatter apoie Brasil em 2006. **O Estado de São Paulo**, Caderno de Esportes, p.E-4, 13 jan. 2000;

BRASIL NÃO VÊ AS CERIMÔNIAS. **O Estado de São Paulo**, p. 21, 09 jan. 1970.

BRASIL, O CANDIDATO TRAPALHÃO. **O Estado de São Paulo**, Caderno de Esportes, p. 19, 01 out. 1987;

BRASIL, U. Crise financeira obriga FIFA a repensar Mundial. **O Estado de São Paulo**, Caderno Extra-Copa, p. X-22, 30 jun. 2002;

BRASIL. Portal da Transparencia da Copa 2014. Disponível em < <http://www.portaltransparencia.gov.br/copa2014> > Acesso em 10 fev. 2017;

BROWN, M. British informal impire In: **Soccer & Society**, 2015, v.16, ns.2-3, p.169-182. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1080/14660970.2014.961382> > Acesso em 06 out. 2017;

BROWN, P.; (Eds-Orgs). **Education: Culture, Economy, Society**. Oxford (U.K.): Oxford University Press, 1997. p.46-58;

BURGAN, B.; MULES, T. Economic Impact of Sporting Events. In: **Annals of Tourism Research**, v.19, n.4, p.700-710, 1992. Disponível em <[https://doi.org/10.1016/0160-7383\(92\)90062-T](https://doi.org/10.1016/0160-7383(92)90062-T) > Acesso em 10 jun. 2017;

CAMPEONATO MUNDIAL DE FUTEBOL DE 1942. **O Estado de São Paulo**, p.06, 28 mar. 1941;

CAMPEONATO MUNDIAL DE FUTEBOL. **O Estado de São Paulo**, p. 10, 24 out. 1929.

CAMPOS, Ciro. Música e dança vão esquentar a Arena. **O Estado de São Paulo**, Caderno Copa 2014, p.E-7, 12 jun. 2014;

CHADE, J. Mundial baterá todos os recordes financeiros. **O Estado de São Paulo**, Caderno de Esportes, p. D-1, 24 maio 2014;

\_\_\_\_\_. **A Copa Como Ela é**: a história de dez anos de preparação para a Copa de 2014. São Paulo: Companhia das Letras, 2014;

\_\_\_\_\_. CBF vai à FIFA e oficializa candidatura para a Copa. **O Estado de São Paulo**, Caderno de Esportes, p. E-4, 14 abr. 2007;

\_\_\_\_\_. FIFA agora estuda o fim de rodízio entre os continentes. **O Estado de São Paulo**, Caderno de Esportes, p.E-7, 13 out. 2007;

\_\_\_\_\_. FIFA fatura R\$ 16 bi com a Copa no Brasil. **O Estado de São Paulo**, Caderno Nacional, p.A-20, 19 mar. 2015. Disponível em <<http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,fifa-fatura-r-16-bilhoes-com-a-disputa-da-copa-do-mundo-no-brasil,1653669> > Acesso em 16 jun. 2016.;

\_\_\_\_\_. FIFA pede a governadores que evitem problemas para CBF. **O Estado de São Paulo**, Caderno de Esportes, p. E-04, 29 out. 2007;

\_\_\_\_\_. Inspeção começa no final de agosto. **O Estado de São Paulo**, Caderno de Esportes, p. E-2, 01 ago. 2007;

\_\_\_\_\_. Lucro daria para construir as 12 arenas da Copa. **O Estado de São Paulo**, Caderno Nacional, p.A-29, 20 mar. 2015;

\_\_\_\_\_. O Brasil tem estádios para receber a Copa? **O Estado de São Paulo**, Caderno de Esportes, p.E-8, 15 fev. 2004;

\_\_\_\_\_. Platini apoia CBF, mas quer favor. **O Estado de São Paulo**, Caderno de Esportes, p.E-4, 27 out. 2007;

\_\_\_\_\_. **Política Propina e Futebol**: como o “Padrão FIFA” ameaça o esporte mais popular do planeta. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015;

\_\_\_\_\_. Teixeira: Maracanã não está preparado. **O Estado de São Paulo**, Caderno de Esportes, p. E-4, 31 jul. 2007;

\_\_\_\_\_.; LEITE, A. Brasil é favorito em Copa contestada. **O Estado de São Paulo**, Caderno Copa 2014, p.E-1, 12 jun. 2014;

CLAUSSEN, D. Dribbling and Passing: from the gentleman's game to professional football. In: CORNELSEN, E. et al. **Futebol, Linguagens, Artes, Cultura e Lazer**. Rio de Janeiro: Jaguaririca, 2015, p. 39-64;

COAKLEY, J.; SOUZA, D. L. Legados de Megaeventos Esportivos: considerações a partir de uma perspectiva crítica. In: **Revista Brasileira de Educação Física**, São Paulo, v.29, n.4, out-dez. 2015, p.675-686. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/1807-55092015000400675> > Acesso em 10 fev. 2018;

CONCHAS, M. Research possibilities for the 2014 FIFA World Cup in Brazil. In: **Soccer & Society**, v. 15, n. 01, 2014 p.167-174. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1080/14660970.2013.828600> > Acesso em 15 nov. 2018;

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS. **IV Campeonato Mundial de Futebol**: Taça "Jules Rimet". Rio de Janeiro: CBD, 1952.

COSTA, F. R. et al. A Batalha de Berna (1954): a luta pelos sentidos de identidade no campo de futebol. In: **Movimento**, Porto Alegre, v.21, n. 1, p. 155-168, jan/mar de 2015. Disponível em <<http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/46330> > Acesso em 07 jun.2016;

COUTO, E. FIFA começa vistoria no Brasil, que sonha com a Copa de 2006. **O Estado de São Paulo**, Caderno de Esportes, p. E-1, 15 jan. 2000;

DAMO, A. S. The desire, the right and the duty - The plot that brought the World Cup to Brazil. In: **Movimento**, Porto Alegre (BR), v. 18, n. 02, p. 41-81, abr./jun. 2012. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/29910/19077>>. Acesso em 10: jul. 2016.

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contratempo, 1997;

DILMA É HOSTILIZADA PELA TORCIDA. **O Estado de São Paulo**, Caderno Nacional, p. A-01, 13 jun. 2014;

DOLZAN, M. Fan Fest carioca está ameaçada. **O Estado de São Paulo**, Caderno de Esportes, p. E-4, 02 mar. 2014;

DONHA, E. L. et al. Private public funding of the 2014 Soccer World Cup: The case of the stadium Joaquim Américo. In: **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, dez. 2014, Issue S1A/S1R, p.647-663;

DUARTE, O. **Enciclopédia**: todas as Copas do Mundo. São Paulo: Makron Books, 2001.

DUAS QUESTÕES. **O Estado de São Paulo**, 20 jun. 1950, p. 10;

EICK, V. Lack of legacy? Shadows of surveillance after the 2006 FIFA world Cup in Germany. In: **Urban Studies Journal Limited**, v.48, n.15, out. 2011, p.3.329-3.345;

ELIAS, N.; DUNNING, E. The quest for excitement: sport and leisure in the Civilising Process. In: **Collected Works of Norbert Elias**, v.07, Dublin (I.E.): University College Dublin Press, 2008. P.44-72;

EUA: o primeiro satélite de comunicações internacionais foi colocado ontem em órbita. **O Estado de São Paulo**, p. 01, 11 jul. 1962.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION. **2014 FIFA World Cup Brazil**: Technical Reports and Statistics. Zurich, Switzerland FIFA, 2014.

Disponível em <

[https://resources.fifa.com/mm/document/affederation/administration/02/60/91/68/fifaactivityreport2014-en\\_neutral.pdf](https://resources.fifa.com/mm/document/affederation/administration/02/60/91/68/fifaactivityreport2014-en_neutral.pdf) > Acesso em 10 jan. 2018;

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION. **Financial Report 2014**. 65th FIFA Congress, 28 and 29 may 2015, Zurich, Switzerland, p.16.

Disponível em <

[https://resources.fifa.com/mm/document/affederation/administration/02/56/80/39/fr2014weben\\_neutral.pdf](https://resources.fifa.com/mm/document/affederation/administration/02/56/80/39/fr2014weben_neutral.pdf) > acesso em 15 abr. 2017;

FERREIRA, V. H. M. **Teoria Geral do Turismo**. 2ª ed. Palhoça - SC: Unisul, 2007;

FIFA, PODEROSA DIRIGENTE DO FUTEBOL NO MUNDO. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. 10, 14 nov. 1939.

FONTES FILHO, J.; GUIMARÃES, T. V. Participação da Sociedade para Sustentabilidade dos Grandes Eventos Esportivos: o papel dos Conselhos Municipais de Turismo. In: FLORES, Maureen (Org.). **Sustentabilidade, Governança e Megaeventos**: estudo de caso dos Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014, pp.85-107;

FRANCO JÚNIOR, H. **A Dança dos Deuses**: futebol, sociedade e cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007;

\_\_\_\_\_. **Dando Tratos à Bola**: ensaios sobre futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 2017;

FRANZINI, F. **Da expectativa fremente à decepção amarga**: o Brasil e a Copa do Mundo de 1950. In: Revista de História, São Paulo, n. 163, p. 243-274, jul./dez.

2010, p.243-274. Disponível em <

<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19178/0> > acesso em 07 jun. 2016;

FREEMAN, K. M.; BREWER, R. M. Estimating the annual economic impact of sports tourism programs using secondary data. **Journal of Contemporary Athletics**, v. 11, n. 1, p. 1-16, 2017. Disponível em: < <https://www.questia.com/library/journal/1P4-1929726193/estimating-the-annual-economic-impact-of-sports-tourism> >. Acesso em: 08 jan. 2018.

GAMMON, Sean; ROBINSON, Tom. Sport and Tourism: A conceptual framework. **Journal of Sport Tourism**, v. 8,, n. 1, p. 21-26, 2003. Disponível em:

<<http://dx.doi.org/10.1080/14775080320000093425>> Acesso em: 28 out. 2017.

GEHRINGER, M. A História das Copas. **Revista Placar**, Fascículo 4: 1930-1970, São Paulo, jan. 2014;

\_\_\_\_\_. **Almanaque dos Mundiais**: os mais curiosos casos e histórias de 1930 a 2006. São Paulo: Globo, 2010;

GIOVANNI, G. D. Marketing of Corporal Practices: the sport in the society of mass consumption. In: **Revista Gestão Industrial**, v. 01, ano 1, 2005, p.146-154. Disponível em < <https://periodicos.utfpr.edu.br/revistagi/article/view/184> > Acesso em 28 out. 2017;

GIOVINAZZO, R. A. **Focus Group em Pesquisa Qualitativa**. Instituto Paulo Freire. Disponível em < [http://www.paulofreire.org/lusofona/focus\\_group\\_renata.htm](http://www.paulofreire.org/lusofona/focus_group_renata.htm) > Acesso em 29 jul. 2006;

GÓIS JÚNIOR, E. O Esporte e a Modernidade em São Paulo: praticas corporais no fim do século XIX e início do XX. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 4, p. 95-117, out./dez. 2013. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/37530> >. Acesso em: 08 set. 2015.

GONÇALO JUNIOR. Elefantes Brancos: estádios da Copa pedem socorro. In: O Estado de São Paulo, Caderno de Esportes, p.A-22, 29 jan. 2017. Disponível em < <http://www.estadao.com.br> > Acesso em 10 jan. 2018;

GOROKHOV, V. A. Forward Russia! Sports mega-events as venue for building national identity. In: **Nationaties Papers**, v.43, n.02, 2015, p.267-282. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1080/00905992.2014.998043> > Acesso em 10 fev. 2018;

GRIX, J. Sport Politics and the Olympics. In: **Political Studies Review**, 2013, v. 11, p.15-25. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1111/1478-9302.12001>>. Acesso em: 07 set. 2017;

GURGEL, A. **Futebol S/A**: a economia em campo. São Paulo: Saraiva, 2006;

GUZZO, J. R. É tarde para se arrepender. In: **Revista Exame**, São Paulo-SP, p.59, 11 jun. 2014. Disponível em < <http://portalexame.abril.com.br> > Acesso em 15 dez. 2017;

HALLACK, P. Anhangabaú vira extensão de Itaquera. **O Estado de São Paulo**, Caderno de Esportes, p.E-11, 13 um 2014;

HARRISON, D. Tourist, mobilities and paradigms. In: **Tourism Management**, v. 63, p. 329-337, dec. 2017. isponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.tourman.2017.07.002>>. Acesso em: 28 out. 2017.

HOBBSAWM, E. **The age of extremes**: the short twentieh century: 1914-1991. London (U.K.): Michael Joseph, 1994.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA - IBGE. **Economia do Turismo: uma perspectiva Macroeconômica 2003-2009**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

ISHY, M. Turismo e Megaeventos Esportivos. In: **Turismo em Análise**, São Paulo, v.09, n.02, p. 47-61, nov.1998. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/63442>> Acesso em 03 jun. 2016;

KASSENS-NOOR, E. From ephemeral planning to permanent urbanism: an urban planning theory of mega-events. In: **Urban Planinig**, v. 1, n. 1, p.41-54, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.17645/up.v1i1.532>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

KERSHAW, I. **To Hell and Back**: Europe, 1914-1949. London (U.K.): Penguin Books, 2015;

KUPER, S.; SZYMANSKY, S. **Soccernomics**: Why England Loses, Why Germany and Brazil Win, and Why the U.S., Japan, Australia, Turkey--and Even Iraq--Are Destined to Become the Kings of the World's Most Popular Sport. New York: Nation Books, 2009;

LEITE, A. Agora é colocar mãos às obras. **O Estado de São Paulo**, Caderno Especial Brasil 2014, p.H-3, 01 jun. 2009;

\_\_\_\_\_. Arenas do Futebol colecionam problemas. **O Estado de São Paulo**, Caderno de Esportes, p.D-03, 10 jul. 2016;

\_\_\_\_\_. CBF tem faturamento recorde graças à Copa. **O Estado de São Paulo**, Caderno de Esportes, p. A-20, 29 abr. 2015

LOHMANN, P. A inovação do turismo no Brasil: os desafios na construção de sua trajetória. In: **Observatório de Inovação do Turismo, Revista Acadêmica**, Vol. VII, nº2, Rio de Janeiro, abr. 2012;

LOSSO, M. J. Nas arenas, o Mundial não tem só jogos de futebol. **O Estado de São Paulo**, Caderno de Esportes, p. E-6, 22 jun. 2006;

LOUSADA, B. Brasília investe pesado por sonho de abrir a Copa-2014. **O Estado de São Paulo**, Caderno de Esportes, p. E-4, 18 nov. 2008;

\_\_\_\_\_. Gafe e piada sem graça marcam anúncio das 12 sedes do Mundial. **O Estado de São Paulo**, Caderno Especial Brasil 2014, p. H-1, 01 jun. 2009;

LOUSADA, B. Teixeira dá ultimato aos candidatos a sede. **O Estado de São Paulo**, Caderno de Esportes, p.E-4, 10 maio 2007;

MARINHO, G. et al. **Copa Para Quem e Para Que?** Um olhar sobre os legados dos mundiais no Brasil, África do Sul e Alemanha. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2014. p. 12-59

MARTINS, H. H. T. **Metodologia Qualitativa de Pesquisa**. Educação e Pesquisa; São Paulo, v.30, n.2, maio/agosto 2004, p.289-300;

MARTINS, R. FIFA decide: Copa 94 será nos EUA. **O Estado de São Paulo**, p.18, 05 jul.1988;

MASSON, P. **A Segunda Guerra Mundial: História e Estratégias**. São Paulo: Contexto, 2015;

MATTOS, R. Após dois anos da Copa, estádios vivem crises financeiras e denúncias. In: UOL-Esporte, 12 jun. 2016. Disponível em < <http://rodrigomattos.blogosfera.uol.com.br> > Acesso em 10 jan. 2018;

MAZOWER, M. **O Império de Hitler: A Europa sob o domínio nazista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013;

MELO, L. M. Qual é o Legado dos Megaeventos? In: FLORES, Maureen (Org.). **Sustentabilidade, Governança e Megaeventos: estudo de caso dos Jogos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014, pp.177-194;

MINIFIE, J. Particular a iniciativa do empreendimento. **O Estado de São Paulo**, p. 01, 11 jul. 1962.

MINISTÉRIO DO TURISMO DO BRASIL. **Anuário Estatístico de Turismo 2015**. Volume 42, Ano-base 2014, Brasília, 2016. Disponível em < <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/2016-02-04-11-53-05.html> > Acesso em 20 ago. 2017;

MÜLLER, M. (a). What makes an event a mega-event? Definitions and sizes. **Leisures Studies**, London (UK), v. 34, n. 6, p. 627-642, 2015. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1080/02614367.2014.993333> >. Acesso em: 28 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. (b). The Mega-Event Syndrome. In: **Journal of the American Planning Association**, v. 81, n. 1, winter 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/01944363.2015.1038292>>. Acesso em :15 maio 2017.

\_\_\_\_\_. The multiple roles of mega-events: mega-promisses, mini-outcomes? In: **Transparency, International**, SWEENEY, Gareth. Global Corruption Report: Abington: Routledge, 2016, pp.133-138. Disponível em < [https://www.transparency.org/files/content/feature/2.1\\_RoleOfEvents\\_Mueller\\_GCRS\\_port.pdf](https://www.transparency.org/files/content/feature/2.1_RoleOfEvents_Mueller_GCRS_port.pdf) > Acesso 10 set. 2017;

MÜLLER, O.; SIMONS, A.; WEINMANN, M. Beyond crowd judgments: data-driven estimation of market value in association football. **European Journal of Operation Research**, v. 263, n. 2, p.611-624, dez. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.ejor.2017.05.005>>. Acesso em: 10 set. 2017.

NEDER, V. Local de festa da Copa recebe crítica. **O Estado de São Paulo**, Caderno de Esportes, p.A-16, 19 maio 2014;

NETTO, N. M. The symbolic hierarchy of Brazil in the World Cup. In: **Society and State**, Brasília (BR), v.32, n.01, jan-abr 2017, pp.145-169. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69922017.3201007> > Acesso em 10 jan. 2018;

NEVES, J. L. Pesquisa Qualitativa: características, usos e possibilidades. In: **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v.1, n.2, 2º sem.1996. Disponível em < <http://regeusp.com.br/arquivos/C03-art06.pdf> > Acesso em 10 set. 2017;

NOLL, R. G.; ZIMBALIST, A. **The Economic of Sports Teams and Stadiums**. Whashington, D.C.: Brookings Institution Pres, 1997;

NOOIJ, M. Mega Sport Events: a probalistic social cost-benefit for the games. In: **Journal of Sports Economics**, v.15, n.04, 2014, p. 410-419. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1177%2F1527002512461798> > Acesso em 10 jun. 2017;

NOTAS ESPORTIVAS DO ESTRANGEIRO. **O Estado de São Paulo**, p. 09, 27 maio 1938.

ORGANIZAÇÃO DA COPA FOI 1ª VITÓRIA. **O Estado de São Paulo**, p. 43, 31 maio 1970;

OS CAPÍTULOS DO MUNDIAL. **O Estado de São Paulo**, Caderno de Esportes, p.E-01, 12 jun. 2014;

PADIGLIONE, C. Pela TV, abertura deixou a desejar. **O Estado de São Paulo**, Caderno Copa 2014, p.E-7, 13 jun. 2014;

PAIVA, M. R. Paradoxo SP. **O Estado de São Paulo**, Caderno Dois, p.c.10, 12 jul. 2014;

PENNAFORT, R.; et al. Festas pelo País animam brasileiros e estrangeiros. **O Estado de São Paulo**, Caderno de Esportes, p. E-11, 13 jul. 2014;

PEREZ, R. Sucesso da Copa depende do Brasil. **O Estado de São Paulo**, p.45, 24 ago. 1975;

PESAVENTO, S. J. Imagens da nação, do progresso e da tecnologia: a Exposição Universal de Filadélfia de 1876. In: **Anais do Museu Paulista** [online]. 1994, v.2, n.1, p. 151-168. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v2n1/a11v2n1.pdf> > Acesso em 08 mar. 2016.

PIOVESAN, A; TEMPORINI, E. R. **Pesquisa Exploratória**: procedimento metodológico para o estudo de fatoreres humanos no campo da saúde pública. In: **Revista de Saúde Pública**, n. 29, v.. 4, p. 318-325, 1995. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89101995000400010> > Acesso em 10 set. 2017;

PROJETO DE CONSTRUÇÃO DE ESTÁDIOS EM VÁRIOS ESTADOS. **O Estado de São Paulo**, 04 ago 1946, p.11;

PRONI, M. W. A Economia do Esporte em Tempos de Copa do Mundo. In: **DICYT - Agência Iberoamericana Para La Difusion de La Ciencia Y La Tecnología**, São Paulo, 12 jun. 2014. Disponível em < <http://www.dicyt.com/noticia/a-economia-do-esporte-em-tempos-de-copa-do-mundo> > Acesso em 10 nov. 2015;

\_\_\_\_\_. **Esporte-Espetáculo e Futebol-Empresa**. 1998. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1998.262p.

RIBEIRO JR, A.; et al. **O Lado Sujo do Futebol**: a trama de propinas, negociatas e traições que abalou o esporte mais popular do mundo. São Paulo: Planeta, 2014.



RIBEIRO, M. Uma festa para fãs de futebol e anunciantes. **O Estado de São Paulo**, Caderno de Negócios, p. N-8, 14 jun. 2010;

ROCHE, M. Mega-Events and Micro-Modernization: on the sociology of the new urban tourism. **The British Journal of Sociology**, v. 43, n. 4, p.563-600, dec. 1992. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/591340>>. Acesso em: 16 out. 2017.

\_\_\_\_\_. Sports mega-events, modernity and capitalist economies: globalization and the case of the Olympics. In: **The Sociological Review**, v. 54, n. 2, p. 27-40, 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-954x.2006.00651>>. Acesso em: 16 out. 2017.

ROSSI, J; MENDES JUNIOR, Leonardo. **Guia politicamente incorreto do futebol**. São Paulo: Leya, 2014.

SANTO, C. The Economic Impact of Sports Stadiums: recasting the analysis in context. In: **Journal of Urban Affairs**, v.27, n.2, pp.177-191. Disponível em <<https://doi.org/10.1111/j.0735-2166.2005.00231.x> > Acesso em 10 jan.2018;

SANTOS, A. D. G.. Os três pontos de entrada da economia política no futebol. **Revista de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p.561-575, abr./jun. 2014. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32892014000200561&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32892014000200561&script=sci_arttext) >. Acesso em: 08 set. 2015.

\_\_\_\_\_.; MARIA, D. B. A fase da multiplicidade da oferta na indústria cultural e no futebol. In: **Revista Mediação**, Belo Horizonte, v. 16, n. 18, p. 45-60, jan-jun. 2014. Disponível em < [http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/2187/pdf\\_4](http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/2187/pdf_4) > Acesso em 10 maio 2017;

SANTOS, P. C.. Um olhar sobre as exposições universais. In: **ANPUH, XXVI Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social (Anais)**, Natal-RN, 22 - 26 jul. 2013. Disponível em < [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1362520918\\_ARQUIVO\\_CesarANPUH1.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1362520918_ARQUIVO_CesarANPUH1.pdf) > acesso em 08 mar. 2016

SARNEY CRIARÁ COMISSÃO PARA RESPONDER À FIFA. **O Estado de São Paulo**, p. 17, 01 abr. 1987;

SIEGFRIED, J.; ZIMBALIST, A. A Note on the Local Economic Impact of Sports Expenditures. In: **Journal of Sports Economics**, v.3 issue.4, pp.361-366, nov. 2002. Disponível em < <https://doi-org.ez48.periodicos.capes.gov.br/10.1177/152700202237501> > Acesso 30 jan. 2018;

SIEGFRIED, J.; ZIMBALIST, A. The Economic Impact of Sports Facilities, Teams and Mega-Events. In: **The Australian Economic Review**, v.39, n.04, pp.420-427. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-8462.2006.00431.x> > Acesso em 15 jan. 2018;

SILK, M.; MANLEY, A. Globalization, urbanization & sporting spectacle in Pacific Asia: places, peoples & pastness. **Sociology of Sport Journal**, v. 29, n. 4, p. 455-

484, 2012, Disponível em: < <https://doi.org/10.1123/ssj.29.4.455> > Acesso em: 06 out. 2017.

SILVEIRA, L. M.; MELO, V. P. Tecnologia, Arte e Entretenimento: a obscuridade dos artifícios para o estímulo do progresso e do consumo. In: Art Sensorium, Curitiba-PR, v.01, n.02, p.09-20, dez. 2014. Disponível em < <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/sensorium/article/view/248/269> > acesso em 08 mar. 2016;

SMIT, B. **Pitch invasion**: three stripes, two brothers, one feud: Adidas, Puma and the making of modern sport. London (U.K.): Penguin Books, 2006.

SOLBERG, H. A.; PREUSS, H. Major sports events and long-term tourism impacts. **Journal of Sport Management**, v. 21, p. 213-234, 2007. Disponível em < <http://wspahn.camel.ntupes.edu.tw/ezcatfiles/t063/download/attdown/0/event%20on%20term%20tourism%20JSM%202007.pdf> >. Acesso em: 10 jun. 2017.

TAVARES, O. Sport's Mega-Events. In: **Movimento**, Porto Alegre-RS, v.17, n.03, p.11-35, jul.-set. 2011. Disponível em < <http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/23176/17730> > Acesso 10 maio 2017;

TEIXEIRA, M. A. Gols contra a vida do País diminuem o charme da Copa. **O Estado de São Paulo**, Caderno Nacional, p. A-04, 13 jun. 2014;

THIEM, A. Membership function sensitivity of description statistics in fuzzy set relations. In: **International Journal of Social Research Methodology**, 2014, v.17, n.06, pp.625-642. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1080/13645579.2013.806118> > Acesso em 13 set. 2017;

THOMÉ, C. Paulista foi quem mais viajou na Copa. **O Estado de São Paulo**, Caderno Metrópole, p. A-19, 16 jul. 2014. Disponível em < <http://acervo.estadao.com.br/publicados/2014/07/16/g/20140716-44101-nac-18-mrt-a19-not-hwaaqah.jpg> > Acesso em 24 jun. 2016

TRANSMISSÃO JÁ ESTÁ CONFIRMADA. **O Estado de São Paulo**, p. 20, 21 jan. 1970.

UM OBJETIVO COMUM: VENDER TUDO. **O Estado de São Paulo**, p. 27, 13 ju. 1974;

VALLE, C.; CASTRO, L. M.; ITALIANI, R. SP proíbe camelôs durante a Copa. **O Estado de São Paulo**, Caderno Metrópole, p. A-20, 11 abr. 2014;

VILLANO, B. Gestão do Conhecimento como elemento de Otimização e suporte do Processo de Gestão de Legados de Megaeventos Esportivos. In: FLORES, Maureen (Org.). **Sustentabilidade, Governança e Megaeventos**: estudo de caso dos Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014, pp.137-176;

ZIMBALIST, A. **Circus Maximus**: the economic gamble behind hosting the Olympics and the World Cup. Washington, D.C.: Brookings, 2015.

\_\_\_\_\_. Is It Worth It? Hosting the Olympic Games and other mega Sporting events in a honor many countries aspire to - but why? In: **Finance and Development**, march 2010, p.08-11. Disponível em < <https://www.imf.org/external/pubs/ft/fandd/2010/03/pdf/zimbalist.pdf> > Acesso em 10 jan. 2018;